FACULDADE DE ARQUITETURA
LISBON SCHOOL OF ARCHITECTURE
UNIVERSIDADE DE LISBOA



Á G U A - I Z É

COMPLETAR À MEMÓRIA, O VAZIO SOBRE O MAR

MARA ISABELA SANTOS CORREIA
(Licenciada)

Orientação| Professor Doutor Miguel Baptista-Bastos
Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

Projeto Final para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Júri | Presidente: Professor Doutor António Janeiro
Vogal: Professor Doutor João de Sousa Morais

Documento definitivo.
Lisboa, Faul, Julho de 2022



Á G U A - I Z É

COMPLETAR À MEMÓRIA, O VAZIO SOBRE O MAR

Para o meu "Correiazinha".
O meu amanhã que não esperou.


IN CIVILIZATIONS WITHOUT BOATS,
DREAMS DRY UP.
FOUCAULT

R E S U M O

Esquecidas no golfo da guiné, as ilhas de São Tomé e Príncipe são marcadas pela sua relação entre terra e mar e pelo território natural endémico transformado pelos diversos ciclos de crescimento e desenvolvimento demográfico, que deram origem às Roças. Governada por senhores Portugueses e mantida por mão de obra escrava, a Roça, no território Santomense, trouxe grandes avanços tecnológicos e económicos. Atualmente, contudo, carrega apenas a memória destes períodos, entre muros caídos e comunidades menos favorecidas. É conhecido que em contextos de escassos recursos económicos, o património construído é transferido para segundo plano nas prioridades das populações e esquecido o seu potencial enquanto catalisador para o desenvolvimento. É neste contexto de fraca valorização do território e de dependência do país em ajudas externas que se pretende, com este projeto inverter esse processo, recorrendo à memória das roças enquanto "motores" da economia do país. Deste modo, o projeto que aqui se apresenta tem como intuito, através da arquitetura, fomentar um novo sector na economia, que se acredita ser capaz de inverter a instabilidade económica e melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes.

Centrado numa antiga Roça exportadora debruçada sobre o mar, o projeto foca-se sobre o fecho de um traçado urbano perdido no tempo. Testemunho da identidade do conjunto urbano e homenageia a memória deste lugar vazio e esquecido, através da (re)conexão com a vila; entendendo que um momento perdido na história da roça surge como solução para toda a sua restruturação e emancipação. Sobre um muro caído e esquecido no tempo, agora barreira para o mar, ergue-se uma nova visão de valor para a atividade piscatória, capaz de criar riqueza para as comunidades e para o arquipélago. Propõe-se, simultaneamente, um repensar sobre a vila e as suas carências, sempre que possível, preservando a imagem e a identidade do conjunto. Com base nos princípios do viver tropical, pretende-se que esta requalificação seja capaz de constituir a alavanca para repensar o possível futuro de Água-Izé e que seja um exemplo para as restantes Roças à procura de rumo.

PALAVRAS-CHAVE:

Arquitectura tropical . Roça . Memória .

. Vazio . Pesca

TITLE
ÁGUA-IZÉ; COMPETAR À MEMORIA O VAZIO SOBRE O MAR

AUTHOR
Mara Isabela Santos Correia

MENTORS
Professor Joana Malheiro
Professor Miguel Baptista Bastos

Master's Degree in Architecture
Lisbon, Julho , 2022

A B S T R A C T

Lost inshore the Gulf of Guinea and victims to the world's oblivion, the archipelago of São Tomé e Príncipe is deeply moved by its relationship between land and sea; by its endemic natural riches, manipulated by centuries of demographic development and growth cycles, which resulted in the origin of Roças. Ruled by their Portuguese lairds, and kept in motion on the backs of slavery, São Tomé's Roças have brought to the region a great deal of technological and economic achievements. However, nowadays their crumbling ruins and broken human fabrics grasp but a memory of its periods of growth. It is a given fact that, amidst hard economic scarcity, investment on urban and public structures fall in line of priorities, and its potential as a strong economic stimulus is completely overlooked. It is within the concerns of the poor territorial appreciation and dependency on external financial aid (that define São Tomé nowadays), that this project hopes to invert such tendencies – betting on a reinvented model of the traditional roça as motor of economic progress. Through Architecture, the following assignment intends to encourage a new production sector to São Tomé, specifically planned to help fight social and economic instability, and give back a dignifying quality of life to its population.

The project highlights a secular agricultural production roça looking over the Atlantic Ocean: it focuses on its broken urban plan, lost to the passage of time.

Testimonial to the identity of the ensemble, it pays homage to the memory of this empty, forgotten place, through a (re)connection to the village. The project mirrors the insight that a single moment lost in its structure´s History can sprout an answer to its restructuration and upbringing. Over a collapsed seashore wall, now a visual and physical barrier, a new, fresh plan on the worth of the fishing activity unravels, committed to the service of the community and the islands. Action is also due towards the village, taking in consideration its needs, and preserving its image and identity as much as possible. Based on the grounds of the "tropical lifestyle", this requalification design project assumes itself as a model to the future development of Água-Izé, and presents a possible parallel answer to the rest of the structures - adrift and abandoned.

KEYWORDS:

Tropical Architecture .Roça .Memory . Urban Void .Production . Fishing



[01]

A G R A D E C I M E N T O S

De longe, e de perto, a fechar uma jornada de 5 anos, há que contar com muitos agradecimentos. Assim sendo, gostaria de agradecer com maior destaque:

À professora Joana Bastos Malheiro, pela inspiração, motivação e entusiasmo constantes. Por ter acreditado desde o primeiro momento.

Ao professor Miguel Baptista Bastos, pela disponibilidade e generosa partilha, mas acima de tudo, pelo indispensável contributo crítico e horas de conversa que se estenderam para lá das combinadas.

À família, que à distância, foi o meu maior suporte. Por vibrarem com as minhas conquistas e chorarem comigo quando falho. Pela oportunidade, pelo sacrifício e pelo apoio incansável. São vocês a base de todas as minhas conquistas.

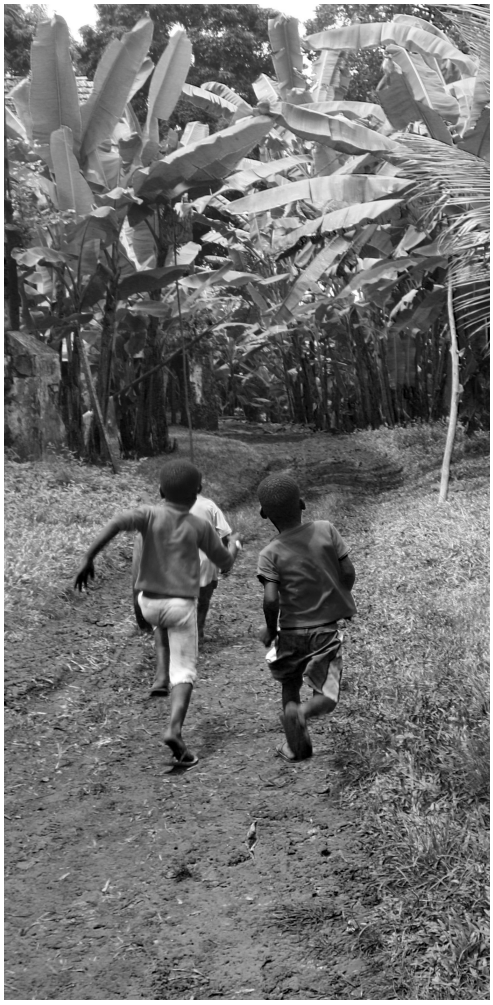
A quem termina este curso comigo e esteve presente nos momentos em que já só dormimos e comemos as inquietações do trabalho; ao Gustavo, que desde início se revelou como um irmão para mim. Ao António, que foi o meu arcobotante, pelas palavras certas, nos momentos certos. À Isabel, à Matilde, ao Miguel, à Rita e ao Hélder, pelo apoio e pela amizade. Ao "Angelo e à Camara" pelos bons momentos de trabalho, mas especialmente, pelos de descompressão.

No contexto deste último trabalho, devo ainda uma palavra de profunda gratidão;

a todos os que em São Tomé e Príncipe, apesar da sua passagem breve, com a sua hospitalidade e generosidade contribuíram para a compreensão e aprofundamento do viver tropical, deste pequeno, mas deslumbrante território insular. Ao Fernando, pela partilha e pelas palavras, capazes de colorir até os dias de chuva, durante a descoberta da mais bela e pequena das cidades. Ao Chico Paraíso, pela alegria inabalável.

A Lisboa, pela inspiração, pelas aventuras, pelo crescimento.

A todos e por tudo, obrigada.



[02]

00.

RESUMO
[VII]

ABSTRACT
[IX]

AGRADECIMENTOS
[XIV]

ÍNDICE
[XX]

ÍNDICE DE FIGURAS
[XXII]

INTRODUÇÃO
[30]

01.

O TERRITÓRIO

O Cenário
[43]

A história
[51]

. As ilhas
. As Roças
. As ilhas, hoje

02.

A ROÇA

Água-Izé
[93]

A desordem como matriz
[109]

.A cidade informal
.A Casa Vernacular

03.

A MARGEM

O muro caiu…
[143]

A vida social precisa de um lugar!
[149]

O Vazio, como fruto da indiligência
[154]

ÍNDICE

04.

O MAR

.Apontamento Económico
[170]

.A Pesca: o parente pobre da economia
[176]

.Casos de estudo
[195]

VILLA MONROY
A CASA MALAPARTE
COMPLEXO SALINAS
MERCADO SANTA
MARIA DA FEIRA

05.

A PROPOSTA

Viva ao muro!
[223]

(Re)desenho urbano
[235]

O mercado
[257]

A(s) fábrica(s)
[267]

O desenho da intimidade
[283]

CONSIDERAÇÕES FINAIS
[249]

BIBLIOGRAFIA
[278]

ANEXOS
[251]

CAPA: elaborada pela autora.

01. Isa, habitante de Água-Izé.
Elaborado pela autora.

02. Crianças a correr nos campos de cacaueiros de Água-Izé. Fotografia da autora. 2019

03. "Chegada às ilhas". Fotografia da autora. 2019

04. Croquis das cartas de navegação ; Valentim Fernandes 1507 in http://atlas.saotomeprincipe.eu/.

05. De cima para baixo: parte montanhosa da ilha; O cenário da praia; O mar. In Arquivo Histórico Ultramarino.

06."Crianças em Água-Izé". Fotografia da autora. 2019

07. Ilha de S.Tomé; Baía de Ana chaves; Cais marítimo. In Arquivo Histórico Ultramarino.

08. De cima para baixo: Trabalho nos campos. Elaborado pela autora. Escravos nos campos da cana do açúcar. In In Arquivo Histórico Ultramarino. A escravatura in Arquivo Rtp.

09. Uma planície a sul da ilha; I;Estrutura Roceira; Agrupamento de trabalhadores. In Arquivo Histórico Ultramarino.

10. Os filhos da terra; In Arquivo Histórico Ultramarino.

11. cacau. Elaborado pela autora.

CAPA. Roça na ilha do príncipe. http://rolodefilme.pt/herdeirosdaescravatura/

12. De cima para baixo: Roça Rio do Ouro - exemplo de roça avenida. Elaborado pela autora. Baseado na planta de Duarte Pape e Rodrigo Rebelo de Andrade, in Roças de São Tomé e Príncipe, p.127.

Roça Paciência - exemplo de roça terreiro. Elaborado elaborado pela autora. Baseado na planta de Duarte Pape e Rodrigo Rebelo de Andrade, in Roças de São Tomé e Príncipe, p.151.

Roça Água-Izé - exemplo de roça cidade. Elaborado pela autora. Baseado na planta de Duarte Pape e Rodrigo Rebelo de Andrade, in Roças de São Tomé e Príncipe, p.105.

CAPA. Vista da casa principal da Roça Ribeira-Peixe.
In ttp://saotomeaminhahistoria.blogspot.com/2012/09/ruinas-na-praia.html

13. apanha do cacau. Elaborado pela autora.

CAPA. Roça Água-Izé. Fotografia da autora. 2019

14. Diagrama Localização da Roça Água-Izé.
Elaborado pela autora.

15. Diagrama explicativo da estrutura Roceira de Água-Izé. Elaborado pela autora.

16. De cima para baixo: Vista das ruas principais de Água-Izé; Planta Explicativa da Roça. Elaborado pela autora.

17. Vista das Ruas principais e das sanzalas da Roça Água-Izé. Elaborado pela autora.

18. De cima para baixo; Roça Água-Izé;
estrutura Maritima de Água-Izé. In Arquivo Histórico Ultramarino.

19. Vistas sobre a baía e respetiva Estrutura Maritima de Água-Izé. In Arquivo Histórico Ultramarino.

20. De cima para baixo: A margem; Caminhos de ferro da Roça Água-Izé. In Arquivo Histórico Ultramarino.

21. Diagramas da evolução urbana da Roça Água-Izé. Elaborado pela autora, com base nos mapas GoogleEarth.

22. Cubata de São Tomé. Elaborado pela autora.

CAPA. Habitação Vernacular. Fotografia da autora. 2019

23. Exemplo de casa típica de São Tomé e as respectivas estratégias bioclimáticas com base no manual Arquitecto de pé descalço. Elaborado pela autora.

24. Bancos improvisados junto às sanzalas de Água-Izé. Fotografia da autora. 2019

25. Vivência do espaço exterior. Fotografia da autora. 2019

26. Bancos improvisados junto às sanzalas de Água-Izé. Fotografia da autora. 2019

27. Habitantes de água-izé a aguardar junto à estrada. Fotografia da autora. 2019

ÍNDICE DE FÍGURAS

28. Habitante da Roça Água-Izé.. Fotografia da autora. 2019

29. Criança da Roça Água-Izé, a aguardar o passar dos carros sobre os limites da estrada principal. Fotografia da autora. 2019

29. Habitantes ao abrigo da sombra dos pilares da casa principal da Roça Água-Izé. Fotografia da autora. 2019

30. Habitantes à sombra, sobre a estrada vazia. Fotografia da autora. 2019

CAPA. Resquícios de uma guarda colonial. Fotografia da autora. 2019

32. A margem na actualidade. Fotografia da autora. 2019.

33. A margem na actualidade. Fotografia da autora. 2019

34. A margem na actualidade. Fotografia da autora. 2019

35. A baía vista do terreiro religioso. Fotografia da autora. 2019

36. Crianças nos coqueiros da margem de Água-Izé. Fotografia da autora. 2019

37. Planta e fotografia da baía de Brixham. In livro Paisagem Urbana de Cullen (presente na bibliografia).

38. A margem. Elaborado pela autora.

CAPA**.** Criança no mar da baía. Fotografia da autora. 2019

39. Piroga - pequena embarcação Santomense. Elaborado pela autora.

CAPA. Pescadores a conversar na baía de Água-Izé. Fotografia da autora. 2019

40. Pescador. Elaborado pela autora.

41. Embarcações de pesca atracadas na baía de Água-Izé; A limpeza da apanha. Fotografia da autora. 2019

42. Vista para o antigo pontão; pescador em Água-Izé. Fotografia da autora. 2019

43. A limpeza do peixe no areal da baía de Água-Izé. Fotografia da autora. 2019

44. Estruturas em madeira de apoio à pesca nos imites da baía de Água-Izé.; Pescador em Água-Izé. Fotografia da autora. 2019

45. De cima para baixo: Palaiê; Pescador a limpar o peixe. Escada de acesso à baía de Água-Izé. Elaborados pela autora.

45. Pescadores à saída da baía de Água-Izé em direção à cidade de Santana. Fotografia da autora. 2019

CAPA. Crianças a brincar junto às ruínas da casa principal de Água-Izé. Fotografia da autora. 2019

47. Concetualização da proposta de Alejandro Aravena para a Quinta Monroy em função das restrições impostas, 2003 in Elemental S.A, 2003, in arcspace.com/feature/quinta-monroy

48. Quinta Monroy, 2003: a casa e a ocupação In Elemental S.A, 2003, in archdaily.com.br/br/01-28605/quinta-monroy- elemental?ad_medium=gallery

49. Casa Malaparte. In https://dryroastedarch.tumblr.com/page/6

50. Croquis e esquema da casa Malaparte. Autor desconhecido. In https://dryroastedarch.tumblr.com/page/6

51. Vistas da casa malapçarte e plantas diagramaticas. In in https://afasiaarchzine.com/2010/07/paulo-david-arquitecto-2/

52. Planta e Alçado do projeto Salinas de Paulo David; in https://afasiaarchzine.com/2010/07/paulo-david-arquitecto-2/

53. Vista interior e exterior do mercado de Fernando Távora. In https://core.ac.uk/download/pdf/154276667.pdf

54. Croqui do maro. Elaborado pela autora.

55. Planta esquemática da proposta de requalificação da margem de Água-Izé. Elaborado pela autora.

56. O mar, proposta esquemática de requalificação da margem de Água-Izé. Elaborado pela autora.

57. e cima para baixo:Planta da requalificação da frente mar; Muro ; materialidade do rochedo da Boca do inferno; Elaborado pela autora.

58. O Pontão e A requalificação da Frente mar. Elaborado pela autora

59. Proposta para a cobertura como palco de convívio. Elaborado pela autora

60. A promenade; A antiga capitania.Elaborado pela autora

61. Vista para o mar da cobertura. Elaborado pela autora

62. As curvas de nível.Elaborado pela autora

63. Edificado Existente e linhas dominantes.Elaborado pela autora

64. Edificado preservado.Elaborado pela autora

65. Malha proposta.Elaborado pela autora

66. A proposta. Elaborado pela autora

67. Esquema de perfis de rua. Elaborado pela autora

68. Enfiamento da rua principal; muros, passeios e pavimentos. Elaborado pela autora.

69. Esquema da localização dos equipamentos preservados. Elaborado pela autora

70. Banca de venda Informal. Fotografia da autora. 2019

71. Planta da proposta pra o mercado. Elaborado pela autora

72. Mercado de São Tomé. Fotografia da autora. 2019

73. Mercado informal. Autor desconhecido.

74. Croquis da proposta para o espaço mercantil da Roça Água-Izé; Estrutura pilar viga proposta para o mercado. Elaborado pela autora.

75. Postos de venda informal. Fotografia da autora. 2019

76. Proposta esquemática das adaptações do mercado. Elaborado pela autora

CAPA. Travessa com peixe. In https://www.magnumphotos.com/newsroom/magnum-digest/magnum-digest-july-16-2021/

77. Uma cavala. Elaborado pela autora. Elaborado pela autora.

78. Planta da fábrica de conservas; trabalhador; perspectivas da ambiencia; Elaborado pela autora

79. A ruina vista da Roça. Elaborado pela autora

80. A ruina vista da Roça. Elaborado pela autora

81. A ruina vista da Roça. Elaborado pela autora

82. Enquadramento das vistas da ruina. Elaborado pela autora

83. Planta da proposta para o secador; e respectivas Perspectivas interiores. Elaborado pela autora

84. Esquema do processo de enlatamento, descomposto pelos equipamentos propostos. Elaborado pela autora

85. Criança à janela.Fotografia da autora. 2019

86. Casas. 17th century Japanese house. Autor desconhecido. In https://www.instagram.com/p/CC0KoCnClvJ/?utm_medium=copy_link

Dymaxion House, Buckminster Fuller, Carolina do Norte, 1940, Fotografia de Sybil Moholy-Nagy. In https://it.m.wikipedia.org/wiki/File:Dymaxion_House_-_LOC_8c14945v.jpg

87. Planta e Planta de cobertura da proposta da habitação. Elaborado pela autora

88. Esquema das adaptações possíveis para o espaço da habitação. Elaborado pela autora

89. Relação da Casa com os perfis da rua. Elaborado pela autora

90. O quarteirão. Elaborado pela autora

91. Crianças à janela em São Tomé. Fotografia da autora. 2019

92. Criança à janela em São Tomé. Elaborado pela autora

93. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

95. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

95. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

96. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

97. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

98. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

99. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

100. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

101. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

102. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

103. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

104. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

105. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

106. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

107. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

108. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

109. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

110. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

111. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

112. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

113. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

114. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

115. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

116. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

117. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

118. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

119. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

120. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

121. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

122. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

123. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

124. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

125. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

126. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

127. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

128. REGISTO DA VIAGEM. Fotografia da autora. 2019

129. Maquete final habitação. Dia de Exame de Primeiro semestre. Fotografia da autora. 21 janeiro, 2019

130;148. Peças finais de apresentação. Fotografias da autora.

CASA PRINCIPAL nome feminino; habitação do proprietário e administrador da roça; arquitectura de matriz colonial e o edifício com maior destaque na roça.

DEPENDÊNCIAS nome feminino; roças de pequena dimensão com o objectivo de expandir a área de influencia das roças-sede.

OBÔ nome masculino; Nome atribuído à floresta natural de São Tomé e Principe.

ROÇA nome feminino; derivação proveniente do verbo «roçar», acto de roçar o mato para dar lugar a plantações. Assentamentos do tipo agrícola-industriais. Lugar onde se exploravam agriculturas lucrativas como o cacau e o café.

ROÇA SEDE nome feminino; roça principal, geralmente de maior dimensão e que geria as dependências. Devido à sua infra-estrutura era praticamente auto-sustentável.

ROÇA PORTO nome feminino; roças com um porto marítimo, permitindo a exportação dos produtor produzidos na sua sede e dependências. Considerada também uma dependência da roça sede.

SANZALA nome feminino; termo originário do quimbundo angolano, que significa «povoação», termo referente às habitações dos escravos/serviçais das roças.

STP Arquipélago de São Tomé e Príncipe.





I N T R O D U Ç Ã O

Ancoradas sobre a linha do equador e adormecidas no tempo, São Tomé e Príncipe assume-se para quem olha as ilhas sem contaminações prévias, a representação terrena mais próxima da ideia de paraíso. Praias imaculadas, onde a floresta tropical se debruça sobre o azul translúcido e límpido do mar. Vegetação exuberante, clima tropical e alimento disponível ao estender da mão. Uma lista sem fim, que deslumbra o olhar de quem as visita e o ouvido de quem delas ouve falar. Contudo, a beleza natural do país, não corresponde à beleza da sua história. São Tomé e Príncipe, é país de contrastes, onde a beleza e a degradação andam de mãos dadas, nas paisagens, nas terras e nas gentes.

"Não é bem um país, é um projecto dos deuses atraiçoado pelos homens. (…) como se as ilhas fossem demasiado perfeitas para a condição humana."[1]

[1] Miguel Sousa Tavares (1999), p.111.

Rico em paisagens estórias, a história do arquipélago entrelaça-se com a narrativa da epopeia marítima do povo português aquando das navegações junto da costa africana. Descoberto a 2000 milhas do continente europeu, ainda que, longe da Europa, poucas horas bastam para sentir que o lugar é familiar. A herança portuguesa está vincada por todo o território, desde a língua à Arquitetura. Contudo, ainda que exista uma herança portuguesa, a humidade e o clima tropical, fitam-nos os vícios Ocidentais. Viver na ilha, é viver a rua e fundamentalmente, reaprender o significado de comunidade.

Fortemente marcado pela ocupação portuguesa, que definiu a identidade local, até os dias de hoje, STP, o território escolhido, conta-nos a história da sua prosperidade através de uma arquitetura ímpar; As Roças. Conhecidas pelo seu papel de influência na modelação e estruturação da economia do território, após concebida a independência das ilhas, estes equipamentos caíram num estado de degradação profundo e de conjuntos agrícolas otimizados, passaram a "aldeias improvisadas", onde actualmente residem cerca de 75% da população Santomense. Afastadas dos centros urbanos, as comunidades residentes abrigam-se do calor e das chuvas intensas no que resta das antigas estruturas coloniais, adiando o inevitável dia em que estas estruturas colapssem e tenham de começar uma vida num novo lugar. Face às fracas condições de habitabilidade e de acesso, as populações vêem-se cada vez mais isoladas. Incentivando a procura pelas cidades, progressivamente mais sobrelotadas.

Entendendo o património Roceiro não só como uma peça de relevante de grande valor simbólico, mas enquanto motores adormecidos, o projeto revê na requalificação destas unidades agrícolas uma oportunidade de reverter o processo de deterioração e degradação do pais.

Localizada numa planície privilegiada entre o Obô e o mar, Água-Izé, o palco escolhido deste Projeto de Final de Mestrado, foi no passado uma das mais importantes Roças exportadoras da ilha. Contudo, hoje esquecida sobre o plano da estrada, sobrevive sem a memória do que outrora foi.

Debruçado sobre o plano de água, um antigo muro que interligava a comunidade ao mar ruiu e com ele, o futuro da comunidade que encerra. Em posição de remate do conjunto urbano, não deixa de ser irónico, que a peça que outrora contribuiu para o desenvolvimento e emancipação de Água-Izé além mar, hoje aprisione e comprometa o acesso da comunidade ao mar. Desapropriado da sua função de suporte, a margem perdeu-se enquanto lugar e hoje, sem utilidade, assume-se um grande vazio perdido no tempo que atesta e testemunha sobre a estrada a inactividade em que as Roças se encontram. Presas a um diálogo onde só a natureza responde, quem aqui vive convive com a memória de um passado e assiste à inércia do tempo presente.

Compreendendo que a base económica das ilhas se apoia na agricultura e na pesca tradicional, a inexistência de ligação ao mar na Roça, impõe-se

como problema urbano, que aprisiona a comunidade e condiciona o seu desenvolvimento económico. Na ausência de infra-estruturas de apoio a estas actividades e melhor ligação ao mar, os habitantes vêem-se obrigados a deslocar-se à baía mais próxima, cobrindo seu cenário idílico de despojos das apanhas. Face à importância do mar no contexto económico das ilhas e atendendo as circunstâncias económicas frágeis do arquipélago, este projecto procura através de uma solução ambiciosa, reverter o ciclo vicioso e destrutivo em que a economia se encontra apoiada, abrindo a discussão a novas possibilidades, como a reestruturação do sector das pescas.

Transformar a memória de outros tempos e completar o vazio sobre o mar, são o ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho. Pois a Roça Água-Izé, pela sua localização e por se assumir como um dos três centros piscatórios do distrito de Cantagal, reune reúne as condições ideais para a criação de implementação de um sistema económico, com base na actividade piscatória. Sendo este um sector estratégico e em crescimento, acredita-se capaz de estabilizar a balança comercial e melhorar a estrutura económica das ilhas. Pretende-se que o investimento em actividades emergentes no local, promovam o desenvolvimento desta comunidade e que esta intervenção possa servir de exemplo para as restantes Roças, hoje a procura de um rumo.

Completar, no sentido da palavra, implica tornar pleno, rematar o inconcluso com o complemento. Num primeiro gesto, o projeto prevê o fecho de um traçado urbano perdido no tempo, entre a Roça e o mar. Pretende-se o fecho de uma história. Numa fase posterior, são devolvidas à baía, por meio de um percurso pedonal, ligações já não existentes que complementarão o melhoramento de serviços atualmente presentes na pequena comunidade piscatória da baía e à deriva na ilha. Visando com esta recuperação impulsionar o desenvolvimento da comunidade. Abrindo portas onde hoje existem barreiras.

Divida em 3 fases, associadas as diferentes problemáticas, a intervenção desdobra-se em: Escala urbana, escala do equipamento e escala da habitação.

À escala urbana, procura-se uniformizar o traçado urbano, juntamente com a recuperação dos limites formais da Roça. Adaptando as pré-existências às necessidades actuais da comunidade. À escala dos equipamentos, são propostos diferentes edificados estruturantes, que visam o desenvolvimento e a emancipação futura da comunidade e das famílias. Nomeadamente, a escola, a lota, o mercado, o secador de pimentas e a fábrica de conservas de peixe. À escala da habitação, associada ao espaço íntimo, explora-se a simplicidade do habitar tropical.

Associada às diferentes escalas de intervenção, o presente trabalho divide-se em 6 capítulos , estruturados do geral para o particular.

O capítulo, 01.**O TERRITÓRIO,** procura compreender e conhecer, à escala do arquipélago, os aspetos que condicionam a arquitetura e a ocupação humana, como o clima e temperatura e a geomorfologia do território. Sendo o segundo, momento dedicado à compreensão do contexto Histórico e social das ilhas.

Capítulo, 02. **A ROÇA**, dedica-se a uma escala mais aproximada, conhecer a Água-Izé, no contexto histórico e toda a sua complexidade formal, passando por uma análise às questões e problemáticas relacionadas com a habitação informal e os distúrbios urbanos, desencadeados pelo crescimento urbano pós colonial.

No capítulo 03. **A MARGEM**, parte-se da análise feita anteriormente, orientada pelas questões questões relacionadas com a desarticulação e desfasamento entre o espaço da roça e o mar - local escolhido para a intervenção. Concluindo com os conceitos que definem o espaço e delineiam os princípios da intervenção.

No capítulo 04. **O MAR** é primeiramente introduzido o contexto económico das ilhas. Num segundo momento, é dado a conhecer a actividade da pesca no território, debruçando-se sobre as lacunas e problemáticas associadas à mesma no território de Água-Izé, que servem de mote ao projeto.

Ainda dentro do capítulo como transição entre o contexto de investigação e o capítulo de projeto, são analisados e dissecados alguns projetos referência e bases conceptuais que suportem os conceitos e opções de projeto.

No capítulo 05. **A PROPOSTA** "junta-se à palavra a possibilidade de desenhar"[2]. Dividido em 3 partes distintas, o presente capitulo decompõe a intervenção e requalificação da Roça Água-Izé em pequenos sub-capítulos, pela ordem de intervenção. Sendo estes: *viva ao muro; redesenho urbano; mercado; fábrica de conservas; secador; e p*or último, *o desenho da intimidade* onde se propõe as bases conceptuais para a proposta de habitação.

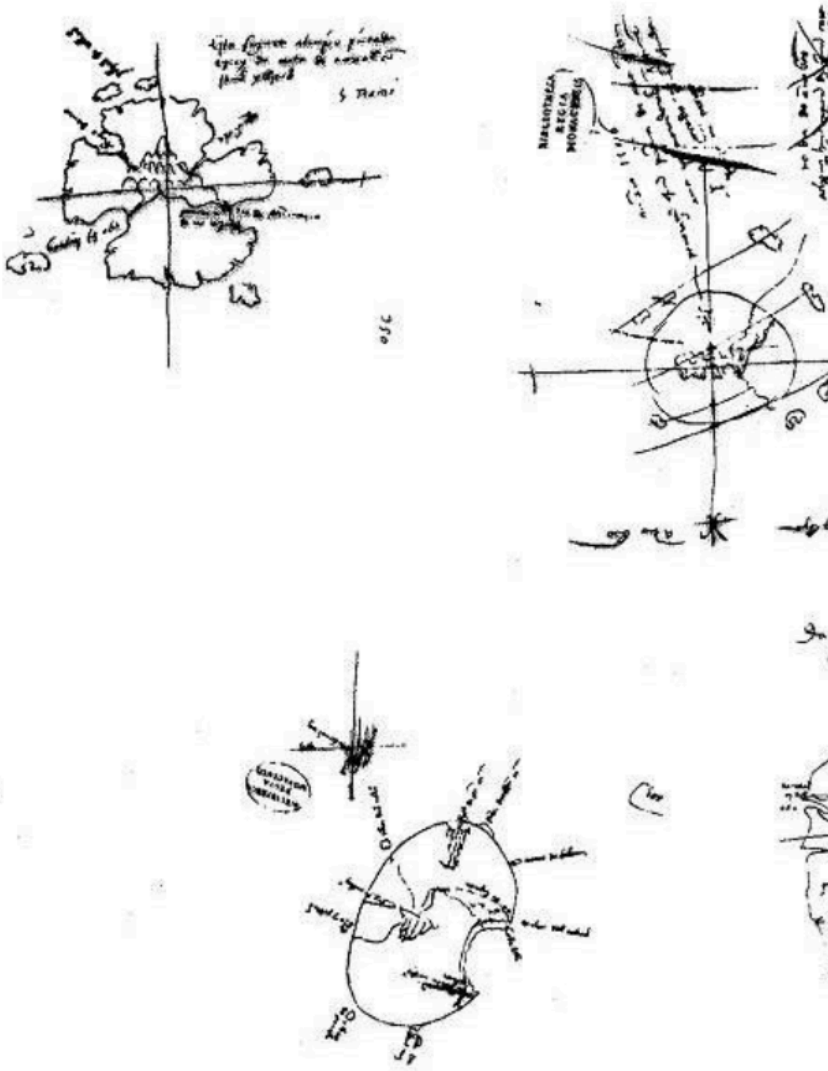
Concluída a narrativa, o sexto e último capitulo expõe as **Considerações finais** retiradas do desenvolvimento do projeto.

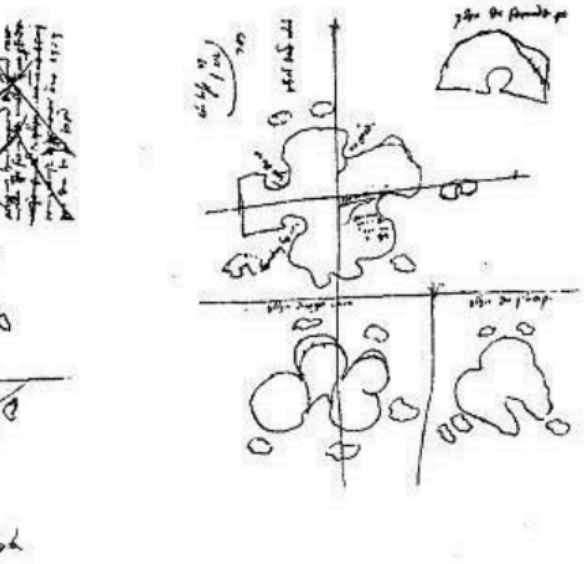
[2] Cruzeiro Seixas, pai do surrealismo português em entrevista para a Rtp.

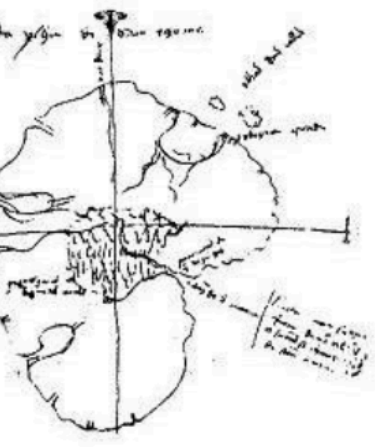
"Pois bem, caro Rafael - disse eu - peço-vos ardentemente que nos façais a descrição dessa ilha. E não vos preocupeis com o tempo, descrevei antes, em pormenor, a sua geografia, rios, cidades, os homens e os costumes, as leis, em resumo, tudo o que pensardes que nos dará prazer conhecer, e crede que desejamos conhecer tudo o que ainda ignoramos.

- Nada farei de melhor vontade. Tenho ainda presente na memória tudo quanto vi; mas a narração exige tempo e vagar."[3]

[3] MORE, Thomas in Utopia, (1975), p.60.







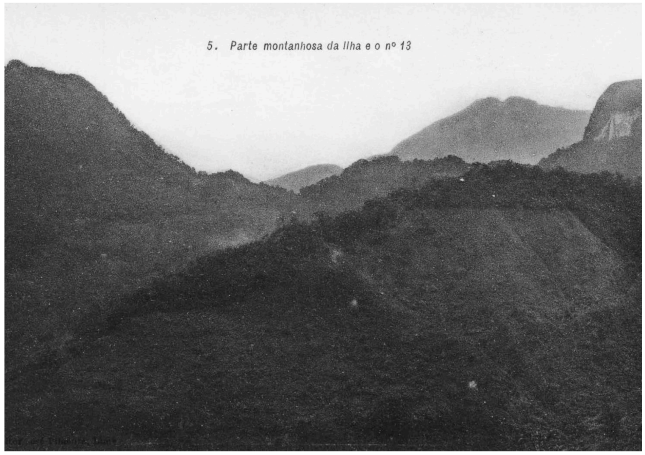
O TERRITÓRIO

O CENÁRIO

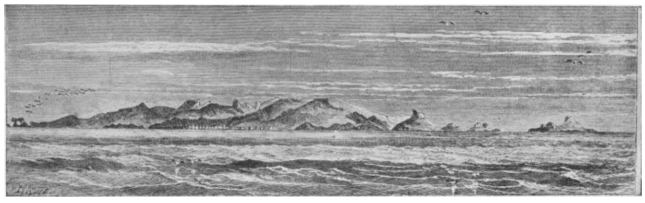
"Se a constituição geológica do solo orienta e define o destino do homem no lugar, commumente o clima desse lugar determinará a sua vida, amoldando a sua existência física e psíquica e definindo a sua actividade, o seu comportamento, o seu agregado familiar, a sua habitação, o povoado e a região."[4]

Encarado como destino idílico de outrora, hoje à procura de um rumo, o arquipélago de STP, localiza-se junto da costa ocidental africana, debruçado sobre a linha imaginária do equador. Adormecido e resguardado pelos mares, é palco de exemplos de fauna e flora únicos, que lembram constantemente a sua condição remota. De origem vulcânica, o arquipélago estende-se por uma superfície de 1001 quilómetros quadrados, assimetricamente divididos entre, São Tomé, "a ilha mãe" (com cerca de 860 quilómetros quadrados), Príncipe, (que deve o nome ao filho do rei), e outros tantos ilhéus[5]. De relevo irregular, fruto das várias fases de actividade eruptiva, ocorridas durante a formação das ilhas[6], as maiores elevações do arquipélago têm origem no centro da ilha; e acompanhadas por mais de 50 rios e cursos de água[7], curvam-se em direção ao mar.

4 Associação dos Arquitectos Portugueses, Arquitectura Popular em Portugal, vol.1. (1988) p. 159.
5 Em especial o ilhéu das Rolas, por onde passa a linha imaginária do equador.
6 CARDOSO (1962.
7 NASCIMENTO (2008), p.13.







[05]

Marcadas por um clima profundamente tropical, em virtude da sua posição geográfica, o arquipélago apresenta um clima quente e húmido8, onde são reconhecidas apenas duas estações anuais; a Gravana (estação seca), que decorre entre junho e setembro, quando os céus se encontram encobertos e ocorre menos precipitação; e a estação das chuvas, compreendida entre Outubro a Maio, quando as temperaturas aumentam, assim como a pluviosidade e ocorrem alguns episódios de tempestades tropicais9. Por influência do clima, os rios e fontes de água, assumem forte influência nos moldes de ocupação humana no território. Motivo pela qual, a zona costeira é elegida, com maior frequência a, como palco da maior parte das manifestações, face ao interior do território. De igual modo, a particularidade dos solos, assume, um caráter importante nos padrões de ocupação. Havendo preferência por zonas onde os solos são mais escuros, mais densos e húmidos e, por isso, melhores para a agricultura.

Premiadas com enorme fertilidade, os terrenos das ilhas são capazes de produzir tudo "quanto se lhe planta"10, desde as zonas mais altas, onde predominam as plantações de cacau e café11, (que tiram partido das árvores de sombra), à faixa costeira, onde reinam os coqueiros e as palmeiras, de onde são extraídos o côco e o óleo de palma.Graças aos vários micro climas existentes, as ilhas registam uma taxa de endemismo considerável12, que não se cinge apenas ao território terrestre. Face ao oceano

8 GUEDES (2015).
9 ROLÃO (2011), p.12.
10 TENREIRO (1961), p.46.
11 CHAVALIER, in Tenreiro, (1961), p.49
12 número de espécies endémicas relativamente ao número total de espécies.
GUEDES (2008), p.18.

que as circunscreve, a fauna marinha do arquipélago, é de igual modo abundante e diversa. Sendo, o atum, o salmonete, o cherne, o carapau, e o peixe-voador, as espécies mais abundantes. Protagonistas na alimentação dos habitantes.13 Face ao clima tropical, o oscilar das temperaturas e a humidade constante que se faz sentir nas ilhas provocam uma significativa sensação de desconforto, que se reflete na procura incessante por lugares à sombra. Deste modo, compreendendo o contexto climático, os edifícios devem ser preferencialmente constituídos de modo a retirar o maior partido da sombra, uma vez que; "*Em regiões quentes, um edifício bem sombreado pode ser entre 4oC a 12 C mais fresco do que um sem sombra."14* Apesar da geografia física muito particular do arquipélago, importa de igual modo, destacar quem habita este lugar tão característico. Pois, "Os elementos moveis da cidade, especialmente as pessoas e as suas actividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis"[15]. Por mais bonitas que sejam as ilhas, como afirma Sebastião Salgado, são as gentes que dão vida às ruas da cidade e às suas paisagens.

"As pessoas são o sal da terra".[16]

"O SAL DA TERRA"

Presos a duas ilhas, do continente Africano, cuja beleza parece não conhecer limites; as ilhas resguardam um povo singular, que reflete a riqueza e vivacidade impar e invulgar do arquipélago. Tal como as restantes colónias portuguesas, STP apresenta características semelhantes no que toca à população.

[13] Costa; Correia; (1996), p. 7.
[14] GUEDES (2015), p.2.
[15] LYNCH (2017), p.9.
[16] Sebastião Salgado, in filme, O Sal da terra.

Fruto da ocupação colonial e da "*da osmose que se processou durante cinco séculos entre brancos da Metrópole, colonos,(…)e africanos*"[17] os habitantes do arquipélago, são o produto do cruzamento entre diversas culturas, etnias e costumes; que conferem hoje, uma rica diversidade cultural ao território. "*Por isso se pode afirmar que parte da riqueza que caracteriza as ilhas, é assente na heterogeneidade cultural.*" Cercados pelas águas do mar, e face à topografia acidentada das ilhas, a maior parte dos povoados situam-se junto à costa. Motivo pela qual, além da agricultura e do pequeno comércio, a pesca está na base das actividades de maior relevo da população. Dispersos pelo território como peças de xadrez, o sentimento de isolamento é uma constante, que se reflete no modo de viver carismático da população. Elegem o espaço exterior, a rua, para passar o dia a dia, a casa, é entendida como um espaço para dormir. Ligados pela fé da religião Católica, ainda que o cenário que descreve as ilhas, se assemelhe à ideia bíblica de paraíso na terra, a instabilidade política e económica, refletem-se sobre as elevadas taxa de desemprego e no acesso a cuidados de saúde básicos, como saúde e higiene. Diretamente ligadas à instabilidade política e social das ilhas, encontram-se ainda a falta de profissionais qualificados, e a fraca produção interna, que em conjunto, condenam o pais à precariedade e, impedem o arquipélago de voltar a competir nos mercados internacionais.Enquanto levadas taxas de mortalidade tomam conta da população, o sorriso fácil das pessoas reina sobre as ruas, sobrepondo-se a todas as misérias.

[17] REIS (1999), p.17.





A HISTÓRIA

"A Ilha de São Tomé, que foi descoberta há mais de oitenta anos pelos capitães do nosso Rei, tendo sido desconhecida pelos antigos, é de forma redonda e tem um diâmetro de sessenta milhas italianas, ou seja, um grau. Está situada debaixo da linha equinocial, o seu horizonte passa pelos dois pólos, ártico e antárctico: tem sempre os dias iguais às noites, sem a mais pequena diferença, quer o sol esteja em Câncer quer em Capricórnio. A estrela do pólo ártico invisível, mas guardas ainda se vêem fazer um pequeno giro, e a constelação chamada O Cruzeiro vê-se muito alta. Esta ilha tem, da banda do levante, uma ilhota chamado o Príncipe, à distância de cento e vinte milhas, a qual é presentemente habitada e cultivada. O tributo que se tira dos açúcares é do filho mais velho do nosso rei e por isso se chama Príncipe."[18]

Inseridas no contexto da expansão marítima portuguesa ao longo da costa ocidental africana, é no reinado de D. Afonso V, a 21 de Dezembro de 1470, que Pêro Escobar e João de Santarém, descobrem a ilha de São Tomé, e mais tarde no mesmo ano, a ilha do Príncipe[19].

[18] MORAIS; MALHEIRO (2013), p.6.
[19] NEVES; CEITA (2004), p.10.

Descobertas, a 3000milhas da costa africana, sob a linha do equador, as ilhas de STP, representam uma nova fase nos descobrimentos portugueses além mar. Enquadradas num contrato estabelecido por D.João, apelidado de "O Africano" (pelas suas conquistas marítimas em Africa), que ordena à frota portuguesa que explorasse a costa ocidental africana, em busca de territórios para expandir a sua área de influência, aquando da descoberta do arquipélago de STP, os portugueses reconhecem no pequeno e isolado território uma oportunidade de suporte aos elevados custos da epopeia marítima[20], e evidentemente, uma oportunidade de ampliar a sua área de influência junto da costa africana. Reconhecida a sua relevância, o arquipélago é adicionado ao mapa português, e amarrado a um longo processo de colonização faseado, marcado pelo tráfico negreiro e pela exploração agrícola, que definiu e marcou a identidade das ilhas até aos dias de hoje. [21]

Desabitadas ou não habitadas de "*forma continuada*"[22] até à chegada do povo português, as ilhas do Golfo da Guiné, dada à sua posição geográfica privilegiada, revelam desde cedo o seu potencial, enquanto ponto estratégico para as rotas comerciais que se efetuavam no atlântico[23].

20 ROQUE; SEIBERT; MARQUES (2002), p.18.
21 ANDRADE (2008), p.4.
22 NASCIMENTO (2008), p.27.
23 ROQUE; SEIBERT; MARQUES (2002), p.15.

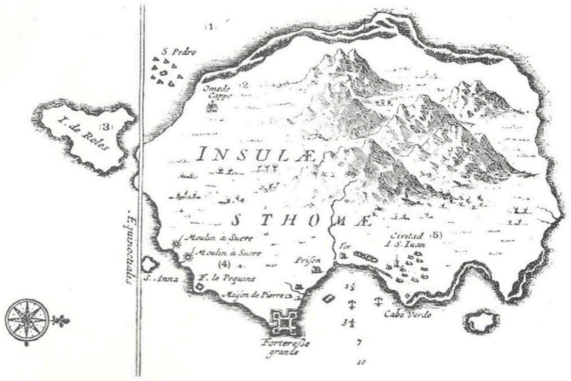
A OCUPAÇÃO

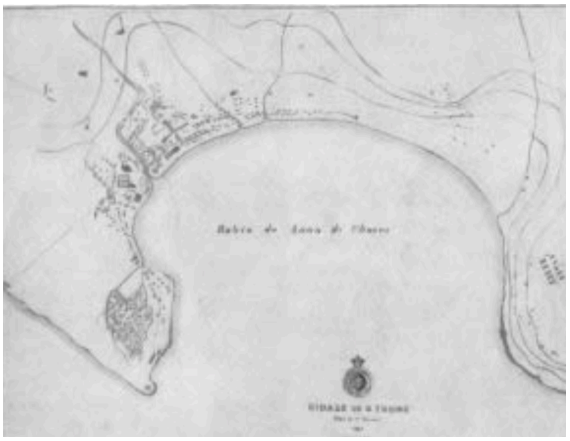
Como era de costume na prática de implantação de uma cidade em espaços ultramarinos, o desenvolvimento da estrutura urbana inicial partiu da escolha de um local que reunisse todas as condições necessárias para a fixação, e crescimento populacional, sendo para o efeito, escolhida inicialmente, a região de Água Ambó, no norte da ilha, e só mais tarde, a Baía de Ana Chaves, a actual capital, que por ser naturalmente abrigada, proporcionava um porto natural de comércio.

Seguindo o mesmo processo de colonização das restantes colónias portuguesas[24], a primeira ocupação das ilhas inicia-se em 1485, sob um regime de capitanias. coordenado por Alvaro de Caminha.

"*O desenvolvimento desta primeira estrutura urbana que se iria desenvolver tinha por base uma rua, próxima da baía e paralela à costa, que articulava dois núcleos. Deste modo, o seu desenvolvimento seria linear e estruturar-se-ia a partir dessa mesma rua. Seria ao longo deste eixo primordial que se viriam a estabelecer os edifícios mais significativos da época.*"[25]

[24] NASCIMENTO (2008), p.27.
[25] MORAIS;MALHEIRO (2003), p.66.


S. Pedro
Omede Cappo
I. de Roles
INSULÆ
S THOMÆ
Equinoctialis
Moulin à Sucre
Moulin à Sucre
S. Anna
F. le Pequine
Prison
Civitad I. S. Iuan
Cabo Verde
Forteresse grande



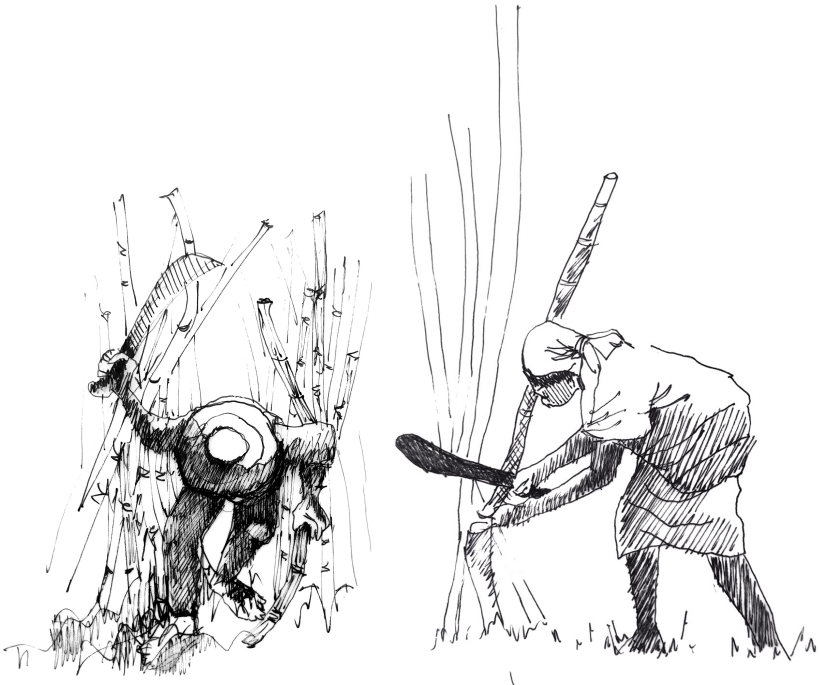


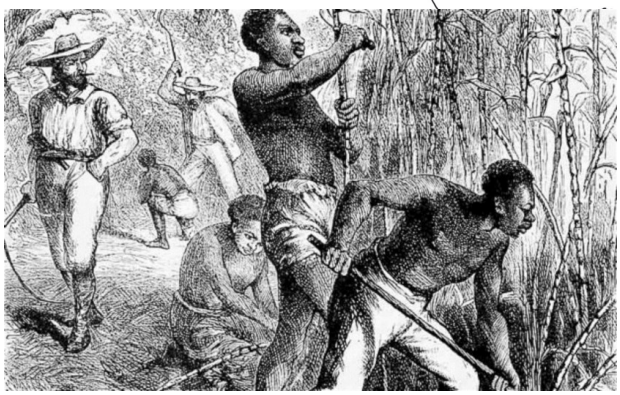
[07]

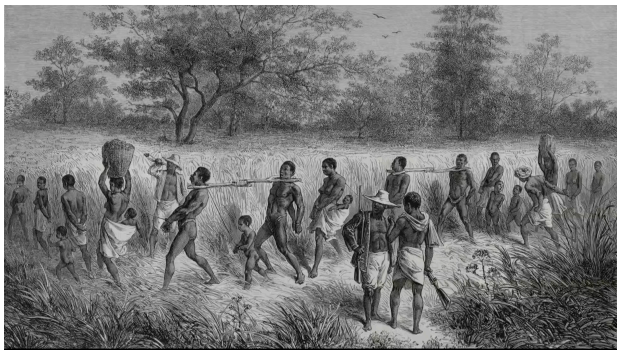
"ILHA INFERNAL"

Escolhido o local de implantação, inicia-se o processo de povoamento, e as ilhas recebem o primeiro grupo de habitantes, composto por degradados, descendentes de judeus e em menor número cidadãos portugueses a quem foram oferecidos altos cargos políticos e administrativos. Porém, contrariamente ao que se havia passado nos arquipélagos da Madeira e dos Açores, o calor e a humidade das ilhas, "levam a melhor desta gente", (resultando na morte de muitos dos colonos recém chegados[26]), cobrindo as ilhas de uma imagem "*demoníaca e infernal*"[27], onde a sobrevivência, era "*uma grande incerteza e a morte uma companheira constante*"[28]. Assombrada e encoberta por um cenário devastador, a imagem "demoníaca e infernal" da colónia percorre o atlântico, e ao chegar à Europa, afasta os países europeus daquelas paragens, como relatado nos manuscritos de Valentim Fernandes em 1506. Com o clima a mostra-se uma das maiores barreiras para a colonização das ilhas[29], os portugueses viram-se obrigados a recorrer a mão-de-obra da costa africana, para a ocupação e trabalhos nas ilhas; enquanto D.João, se ocupava de mitificar a imagem da colónia, dizendo que: "*tinha lá feito plantações de cana de açúcar e que as canas crescem três vezes mais que na ilha da Madeira e produzem bom açúcar*"[30]; dissimulando os factos, e cobrindo as ilhas de um cenário de abundância, e fecundidade insuperável[31],

26 HENRIQUES (2000) p.31.
27 ROQUE; SEIBERT, MARQUES (2012), p.18.
28 Tiziano Terzani in Atas colóquio, p.18.
29 ANDRADE (2008) p.9.
30 MUNZER, in Atas colóquio; (1931), p.18.
31 IBIDEM, p.19.







[08]

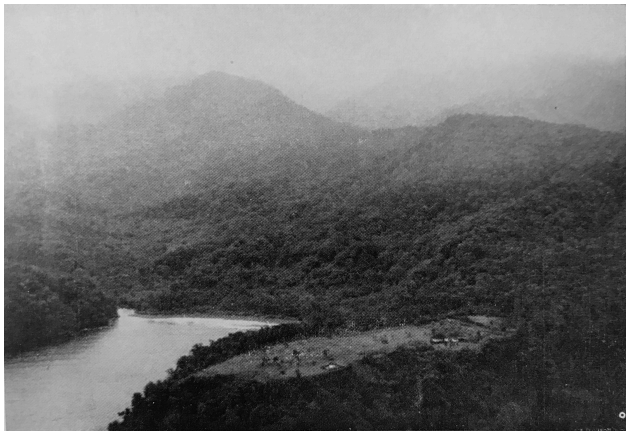
que rápido despertou o interesse de vários países europeus no mercado de escravos e do açúcar, que "por lá" se havia instaurado.

O AÇÚCAR

De Destino idílico, para os cuja curiosidade, de livre vontade, cruzaram os mares; as ilhas foram tudo, menos um "conto de fadas tropical", para os que nela se viram obrigados a trabalhar.

Assegurado o povoamento, a ilha apresentava características naturais excelentes para a agricultura. Solos húmidos e férteis, clima quente, e inúmeros cursos de água que irrigavam todo o território. Características estas, que deslumbraram a coroa portuguesa, e que, uma vez mais, mimitizando o processo das restantes colónias, não tardou a traçar um plano de modo a tirar o maior partido possível das terras para a agricultura, para que delas pudesse subtrair rendimento. Com o objetivo de "f*azer prosperar aquele pedaço de terra perdido no meio do mar*"[32], os terrenos das ilhas foram estruturados, e a cana do açúcar, vinda da ilha da Madeira, foi semeada de norte a sul, derrubando a densa selva que até então cobria todo o território.

32 ANDRADE (2008), p.9.







[09]

Transformado num extenso canavial, o sistema de exploração com base na produção de açúcar rapidamente se prova um êxito, e como forma de rentabilizar e incrementar a sua produtividade, ocorre no território a introdução de pequenas construções de carácter agrícola, de apoio às áreas de produção[33], que formam "o embrião do que mais tarde se transformaria nas roças do café e do cacau". Repercutindo-se no primeiro gesto de humanização no território e de domínio face á natureza. "pelo que é de presumir que a maioria dos locais referidos como povoados nos documentos do século XVI o tenham sido em função dos engenhos que ali se edificaram"[34]. Por volta da década de 30, do séc.XVI, as construções que já eram "coisa de sessenta"[35], e dizimaram por todo o território, abrindo caminho à descoberta de novos terrenos no interior da grande ilha[36], fazendo despertar novamente o interesse de Portugal, na longínqua colónia; que juntamente com os benefícios oferecidos a quem fosse residir para a longínqua colónia, dita a alavanca para um segundo processo de colonização[37], desta vez, marcado pela introdução das primeiras mulheres nas ilhas[38], juntamente com nova população escrava africana[39]. Esta última, imprescindível na produção, que por sua vez foi atribuída aos pares a cada colono branco, com o objetivo de aumentar a produção dos engenhos.

33 Pequenas construções, cuja organização interior se destinava á produção de açúcar; que mais tarde dão origem as roças.
34 TENREIRO, (1961), p. 71.
35 ROQUE SEIBERT; MARQUES; (2012), p.18.
36 IBIDEM, p.19.
37 IBIDEM, p.15-16.
38 (...)de origem portuguesa, juntamente com 2000 crianças judias expulsas de Espanha pelos reis católicos, exiladas em Portugal; CALDEIRA (1999), p.39.

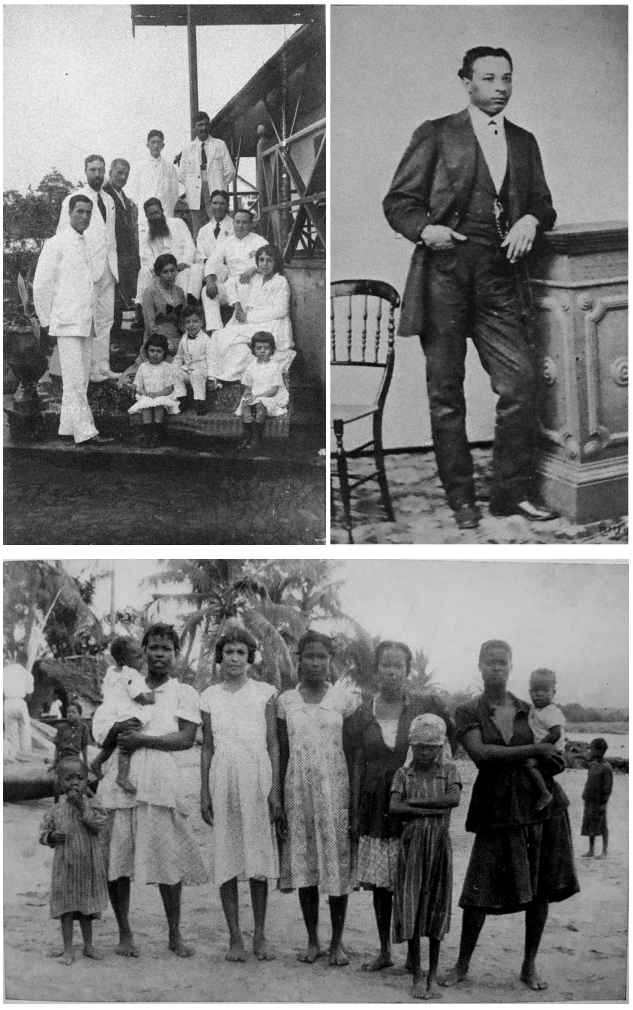
"FILHOS DA TERRA"

Com a crescente população oriunda de diversas partes do continente africano, as ilhas, tornam-se visíveis laboratórios de experiências humanas, segregando continuamente, os brancos dos negros.

No final da década do séc.XV, como forma de desvanecer esta miscigenação e fomentar a população no território (que havia diminuído com o imprevisto número de óbitos), por ordem do rei, cada colono branco deveria adquirir pelo menos uma escrava "e que nela fizesse filhos"[40]; Resultando desta medida um "(…) grupo de raça crioula, fruto da osmose luso-africana (…)"[41], que formou aquilo que se acredita ser, a primeira, verdadeira, população Santomense. Conhecidos como *filhos da terra*, este novo "grupo social" acaba por desempenhar um papel de relevo no ordenamento demográfico das ilhas, particularmente a partir da ordem de alforria[42], escrita em 1515 por D.Manuel, que os determinou homens livres, com os mesmos direitos que os europeus[43]. Progressivamente se afirmando, na sociedade, os filhos da terra herdam as suas primeiras terras[44] e passam também a enriquecer, e a atingir "um elevado nível de vida em tudo igual aos europeus"[45]. Não obstante, o florescimento deste "novo grupo" social, em nada veio alterar o último degrau da pirâmide social das ilhas, que em grande número, continuou a pertencer aos escravos, que forçosamente, continuavam a trabalhar nos engenhos do açúcar.

---

40 TENREIRO (1961), p.63.
41 ANDRADE (2008), p.11.
42 D.Manuel através de carta alforria, liberta os primeiros escravos dos primeiros povoados e seus descendentes.
43 TERNEIRO, (1961).
44 ROQUE; SEIBERT, MARQUES, p.21.
45 Celso Batista de Sousa na sua dissertação de mestrado, sob o titulo S.tomé e Príncipe.
Do descobrimento ao séc .XVI; (1990) p.285.



[10]

QUEDA DO AÇUCAR

À semelhança de uma grande industria, nos finais do séc.XVI, o epicentro da vida das ilhas havia convergido para as suas fazendas, e o dia a dia de quem nelas habitava, conhecia um prepósito apenas, "fabricar açúcar e vende-lo aos navios que todos os anos o vão buscar"[46].

Com a cana de açúcar a mostrar-se o elemento chave durante a fase de expansão ultramarina[47], e o território transfigurado num entreposto de mercadorias e escravos, o final do século XVII, sem se fazer prever, trouxe consigo uma amarga instabilidade para o arquipélago, marcada pela entrada do Brasil no comércio do açúcar; que por reunir melhores condições[48] para a produção da cana, fez descer o número de exportações de STP. Diminuídas as encomendas, a repentina descida na produção dita o final do grande apogeu que se havia instaurado, e empurra o arquipélago para um período de "grande pousio"[49], durante o qual, "os engenhos foram progressivamente abandonados e só algumas fazendas se mantiveram a funcionar"[50]. Fatidáicamente, mais tarde na mesma década, o final do comércio transatlântico, pressiona de novo a frágil estabilidade do arquipélago, arrastando-o para uma nova crise económica e social, que força os seus habitantes a desenvolver uma rede de comércio e agricultura de subsistência, tirando partido dos alimentos do território[51], diretamente comparável aos dias de hoje.

46 ROQUE; SEIBERT, MARQUES, p.35.
47 HENRIQUES (2000), p.24.
48 devido ao clima húmido, os engenhos tornaram-se difíceis de manter. Requerendo uma manutenção constante na maquinaria, resultando em custos elevados.
49 TENREIRO (1961), p.75.
50 MORAIS; MALHEIRO; (2013), p.112.
51 ANDRADE; PAPE; (2013). p.18.

CICLO DO CAFÉ E DO CACAU



[11]

Durante os séculos seguintes (XVII e XVIII), a colónia pouco ofereceria à metrópole, e à semelhança dos engenhos, mergulhava num estado de profunda apatia e melancolia. A par deste abrandamento e instabilidade[52] o estatuto de capital do arquipélago, passa temporariamente para a cidade de Santo António, no Principe e só mais tarde, é "devolvido" a São Tomé. Face à urgência de recuperação económica e com o poder novamente centrado na ilha principal, por volta de 1800, como alternativa económica ao comércio açucareiro[53] (que se provou ser dispendioso dado o clima húmido das ilhas) são introduzidas no território duas novas culturas, no território, numa "última tentativa" de recuperar a economia das ilhas e reverter os estragos causados pelo fracasso do ciclo do açúcar. Inicialmente introduzidas como plantas ornamentais, a plantas do café e do cacau chegam à Ilha do Príncipe por intermédio de João Batista da Silva e José ferreira Gomes, mas é só anos mais tarde, quando José Maria de Almeida, futuro Barão de Água-Izé, toma iniciativa de explorar estas duas culturas na ilha grande, que estas revelam toda a sua lucratividade. Introduzidas no arquipélago, a produção destas duas novas culturas, provenientes do continente brasileiro, marca o inicio de um novo processo colonização e políticas sociais no arquipélago. Dita o final da escravatura, (que foi substituída por "situação servil") e os portugueses confiantes nas promissoras árvores de fruto, regressam de súbito à longínqua colónia, em busca da prometida riqueza;

[52] O fracasso económico dos modelos ditou o abandono relativo das ilhas durante aproximadamente 200 anos

[53] ANDRADE; PAPE; (2013), p. 18.

tomando ilicitamente de assalto "as terras dos filhos da terra" que haviam sido deixadas à sua condição, e à sua liberdade[54], rompendo com o equilíbrio social alcançado e estabelecido, até então, entre os nativos. Com as terras novamente na sua posse, as novas culturas são finalmente difundidas, e aliada à grande procura destes produtos nos mercados internacionais, depressa, as produções, se provam na alavanca necessária para elevar a economia das ilhas; e estas duas colónias equatoriais, voltam a sentir o sabor da prosperidade emergente. Não obstante, apesar da produtividade e relevância destas duas culturas na historia das ilhas, as Roças, que surgem de apoio às plantações deste novo ciclo, assumem o papel principal da narrativa deste período e por isso, sobre elas há que elaborar.

"Mas foram os engenhos que estiveram na base das actuais propriedades da ilha de São Tomé, (…) os terrenos dos velhos engenhos, vieram dar lugar às actuais roças da ilha."[55]

[54] ANDRADE (2008). p. 13 - citando Carlos Brandão (2005)
[55] TENREIRO (1961), p. 143.

"Em contraste com a decadência da cidade, no resto da ilha prosperavam as novas propriedades agrícolas, as roças que, numa primeira fase, se instalaram ao longo da costa, pois os caminhos de acesso pelo interior da ilha eram demasiado modestos para uma economia tão efervescente."[56]

[56] MORAIS, MALHEIRO, p.170.





A S R O Ç A S

Profundamente interligada à cultura das ilhas, a Roça, aparece como um elemento intrínseco à cultura Santomense. Implementadas durante a época do regime colonial português, na sequência da estruturação do mercado cacaueiro, a Roça aquando da sua implantação, traz consigo o sabor modernização e do progresso para o território. Erguidas numa primeira fase sobre as "fundações" dos antigos engenhos, mas sem herdar o seu nome, devido ao seu fracasso anterior, estas estruturas, demarcam o inicio de um novo ciclo na colónia. Um ciclo prospero, de crescimento e desenvolvimento, que moldou o território e a cultura das ilhas até aos dias de hoje. Derivada do ato roçar, que significa o desbastar das terras para dar lugar a novas culturas, na sua génese, estes conjuntos agrícolas, tinham um princípio simples: providenciar apoio às plantações.

Baseadas num racionalismo extremo, espelho da sua eficiência, ainda que edificadas em território Santomense, à semelhança das plantações, estas estruturas, tiveram a origem do seu traçado e programa, no modelo das fazendas do brasil, "Motivo pela qual foram apelidadas de "fazendas" durante algum tempo"[57]. Não obstante, independentemente da origem reportada a outros territórios ou regiões, foi nestas duas ilhas do continente africano que o termo se consagra e ganha expressão. São Tomé e príncipe dependia de uma economia de Roças.

[57] Só no inicio do séc.XX, as várias fazendas passaram a ser administradas por companhias ou sociedades agrícolas, e então são lhes atribuídas o nome de Roça. MARQUES; ROQUE; SEIBERT (2012), p. 41

Semelhantes aos engenhos, mas, diferindo destes, na sua complexidade estrutural e programática: estas estruturas, são nada mais do que a materialização edificada de um sistema hierarquizado e otimizado de apoio e exploração de plantações agrícolas. Roçando as terras para dar lugar a novas culturas[58], mais do que as singularidades e a riqueza "desta ou daquela" estrutura, o impacto e a relevância das roças verifica-se sobretudo no seu conjunto, enquanto rede que alicerçou um próspero ciclo produtivo, e promoveu grande parte dos assentamentos humanos atuais das ilhas[59]. Aquando da sua implantação, as Roças agiram de forma independente e isolada, como células, desbravando a densa cobertura vegetal das ilhas, e praticamente autossuficientes, equipadas das mais variadas funções"[60] tornaram-se autênticos motores, auto-suficientes e praticamente independentes dos órgãos do estado[61]. Por volta de 1879, o cacau[62] e a "a aptidão das terras para a cultura" afirmam o arquipélago a níveis mundiais e como forma de responder à grande procura deste produto nos mercados mundiais, decorre no território uma nova "corrida às áreas de plantação", que impulsiona a formação de outras roças, de menor dimensão e morfologicamente mais simples. Batizadas como Roças dependência[63], esta tipologia surge de apoio às novas áreas de plantação e como o próprio nome indica, trabalhava dependente de outras roças.

"ROÇA DEPENDÊNCIA"

[58] MACHADO (2014), p.25.
[59] FERNANDES (2011), p.6.
[60] FERNANDES (2011), p.6.
[61] PAPE; ANDRADE (2011)
[62] Em 1878, o cacau já era conhecido em todo o mundo, e estima-se que Cerca de 70% do território de São Tomé e Príncipe era à data utilizado para o cultivo exclusivo do café e do cacau.
ANDRADE (2008) p.13.
[63] Roças de menor dimensão, também conhecidas por Roças-Satélite, criadas por necessidade de expansão dos terrenos agrícolas, além da produção de cacau e café, as Roças promoveram o desenvolvimento de novas culturas, como a pecuária. PAPE; ANDRADE; (2011).

Dispersas um pouco por todo o território, mais tarde, por necessidade otimizar o escoamento e transporte dos produtos, impulsionam a criação de uma extensa malha de caminhos de ferro que "ascendiam até aos pontos mais altos e afastados do mar e se perdiam na imensidão do Obô[64]. Cravados sobre os solos férteis das ilhas, as ligações estabeleciam-se, das pequenas propriedades (Roças Dependência) para as grandes propriedades (Roça Sede) e destas para as Roças com porto de mar, onde se concentravam todos os serviços e logísticas de exportação, que fechavam o ciclo de produção. Cada peça da rede desempenhava um papel específico (plantação, produção e exportação) essencial, para o bom funcionamento da companhia, sendo a constituição e organização de cada elemento, perfeitamente adequado à respetiva função.

No inicio do século XX, São Tomé e Príncipe detinha o título de maior produtor de cacau de toda a África subsariana[65]. Contudo, no "reverso da moeda, de todo este sucesso colonial, o trabalho forçado volta a ter um papel importante no arquipélago, que devido aos escassos recursos tecnológicos, dita de novo, a necessidade de um elevado número de mão-de-obra[66]. À imagem de uma verdadeira comunidade que vive almejando a maior produtividade possível, a ordem social nas roças, derivava do trabalho, que dividia a população em grupos sociais distintos, desde o proprietário aos escravos.

[64] ANDRADE (2008), p.13.

[65] tendo atingido um máximo no início do século X, com mais de 35.000 toneladas.

[66] No total estima-se que no auge da produção, trabalhavam nas roças, cerca de 19.800 pessoas. Dados referentes ao ano 1950, retirados do INE de STP.

"COMPOSIÇÃO"

Refletindo o exponencial crescimento das plantações e a evolução tecnológica, as roças na sua maioria evoluíram a "gigantescas propriedades"[67], que iam evoluindo com *"a constante procura de estratégias para aumento da produtividade agrícola"*[68]; equipadas das mais variadas funções"[69]. Inicialmente compostas por edifícios de carácter industrial, destinados à exploração do cacau, mais tarde, começam a ser englobados edifícios de apoio à alimentação, vestuário, habitação, saúde e educação[70], de modo a garantir que eram providenciadas condições, à população residente[71]. Além da cidade e de algumas vilas nativas do nordeste, a base do povoamento para toda a ilha era a roça, que congregava nas suas instalações numerosos trabalhadores rurais negros e o pequeno número de europeus que exercem cargos de mando ou de administração. *"A casa da administração, a sanzala dos trabalhadores, os armazéns, os fermentadores e secadores, o hospital privativo em algumas delas, e demais instalações, tornavam as roças autênticas povoações. (...)* "[72]

Praticamente auto-suficientes e encaradas como autênticas máquinas de produção, apesar dos programas similares, consoante os contextos territoriais e o tipo de produção, as roças formaram vários modelos organizacionais, que apesar de variados "obedeciam a critérios mais ou menos *fixos"*[73]. Ao herdar dos engenhos os traços gerais, o conjunto roceiro herda a divisão programática caracterizada por edifícios habitacionais,

[67] MACHADO (2014), p.25.
[68] GUEDES (2015), p.17.
[69] FERNANDES (2011), p.6.
[70] ANDRADE (2008).
[71] ANDRADE; PAPE; (2013) p.38.
[72] TENREIRO, Francisco (2012). A roça de São Tomé e Príncipe: Desígnio e Projecto.
[73] REBELO DE ANDRADE, Rodrigo, As Roças de São Tomé e Princípe. Lisboa: FAUP. p.19.

agro-industriais e assistenciais.[74] "Á normalidade", a roça é no seu conjunto, composta por uma casa principal, destinada aos administradores da roça, sanzalas (alojamento dos escravos); e por último, a peça fundamental e transversal no desenho de todas elas, *o terreiro*, cuja função se assemelhava com à de uma praça, onde se sucedia a reunião de todo os intervenientes desta narrativa[75].

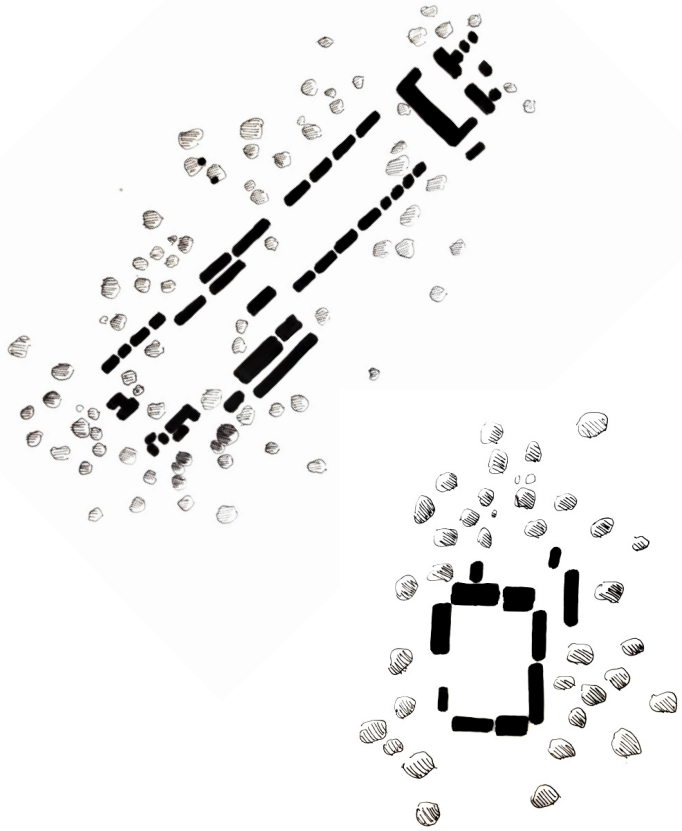
Às sedes, centros polarizadores de cada empresa, correspondia um esquema complexo composto, tanto por unidades de habitação como de produção, armazenagem, assistência e por vezes de exportação. Às dependências, correspondem esquemas e programas mais simples, compostos apenas por algumas unidades de habitação, e equipamentos agro-industriais de auxílio à extração e/ou plantação. Ainda que, os desenhos urbanos tenham partido de elementos comuns, a articulação entre os elementos e a sua disposição no território, geraram diferentes tipologias, que dividiram o vasto conjunto de povoados, em três grandes grupos. Sendo eles: A Roça-terreiro76 (11), cujo terreiro representa o "pulmão" central de toda a estrutura; A Roça-avenida77(10) composta por uma linha longitudinal marcante que distribui, os restantes serviços; e por último, a Roça cidade (12), sendo a sua composição e organização, conhecida por não apresentar qualquer tipo de centralidade

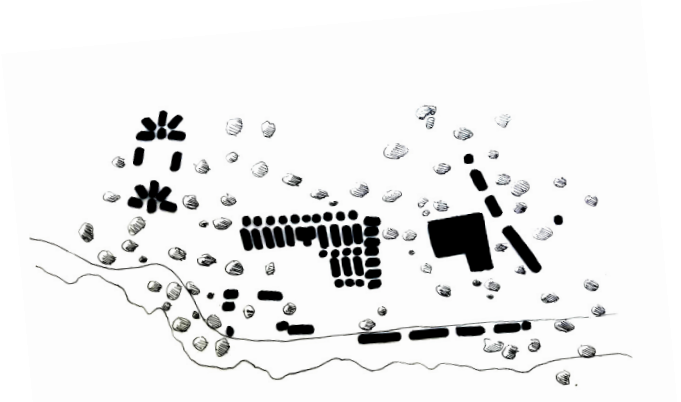
[74] ANDRADE; PAPE; (2013), p.37.

[75] Duarte Pape, em entrevista para TSF.

[76] Esta organização verifica-se maioritariamente em roças de pequenas dimensões - dependências. Foi o primeiro modelo de organização e por isso constitui um modelo de organização mais simplificado, que se organiza em redor do único terreiro, e geralmente os edifícios cerram as quatro frentes, fechando-a sobre si mesma.

[77] A Roça-Avenida é uma versão mais evoluída do projeto roceiro. Geralmente de maior dimensão. o elemento estruturador de toda a roça. A avenida percorre todo o complexo e nas suas pontas erguem-se, geralmente, as construções mais importantes como a casa principal, o hospital ou a entrada. Os restantes edifícios surgem ao longo da avenida, acompanhando o terrenoNeste caso, o terreiro, não assumindo um papel central, poderá apresentar-se nos extremos ou no centro da avenida.





[12]

em relação ao terreiro. Na roça-cidade, é a própria malha urbana a estrutura de toda a implantação.[78] Expandidas por necessidade ao longo dos anos, as Roças Cidade formaram enormes complexos, providenciando a mais vasta gama de equipamentos de assistência, saúde, educação e religião. Não obstante, do que outrora foram conjuntos urbanos, organizadores da demografia e do território, actualmente carregam apenas as memórias e lembranças desses tempos; entre os muros e pilares caídos, embrenhados na densa vegetação.

"As roças de cacau e café são a história de um país, a identidade de um povo. Uma identidade que está a desaparecer, a cada dia, a uma velocidade estonteante. Uma identidade que não resistirá a mais trinta anos de indiferença e esquecimento. "[79]

[78] ANDRADE (2013) p.44.
[79] ANDRADE (2008)





AS ILHAS, HOJE

Na década de 70, com a queda do regime ditatorial português, ocorre a independência das colónias, e com ela, é concedida a libertação e independência de São Tomé e Príncipe. Livres do peso que acarreta a palavra colónia, o processo de "descolonização" marca um novo capítulo na narrativa do arquipélago. A cidade de São Tomé, exemplo da matriz de cidade colonial portuguesa[80], com as transformações decorrentes das mudanças do tempo, começa a manifestar a carência por infraestruturas que o espaço urbano e a tropicalidade do território exigem; expondo a "apatia" e inadequação das construções, face ao clima e à especificidade das ilhas.

Ainda que afastadas do epicentro das grandes transformações que ocorriam nas cidades (de São Tomé e do PrÍncipe), as Roças, ao longe, atravessam pelo mesmo processo e de complexos desenhados para a otimização da produção agrícola, transfiguraram-se em aldeias improvisadas, pelo que actualmente, residem comunidades de grande pobreza e com grandes necessidades básicas e problemas urbanos.

[80] NASCIMENTO (2010), p.379.

Preservada a sua identidade colonial, a visível assimetria e o que resta das estruturas das aparatosas casas coloniais, reflete a situação do pais. Estagnado, e à procura de um rumo.

Transformadas aos poucos em templos encastrados na natureza, não deixa de ser irónico o passado e o presente das roças. Do que outrora foram vastos aglomerados populacionais e industriais, responsáveis pela riqueza e estruturação do território, revelam-se nos dias longínquas comunidades, afastadas dos centros urbanos e de si mesmas. Implantadas de norte a sul, o sentimento de abandono e degradação nestes lugares é cada vez mais evidente. Face ao panorama, reconhece-se necessário assumir finalmente, que estas comunidades fixadas nas antigas Roças são como pequenas aldeias, preparadas para assumir um papel estruturante em STP. Entendendo o património Roceiro não só como uma peça de relevante de grande valor simbólico, mas enquanto motores adormecidos, o projeto revê na requalificação destas unidades agrícolas uma oportunidade de reverter o processo de deterioração e degradação do pais.

"Não há fome, mas também não há futuro"



[12]

A ROÇA

"A Ilha de S. Thomé e a Roça Agua-Izé são, pois, dois themas que não podem ser tratados isoladamente, porque o êxito de um d'elles, o do segundo, depende essencialmente da lúcida exposição do primeiro. Coexistirão gémeos, porque o complemento de um é a razão de ordem do outro. Serão, pois, forçosa e necessariamente inseparáveis."[81]

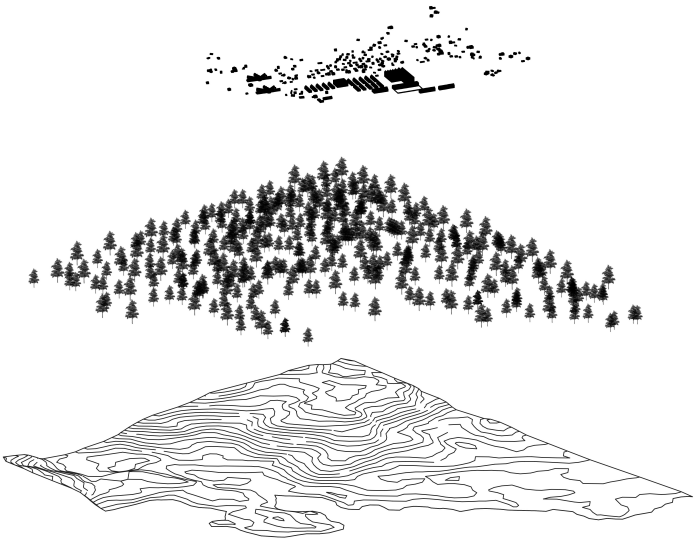
[81] FARO (1908), p.12.


CIDADE
SÃO TOMÉ
SANTANA
QUIMPO
MONTES
HERMINIOS
NOVA OLINDA
SANTO
ANTONIO
BERNARDO FARO
MATO CANA
OLIVARES
MARIM
MONTE BELO
ÁGUA-IZÉ
CASTELO
ALTO
VOUGA









[15]

Á G U A - I Z É

"em ti principiam o mar, e o mundo"

O BARÃO

Tudo começa com um mestiço, de nome João Maria de Sousa e Almeida[82], nascido na ilha do príncipe, descendente de uma família mulata de militares abastados, de São Salvador da baia; cujos desejos e ambições, eram grandes demais para a pequena ilha[83]. Insatisfeito, por não encontrar na ilha do Príncipe um futuro promissor para o que desejava alcançar, aos dezassete anos parte para Benguela, como comerciante, onde se prova digno da confiança do Rei[84], que o lança para um palco de reconhecimento, e de "grande relação e influência entre as mais elevadas "sumidades políticas".[85]

Passados 10 anos após a sua partida de Príncipe, era de crer que já tivesse esquecido as ilhas; mas a miséria a que tinham chegado[86], com a queda do ciclo de açúcar, não saía do seu pensamento. Motivado em re-erguer a memória da sua terra, parte rumo ao Brasil, em busca de uma solução capaz de despertar os ilhéus do esmorecimento que tinham tomado. Chegado ao Brasil, JMA, conhece as culturas do cacau e do café, que se provavam ser bastante rentáveis, e seguro de que a sua produção no território, seria capaz de recuperara a economia das ilhas; compra em 1855, uma larga área de terrenos abandonados, junto a uma baía a Sudeste, da ilha grande, tendo por condição fundamental "os terrenos possuírem ligação ao mar"[87]; antevendo a expedição

[82] "um homem simpático e acessível com todos,(...)" TAVARES (2003)
[83] Barão de Água-Izé, e seu filho Malanza, p.8
[84] IBIDEM, p.10.
[85] IBIDEM, p.12.
[86] IBIDEM, p.12.
[87] Barão de Água-Izé, e seu filho Malanza, p.16.

independente das mercadorias sem necessidade de recorrer à capital. Implantado junto à costa, as primeiras plantações começaram a dar os seus frutos, e o que até então fora um mero terreno abandonado, transforma-se no maior e mais rentável complexo agrário da ilha. *"De tão grande era a produção na roça, que ofereceu todo o óleo, preciso para a iluminação pública na cidade."*[88]
Reconhecida a sua rentabilidade e importância no comercio da ilha, Água-Izé é mais tarde elevada a sede da Companhia agrícola do Príncipe, tornando JMA, o primeiro proprietário de origem negra de São Tomé e Príncipe. Sendo mais tarde, em 1968 distinguido com o estatuto de barão, como agradecimento pelos seus feitos.

"(…) como se de uma povoação portuguesa se tratasse."[89]

ROÇA

Debruçada sobre o mar, num pequeno planalto onde as esguias palmeiras do litoral confrontam a floresta do obô, encontramos Água-Izé. Fundada em 1854 e situada no litoral sul do distrito de Cantagalo, esta constitui ainda hoje, o conjunto edificado mais vasto da ilha[90], onde actualmente moram 1300 pessoas. Conhecida por não ter limites nem entradas bem definidas, Água-Izé, assenta o seu edificado sob forma de anfiteatro, com o mar de pano de fundo. Inicialmente explorada sob o nome de fazenda da praia rei, é mais tarde "batizada" como Água-Izé[91], devido ao rio que a atravessa. Sendo - *Izé proveniente do* marisco, que se encontra com abundância no entalhado da orla costeira. Além do *rio*, o conjunto

[88] TAVARES (2003)
[89] ANDRADE (2008), p.28.
[90] ANDRADE (2008), p.28.
[91] após o processo de nacionalização.

agrícola é irrigado por diversas linhas de água, que atravessam a propriedade e desaguam no mar. Motivo pela qual, os seus solo são propícios à agricultura, e as águas que a limitam, ricas e abundantes[92]. Aquando da sua fundação, Água-Izé possuía uma das maiores plantações de todo o arquipélago, sustentada por mecanismos e infraestruturas férreas nunca antes vistas em toda a ilha. Contudo, apesar da vasta produção, Água-Izé atravessou um período de dificuldades financeiras, em 1895, onde a gestão da roça foi entregue ao Banco Nacional Ultramarino e três anos mais tarde, para os acionistas da Companhia Agrícola da Ilha do Príncipe (liderada por João Maria de Sousa Almeida) sendo pela última vez "trespassada" após independência, para a mais recente república. Inicialmente projetada para a produção de cacau, identidade deste conjunto urbano vai além da sua produção agrícola. A ligação com a baía e a distribuição de mercadoria via mar, ofereceu a Água-Izé uma ligação essencial para a viabilidade da produção, que garantiu o seu crescimento enquanto companhia.

Composta por um espaço concentrado, um espaço marítimo, e um espaço agrícola, Agua-Izé partilha do mesmo princípio base estruturante da malha urbana que as cidades ultramarinas, como o Funchal ou a própria capital de São Tomé: um eixo linear, paralelo à linha de costa, onde é implantado um pequeno núcleo urbano, constituído por quarteirões de forma retangular, dispostos ao longo da costa[93].

[92] ANDRADE (2008).
[93] ANDRADE, 2008

"ROÇA CIDADE"

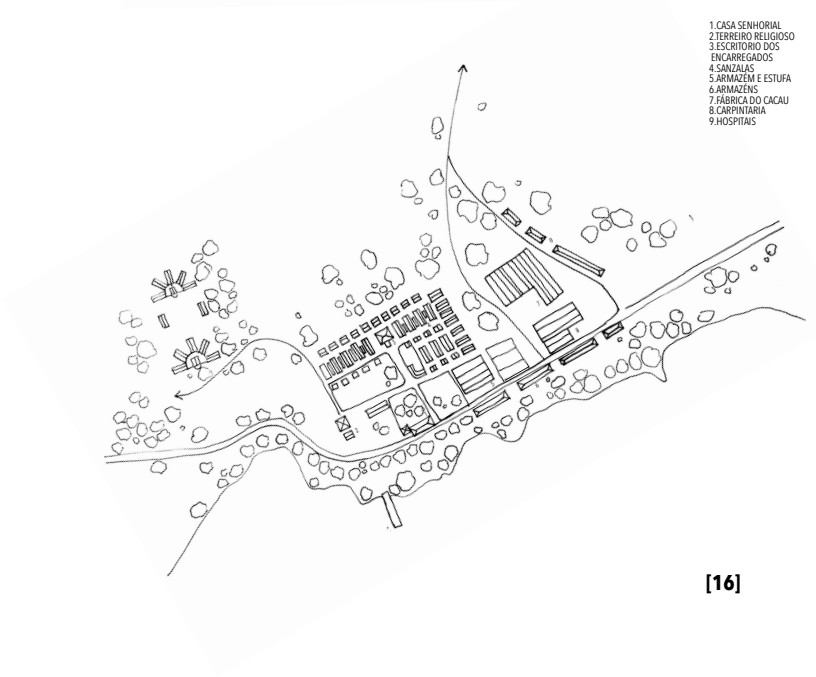
"A cidade na sua vastidão e na sua beleza é uma criação nascida de numerosos e diferentes momentos de formação" [94]. Assente num plano de ligeiro declive, vencido por pequenos socalcos, voltados para o mar, Agua-Izé insere-se no grupo das roças cidade; organizando os seus elementos de acordo com a sua funcionalidade, ao longo de uma malha reticulada, sem qualquer tipo de centralidade ou relação com o terreiro[95]. Projetada como uma autentica máquina de produção, "na sua base está um racionalismo extremo, cujos parâmetros não procuram tanto a coerência, mas principalmente a eficiência"[96]. Por conseguinte, é notável a independência física dos vários elementos e sistemas que a compõem. Os edifícios servem apenas para conter pessoas e não participam na definição do espaço urbano[97]. Motivo pela qual a rua assume-se como principal elemento urbano neste complexo. Responsável por interligar todas as partes e formar o todo.

COMPOSIÇÃO

Com mais de 200 anos, a sua história reflete-se hoje, na complexidade formal, funcional e morfológica. Regulada pelo traçado de matriz militar, impresso nos traços retilíneos das suas largas avenidas e alamedas. O conjunto de edifícios dispostos ao longo do terreno, podem dividir-se segundo as suas tipologias, desde a cota mais baixa, onde se encontra posicionada a casa principal, implantada sem posição de destaque sobre o conjunto, com vista sobre o mar. Desenhada ao estilo europeu, "*De planta retangular, (…) com varanda a toda a volta alpendrada pelo avanço da cobertura, através da*

[94] ROSSI, p.30.
[95] LAMAS, p.303.
[96] Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar,
[97] LAMAS,p.303.

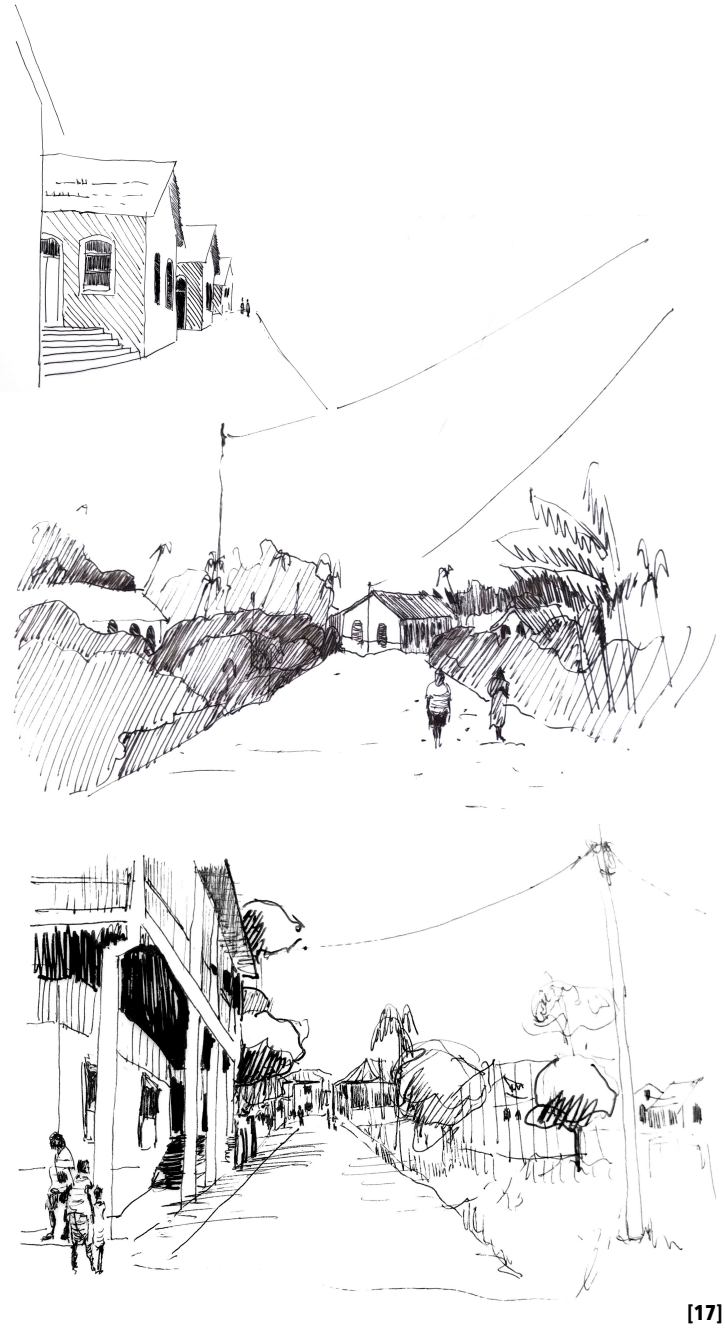



1.CASA SENHORIAL
2.TERREIRO RELIGIOSO
3.ESCRITORIO DOS ENCARREGADOS
4.SANZALAS
5.ARMAZÉM E ESTUFA
6.ARMAZÉNS
7.FÁBRICA DO CACAU
8.CARPINTARIA
9.HOSPITAIS

[16]

qual se fazia o acesso aos diferentes compartimentos"[98]. Subida a Alameda, o imponente edifício dos escritórios, marca o ponto central de toda a estrutura, onde lateralmente foram dispostas, como pequenas carruagens de comboio as sanzalas, que dispostas transversalmente de fachadas viradas entre si, fazem em tudo, lembrar as "famosas" vilas operárias portuguesas, com as suas coberturas em duas águas, um piso único e interiormente desprovidas de qualquer tipo de instalação ou zona de confecção. Paralelamente à linha da costa, a calçada coberta de vegetação, circunscreve um pequeno terreiro, onde uma pequena capela, (de Nossa senhora de Fátima) foi inserida, imaculadamente caiada de branco[99], com vista sobre as águas paradas da baia. Na continuação do percurso, a mesma rua liga ainda o centro do conjunto com os dois hospitais[100], periféricamente posicionados, na zona mais alta de toda a estrutura. Já no lado oposto, a malha reticulada perde a rigidez ao encontrar a "zona industrial" do complexo: demarcada pela imponente fábrica, e outros equipamentos de apoio à exploração, como as oficinas, estufas, serralharias e uma pequena carpintaria, todas interligadas entre si através de uma imponente linha de caminhos de ferro. À exceção dos hospitais e da casa principal, os edifícios obedecem a uma traça uniforme de vãos arqueados e molduras dentadas, tanto nas sanzalas como nas unidades de produção[101]. Por último, rematando a periferia de toda a estrutura urbana,

[98] ANDRADE (2008), p.21.
[99] ANDRADE, (2008) p.28.
[100] "O hospital era o culminar da autonomia de uma Roça e era apresentado como símbolo de modernidade "
ANDRADE (2008) p.26.
[101] PAPE et al., As Roças de São Tomé e Príncipe, 2009- 2016



[17]

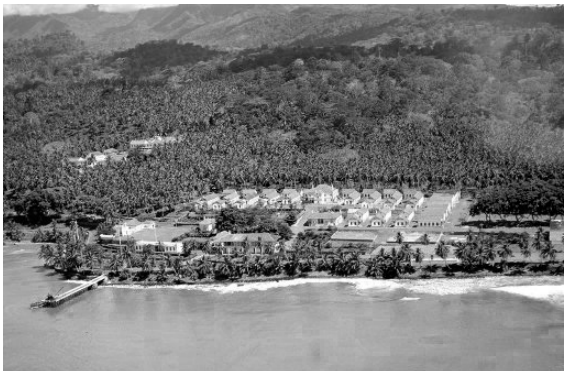
encontram-se os campos de cultivo onde a densa vegetação de cacaueiros, aconchega a vila agrícola e por fim, se funde com o obô.

Todavia, o conjunto é mais vasto do que aparenta. Agua-Izé alberga ainda o "ilhéu" conhecido como a "Boca do inferno"[102] e os terrenos circundantes à baía, que a protegem das correntes do Oceano Atlântico. Em suma, podemos assim concluir, que Água-Izé é no seu todo composta por três zonas distintas. A "cidade construída", as "matas", e o mar; que relacionadas entre si, sustentam a identidade desta vila rural. Hoje adormecida sobre a estrada, e sobre o mar.

[102] onde ocorre um fenómeno de erosão nas formações rochosas que formaram um pequeno canal.

DIANTE DA ROCA, O MAR,
UM NUNCA ACABA DE MAR.







[18]

(ÁGUA)-IZÉ

Debruçada sobre o oceano, a identidade de Água-Izé, evoca mais do que a sua produção agrícola. Morfologicamente interligada com plano de água, além da multiplicidade de edifícios, ressalta a relação que a cidade construída estabelece com a frente mar. Implantada sobre a orla costeira, a malha urbana, de que anteriormente falamos, finda perante a irregularidade da linha da costa, destacando a margem enquanto elemento compositivo fundamental, na leitura do complexo traçado da roça. Construída segundo exigências e desejos do Barão, a margem, composta por diversos equipamentos ligados à exportação Água-Izé possuía ainda um cais próprio, que resguardado das correntes sobre as águas paradas da baía "avançava" em direção ao ilhéu. Cravado à força sobre o mar, o pontão ainda que aparentemente deslocado e excluído da restante estrutura urbana, era interligado através de um percurso marítimo (que contornava a cota mais baixada orla costeira) com a comunidade. Morfologicamente associada com o plano de água, consegue reconhecer-se actualmente, ainda que esbatida, a presença do eixo paralelo à linha da costa, onde o antigo muro de contenção anteriormente assentou.

Implantado sobre a orla costeira, a margem, formava o grau zero romano da Roça. Ditava o ponto de chegada e partida; e na ausência de um espaço de concentração e encontro no conjunto, a praça suportada pelo muro de basaltos, tornou-se,







[19]

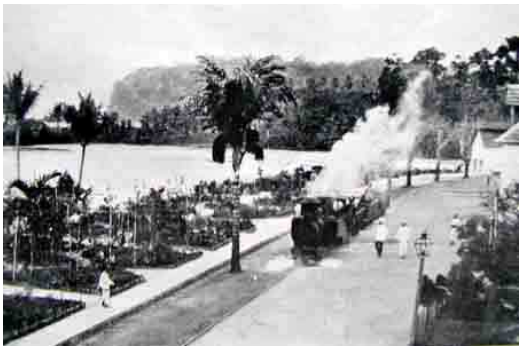
por conveniência e contingência da topografia[103], o palco da vida quotidiana, desta vila rural.

De relação ambígua, com a "cidade construída", o que sobra do lugar relembra os momentos da formatura que ocorreram na época colonial. Onde sobre a linha férrea, acolhidos pelo barulho das ondas, longe do calor dos campos e do aroma da fermentação do cacau; ora de olhos postos no oceano, ora na casa colonial, se anunciava o início e o fim do dia de trabalho.

Responsável por rematar o conjunto e definir os limites formais da vila, em conjunto com o passeio marítimo, o muro enquanto peça, ligava a comunidade ao mar.

[103] Posição mais baixa de toda a roça, limitada pelo mar, e por isso de fácil controlo.





[20]

" É um luxo, admito-o, preocuparmo-nos em nome do bom gosto com pormenores tão triviais da vida quotidiana. Deve ser fácil encontrar quem me mostre que o essencial é que estejamos em posição de nos podermos defender das diferenças de temperatura e da fome, e que a forma pouco interessa. " [104]

[104] TANIZAKI, (2016), p.17.

a desordem

como matriz



Evolução Urbana Água-Izé. **[21]**

"A CIDADE INFORMAL"

Com a abolição da escravatura em pleno auge da produção do cacau, as roças, sofreram um período de estagnação na produção e no investimento[105], que lançou as ilhas para um estado alheado, e sem rumo. "Livres" e deixados à sua condição, os habitantes carregados de desprezo e aversão às Roças, fugiram em direção à cidade, à procura de um futuro e de uma vida melhor. Com o êxodo das pequenas vilas para a cidade a decorrer, havia-se de crer que estas vilas fossem totalmente abandonadas, mas na mesma proporção aos que partiram, outros tantos optaram por ficar. Livres e em menor número, os que permaneceram, apoderam-se das estruturas existentes; adaptando-as e convertendo-as em habitações e/ou equipamentos, que em função das necessidades que foram evoluindo e expandindo, formando em redor da cidade planeada, uma cintura habitacional improvisada, desqualificada e carente de equipamentos.

Apelidada segundo uma visão contemporânea de tecido "informal", devido à sua irregularidade morfológica, esta cidade paralela, é nada mais que o resultado de um processo natural e expontâneo, que se rege por princípios simples. Proporcionar abrigo ao corpo e responder às necessidades emergentes da vida quotidiana. Sem seguir regras ou planos, eixos ou diretrizes, a cidade informal desenvolve-se, reclamando o território da floresta, e encobrindo a cidade formal num mar de sedimentações urbanas.

[105] Após o 25 Abril, as Roças, passaram para o domínio do Estado.

Erguida pela mão dos habitantes, há que entender que quando falamos de *cidade informal*, "Não se trata apenas de uma somatória de espaços residuais à espera de serem significados, (…) mas de uma cidade paralela com dinâmicas e estruturas próprias, com uma identidade formal própria, inquieta e palpitante de pluralidade, dotada de redes de relações, de habitantes, de lugares, de monumentos, e que deve ser compreendida antes de ser saturada, ou no melhor dos casos requalificada"[106].

Fundada nas costuras da cidade colonial, o idealizado/planeado e o rural defrontam-se, os aglomerados acumulam-se, e "vive-se em uma informalidade e, frequentemente, ilegalidade difusa, com regras próprias"[107]. Ao deambular pelo território, " Não se pode dizer que um aspeto da cidade seja mais verdadeiro do que o outro"[108] porque "Não se sabe mais, qual a verdadeira cidade": a construída, erguida de outros tempos, ou a vivida. As duas cidades "vivem" em aparente confronto, numa harmonia difusa. Olham-se continuamente nos olhos, dependem uma da outra, e a razão de uma, é a razão da outra existir.

Com valores de população não-trabalhadora a rondar os 46% no contexto rural[109], o estilo de vida nas ilhas, caracteriza-se por um dia-a-dia ditado pelas necessidades mais básicas. Existe pouco

[106] CARRERI, p.23.
[107] CARRERI (2017), p.21.
[108] CALVINO, p.76.
[109] PROGRAMA DE PROMOÇÃO DO TRABALHO DIGNO 2018-2021 DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

comércio, e a produção de cacau, café e cana-de-açúcar estagnou[110]. A população alimenta-se maioritariamente das culturas que se desenvolvem naturalmente na ilha, já que os preços dos bens importados chegam a ser bastante elevados, tendo em conta os rendimentos das famílias. Não tendo possibilidade de investimento, a população acomodou-se, a viver do que a terra oferece, e sem questionar a ordem das coisas, compensam a falta de estrutura social com uma interacção efervescente ao nível da casa[111]. A casa, torna-se assim, o motor desta cidade.

Fora do núcleo colonial, delimitado pelas ruas e pela vasta bateria de sanzalas, o cenário encontrado é de habitações soltas, como versos livres, onde reinam os tons amadeirados e a cor terracota dos pequenos e irregulares caminhos.



[22]

[110] Fábrica de cacau, por investimento de empresas estrangeiras, abriu varias vezes as portas ao longo dos últimos anos, no entanto, devido à cotação do cacau nos mercados, abriu falência, encontrando-se hoje a ser utilizada como escola de Artes, pela Fundação - Roça Urso tigre.

[111]PALLASMA explica este fenómeno, da habitação informal onde a luta pelo direito á habitação, tornou-se a luta pelo direito à cidade, defendendo que a expansão acontece, nem sempre por necessidade, mas pelo ato em si, de marcar uma imposição, de se fazer notar.

"Casas dispersas como ovelhas perdidas e casas aconchegadas umas às outras. Correm em bicos de pés espreitando e voando sobre os vizinhos."[112]

[112] A CASA, por Alvaro Siza Vieira in Carlos Nogueira, desenhos de construção com casa . e céu, Almada, Casa da Cerca - CAC, Maio 2006, p.59.





A CASA INFORMAL

"Esta arquitectura é própria do lugar onde se insere e a mais nenhum outro, as adaptações feitas mediante as necessidades de uma comunidade, sendo fiel às suas origens sendo simples e funcional".[113]

Segundo Joseph Brodsky, "nossas produções dizem mais a respeito de nós mesmos do que nossas confissões."[114] Intrinsecamente ligada ao clima e ao modo de habitar tropical, a casa informal, é representação fiel do modo como habitam os São-tomenses. Livre, e em permanente contato com o exterior. Construída sem recurso a arquitetos, ao observar a casa informal, vemos um espectro expontâneo e rural, tal como se encontra na arquitetura vernacular indígena. "Mais complexas ou não, consoante o nível social do seu proprietário"[115] as cubatas[116] encontram-se um pouco por todo o território. "Colocadas sem qualquer preocupação de conjunto que não seja a de evitar (..) as irregularidades do terreno", as casa são constituídas por um esqueleto feito de "boas madeiras, como a de jaca, quina e pau-ferro(…) que depois de devidamente travado por paus na diagonal, é forrado de tabuado, deixando somente aberturas destinadas às janelas e à porta.".[117] e rematadas por um pequeno alpendre, que faz a perfeita simbiose com a envolvente, "(…) a casa é por toda a ilha uma réplica da natureza"[118].

[113] BROWN, (2011).
[114] CARRERI, p.71.
[115] TENREIRO (1961), p.123-126.
[116] Nome atribuído às habitações dos nativos das ilhas.
[117] Descrição de Francisco Tenreiro, em meados do séc.XX, in, TENREIRO (1961), p.124.
[118] ROMANA (1997).

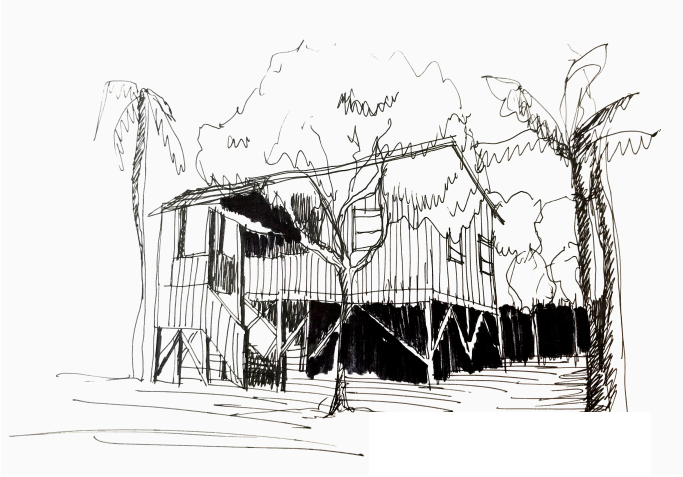
Fruto do clima e da tradição, o espaço da habitação é compreendido como espaço de descanso, repouso, uma vez que as "actividades domésticas", são feitas maioritariamente no exterior. Deste modo, o interior do quarteirão, a rua e a praça assumem-se como espaços de referência no coabitar em comunidade.

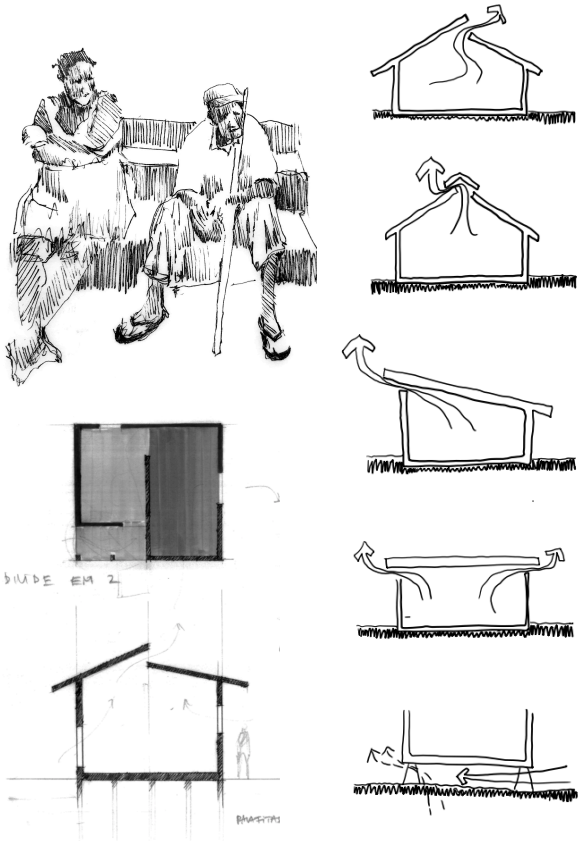
Em função do clima e da geografia, as habitações e o modo de construir em São Tomé e Príncipe, apresenta-se diferente, em relação à forma de pensar europeia, sendo, simultaneamente, um projeto consolidado e em consolidação; alterado no decorrer do tempo, mediante as necessidades. Deste modo, a habitação espontânea acaba por assumir caraterísticas relativamente variadas e de grande diversidade morfológica, reflexo das oscilações e do modo de ser e estar dos seus usuários. Não obstante, no meio da multiplicidade de soluções, é possível identificar a presença de alguns traços comuns, que apontam caraterísticas e preferências mais constantes, na sua maioria por influência e consequência do clima. Sobre esta temática, há que referir o Manual do Colono, escrito em 1904, por Pimentel, que decompõe e descreve os diferentes tipos de habitação tropical presentes no território ultramarino português, e quais os elementos fundamentais e imprescindíveis na construção da *casa tropical*. De forma hierárquica,

em primeiro lugar, a varanda, ou alpendre, que "*deve ser espaçosa (…) e bem abrigada do sol e das intempéries pelo prolongamento do telhado*"[119]. Deste modo, o alpendre não só protege as paredes da exposição do sol, como promove o espaço de convívio e de estar, fazendo assim transição entre o espaço interior e exterior da habitação. Em segundo lugar, mas não menos importante, é abordada a ventilação, através da cobertura. Para a qual, Pimentel aconselha a construção de "dois tectos deixando entre si uma espessa camada d'ar". Propondo assim um dos meios mais eficazes para a climatização das casas em contexto tropical.

Na arquitetura tropical, a correcta projeção de sistemas de sombreamento e de ventilação da casa, são questões centrais, no entanto, um outro desafio que se torna crítico neste contexto prende-se com a salubridade da construção, visto estarmos perante uma zona tropical, onde há uma maior predominância de temperaturas elevadas, humidade e chuvas abundantes. Neste sentido, dada a irregularidade dos terrenos, é recorrente o uso do sistema de palafitas, que consiste elevação da casa em relação ao terreno, com recurso a um conjunto de estacas. Além de permitir uma adequação ao local mais simples, sem necessidade de recorrer ao desbaste e assentamento das terras, este sistema evita a subida de águas por capilaridade, evitando o desgaste da construção, ao mesmo tempo que contribui para a dissipação e ventilação da casa. Em alternativa, é também comum a utilização da pedra ou alvenaria para o embasamento da casa, que embora não garanta a ventilação como no sistema anterior, permite que a

[119] PIMENTEL (1904), p.32.





[23]

residência se desenvolva ao nível da rua, sem com isso comprometer a subida das águas[120].

No que diz respeito ao programa, a casa é "*composta apenas d'um pavimento térreo dividido em dois aposentos*", onde o espaço exterior é utilizado como zona de socialização. Quanto à distribuição espacial, a habitação tipo caracteriza-se geralmente por uma planta quadrangular, repartida em duas divisões básicas: uma para dormir e outra para estar, ou eventualmente cozinhar, quando o clima não o permite no exterior. Sendo que em algumas variações, a cozinha pode funcionar como um pequeno anexo à casa, sobre o quintal. A acrescentar, a presença dos portugueses produziu várias alterações e adaptações ao modelo da casa tradicional, visíveis pela introdução de venezianas, pequenos jardins cuidados e pela progressiva utilização de materiais importados como o cimento, o tijolo e as tintas, que revelam um constante processo de aculturação entre portugueses e nativos no arquipélago.

Segundo Tenreiro, as filiações deste país africano com a descendência portuguesa são óbvias; "*pela estrutura da casa, com loja e sobrado, varanda com alpendre e escada exterior, pela sua função - casa de camponês - pela vida feita essencialmente ao ar livre. Em suma, a casa típica de São Tomé, faz lembrar em muito, a casa rural do interior norte de Portugal.*"[121]

[120] Esta solução é por norma mais frequente no contexto urbano, permitindo comércio ou serviços dentro da casa. GUEDES (2015), p.19.

[121] TENREIRO, Francisco, *A ilha de São Tomé. v.* 24 de Memórias da Junta de Investigações do Ultramar, Portugal. Lisboa: Bertrand, (1961) p.126.

"Quer algo da rua? - a rua. "
Jorge lalanji

"O VIVER TROPICAL"

Além das características acima mencionadas que definem os princípios e a identidade do construir tropical, ao analisar a habitação no contexto roceiro, há, ainda que ter em conta o factor expansão, que assume uma maior presença no panorama roceiro, onde devido à menor quantidade de trabalho e oportunidades (comparativamente à cidade) se agravam as necessidades. Além de refletir os problemas na estrutura sócio-económica do pais, Pallasma defende que o fenómeno ou "sintoma" da expansão ocorre pela necessidade de marcar presença e de pertencer à cidade; onde a "luta" pelo direito à habitação torna-se a luta pelo direito ao lugar. Não obstante, em contexto roceiro, este processo reflete problemas mais particulares e intrínsecos, próprios de quem habita estes lugares, tão singulares. Distantes dos centros e entre si, as comunidades das Roças sofrem da apelidada condição de *dupla insularidade*, que afeta e molda as personalidades dos seus habitantes. Incessantemente confrontados com a solidão, a rua assume-se como um refúgio, que "repara e preenche as fendas da alma", quando a solidão invade a mente.

A comunidade são as palafitas da alma.

Existem portanto, poucas delimitações de propriedade. O espaço público torna-se, em vês de um limite, um espaço de união, onde o murete é inexistente e as escadas tornam-se bancos, pontos de encontro e conversação, como um lugar a estar para conviver. Por essa razão, ao percorrer as ruas, é comum encontrar-se pequenos bancos junto das casas, emoldurados por pequenos alpendres, que convidam quem passa a juntar-se. A permanecer.

Nas palavras de mia couto, a cidade informal, relembra-nos que *"o importante não é a casa onde moramos. Mas é onde em nós, a casa mora".*



[24]



[25]



[26]



[27]



[28]

Sendo a habitação um elemento participativo na vida da cidade, adicionalmente as "problemáticas" derivadas da expansão, refletiram-se no restante espaço urbano: Água-Izé exibe visíveis assimetrias, confusões e discrepâncias que enfraquecem e deturpam a legibilidade do conjunto. Obstruídas por consequência da apropriação, as ruas impediram a fluidez dos tecidos dividindo a Roça em dois núcleos distintos, segundo o volume de ocupação e uso do espaço. Na zona alta do conjunto, a composição caótica e sufocante de casas, contrapõem com o restante espaço entregue ao vazio. Adensados junto às zonas altas, onde a temperatura é mais baixa devido à vegetação e intensificada no prolongamento dos eixos principais, sublinha-se o intenso abandono do espaço, à medida se aproxima da estrada: que à semelhança de uma fenda interrompe a malha urbana excluindo a margem como parte integrante do conjunto roceiro. "Uma estrada pode ser uma artéria de comunicação para o motorista, e um limite para o peão[122].

*Debruçada sobre o plano de água**,** a estrada assume-se como o actual limite do conjunto urbano, ao invés do mar. Os habitantes utilizam-na como ponto de encontro e sobre os seus limites formais, entre muros caídos e passeios quebrados, vendem os produtos que produzem, e observam os carros que passam. Isto porque, numa localidade onde as poucas actividades que tinha se renderam à passagem do tempo, pouco ou nada mais há a fazer.*

[122] LYNCH (1971), p.53



[29]

"Mas o prazer de ver carros é limitado e só se observa em situações em que nada há mais ao pé que valha a pena". [123]

[123] GEHL, (2017), p.127.



[30]



[31]

EM SUMA:

As assimetrias e os contrastes são reflexo das oscilações e da instabilidade socioeconómica do pais, que se intensificam no panorama roceiro devido à menor quantidade de trabalho e oportunidades, comparativamente à cidade. Adormecida sobre a estrada, do que anteriormente fora a maior roça exportadora do arquipélago, hoje (descaracterizada), resume-se a um mero ponto de passagem aos que visitam as ruínas dos monumentais hospitais e atravessam as ilhas em direção ao sul.

Fortemente vincada por um passado de produção e agricultura forçada, apesar da fertilidade das terras, desde o fecho definitivo da fábrica de cacau, "contam-se pelos dedos" os residentes na Roça que ainda se dedicam a esta produção; uma vez que os lucros da produção não justificam o árduo trabalho dos campos. Progressivamente abandonados, os terrenos em torno à pequena aldeia agrícola foram desocupados e a natureza luxuriante que reveste a ilha retoma lentamente a sua forma original. Abraçando a vila e deixando apenas a descoberto as construções rurais da povoação.

Desenhada, construída e vivida, o que poderia ser uma vila cheia de carácter e interesse, tornou-se num lugar onde as potencialidades e o valor do território se encontram adormecidos. Para quem a percorre, ou observa ao longe, desconhecendo a história por trás das ruínas embrenhadas na vegetação, fica o sentimento de que Água-Izé se resume aos despojos e memórias do seu passado. Imagem esta, que inconscientemente se entranha na memória dos que nela habitam, e inevitavelmente promove um cíclico processo de desapego do lugar.

Não obstante, contrariamente à vegetação, que circunscreve a vila à sua aparente condição de abandono, a zona da baía que percepcionamos ao longe, resguarda uma forte cultura piscatória, que devido à proximidade do conjunto, contraria o paradigma de isolamento imposto sobre o território e sobre a comunidade.

Deslocada a sudeste do conjunto urbano, a baia abrigada, atrai diariamente dezenas de pescadores das comunidades circundantes, que aqui encontram o seu acesso ao mar mais próximo. Atestado pela inundante presença de embarcações, que pontuam o areal, a praia rei, assume-se actualmente o epicentro da vida social e activa da comunidade. Uma extensão do território "mãe", que impede, por proximidade ao conjunto urbano, Água-Izé de cair no esquecimento. Dispersa um pouco por todo o litoral, a pesca desenvolve-se onde os acessos ao mar são possíveis: desde o porto à antiga capitania, excluindo a margem litoral do conjunto como opção.

Debruçada sobre o infinito plano de água e com um passado em torno da exportação, torna-se intrigante o "porquê" de haver uma desconexão e desarticulação entre a cidade construída e o plano de água, que obriga a comunidade de Água-Izé, com o mar defronte, a deslocar-se para junto da baia para o alcançar.

Sobre a estrada, espreitam o mar. Ao longe, sereno, aconchegando os cascos frágeis das pequenas embarcações, que ao sabor do vento, rompem as ondas do mar. Olham-no, ao longe, mas não o podem possuir.

A MARGEM

. um lugar vivido, um lugar esquecido





"ONDE TERMINA A HISTÓRIA, INICIA A MEMÓRIA."

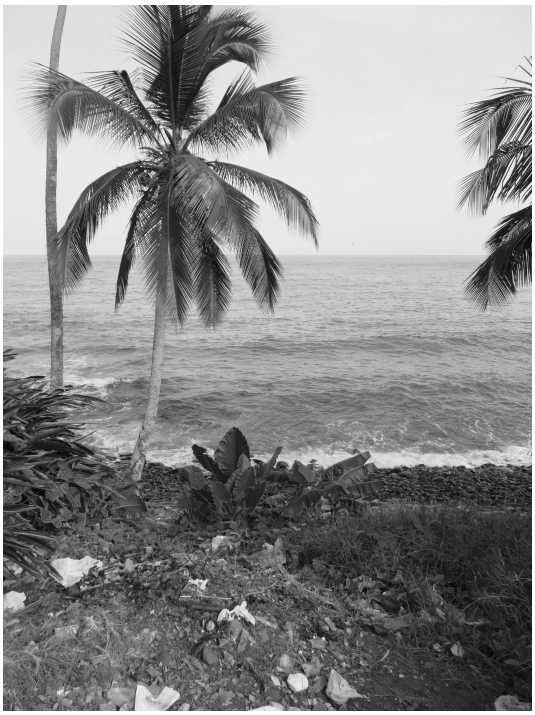
Peter Eisenman

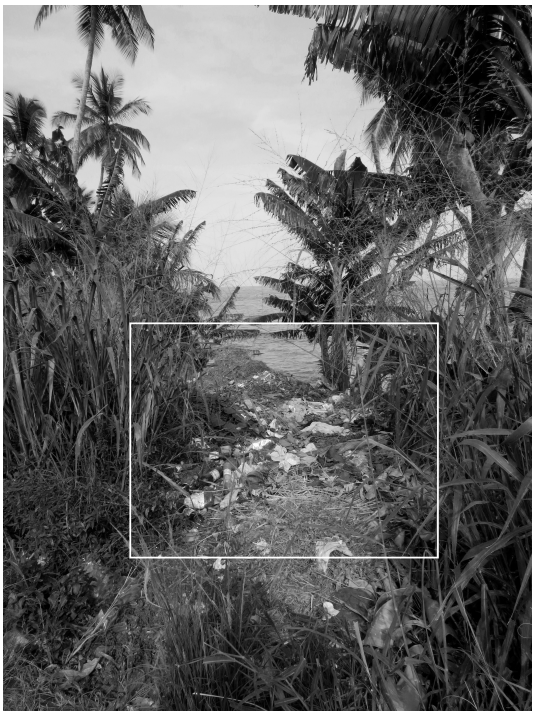
Circunscrita entre a estrada e o mar, compreende-se por "margem" todo o território litoral que remata o conjunto urbano após a estrada.

Delimitada pela estrada e pelo o mar, como que aparentemente excluída da restante estrutura urbana, a memória da margem enquanto lugar, vincula-se à época colonial; tempo em que o pontão, assinalava o extremo final da companhia e a porta de entrada marítima do distrito. Associada a uma das zonas de maior promoção cultural, durante séculos a margem suportada pelo grande muro afirmou-se enquanto lugar privilegiado no contexto urbano, pela sua posição intermédia de transição entre a cidade construída e o mar. Contudo, esta ligação já não se verifica mais. Por falta de manutenção, *o muro ruiu* e desde então, a comunidade cresce sobre a estrada, "de costas voltadas para o mar".

O MURO RUIU...

Enquanto peça de origem, o muro, talvez tenha sido um dos elementos urbanos mais afetados com o final da produção. O que outrora representou a peça de origem da comunidade, hoje destruído e consumido pela natureza, compromete a ligação da comunidade com o mar. Perdido da sua função de suporte, a margem perdeu-se enquanto lugar e hoje, sem utilidade considera-se um grande vazio, esquecido e deslocado dos cenário urbanos. Para o sujeito que por ali passa, este pedaço de orla costeira não tem qualquer valor. Para quem aqui habita, nenhuma utilização. Enclausurado sobre si mesmo, entre palmeiras que se erguem em busca do sol e lixo disperso pelo chão, a margem representa hoje uma fatia isolada de terreno, que ao separar a comunidade do mar, compromete o desenvolvimento e a identidade de Água-Izé, que desde a sua implantação se preconiza pela ligação que estabelece com a frente mar.





[32]





[33]





[34]



[35]





[36]

A VIDA SOCIAL PRECISA DE UM LUGAR!

«I could not forbear getting up to the top of a little mountain, and looking out to sea, in hopes of seeing a ship : then fancy that, at a vast distance, I spied a sail, please myself with the hopes of it, and, after looking steadily, till I was almost blind, lose it quite, and sit down and weep like a child, and thus increase my misery by my folly.» Daniel Defoe, in La vie et les aventures de Robinson Crusoe.

Isolado numa ilha, vitima de um naufrágio, Robinson Crusoe personifica a agonia e desespero de um homem confrontado com a solidão. Submetido ao isolamento e a privação do indivíduo à relação com outros, o sujeito, numa última instância de desespero, cego pela tristeza de uma vida profundamente solitária, tenta reproduzir as conexões perdidas, com recurso a objetos que artificializam a imagem de homens e mulheres; «Durante mais de uma hora entreteve-se a vestir as insólitas plantas, do tamanho de homens, com capas, xailes, chapéu, enfiou-lhes vestidos , calças, luvas e, por fim, cobriu-as com pulseiras, colares, brincos, diademas, e encontrou até, no fundo do cofre, sombrinhas, lornhões e leques, com que completou a ilusão»[124], esperançoso que a imagem de companhia, fosse a resposta capaz de calar o ruído ensurdecedor de tamanha solidão.

Sem a possibilidade de contato, o homem, assim como a sociedade adoece e entra em colapso porque o ato da troca social é fundamental para o seu bem estar[125].

[124] Daniel Defoe, in La vie et les aventures de Robinson Crusoe p.60.

[125] "A sociedade é um grupo de indivíduos, biologicamente distintos e autônomos, que pelas suas acomodações psicológicas e de comportamento se tornaram necessários uns aos outros, sem eliminar sua individualidade."LINTON, Ralph. O Homem: Uma Introdução à Antropologia. Tradução: Lavínia Vilela. 8ª ed., São Paulo: Martins. 1971. p. 123-124.

As necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material. Além de alimento, roupa, abrigo e cuidados de saúde, o indivíduo precisa de outros indivíduos para sobreviver. Feita pelo homem e para o homem, a cidade é em si, a prova materializada dessa necessidade; de que seres humanos não vivem juntos porque escolhem faze-lo. Vivem porque precisam.

Ainda que o homem no mundo moderno veja as suas necessidades suprimidas pelo avanço da tecnologia e da industria, é em sociedade que vê as suas necessidades íntimas suprimidas. No ato da troca com o outro. O ato de conectar não se trata de um capricho, ou mero desejo individual, trata-se de uma necessidade humana e como tal a cidade enquanto pano de fundo e testemunho deste importantíssimo encontro, deve garantir resposta às necessidades inerentes ao mesmo; enquanto que ao arquiteto, "o artífice da cidade", incumbe-lhe a tarefa e a responsabilidade de ao desenhar estes espaços, dedicados à colectividade, proporcionar ambientes qualificados, seguros e distintos, capazes de suportar e engrandecer estes momentos de celebração. (Além do ato de habitar a arquitetura deriva do ato de celebrar, e o espaço público é o espaço inerente a essa celebração.[126]) Em suma, o indivíduo precisa de outros para sobreviver e a cidade é em si, a materialização da sobrevivência.

"A FUNÇÃO SOBREPUJA AO HABITANTE"

Vinculados à construção da so(ci)e(dade), e à carência do ser humano por convívio, nascem os espaços públicos. A praça, a alameda, a rua, o largo, da pequena a grande escala, da civilização ao mundo moderno, estes espaços metamorfoseiam-se em função dos tempos e das circunstâncias, sem nunca perder o seu lugar na esfera pública da cidade.

[126] PALLASMA (2017), p.79.

Não obstante, junto ao equador, no contexto " excecional" das roças, estes lugares foram suprimidos e ocultos do planeamento, em detrimento de algo tão poderoso quanto o lucro e a funcionalidade. Imersas no universo do funcionalismo, que despreza toda e qualquer "peça" acessória, (como abordado no capítulo anterior das Roças) cada peça destes conjuntos desempenhava uma função específica e imprescindível. Para a qual, o espaço público, "O centro pulsante da vida"[127], se demonstrava puramente desnecessário. Isto porque, à imagem da altura também os habitantes eram entendidos enquanto peças do sistema, (não lhes sendo considerada a condição de homens ou mulheres) e, por isso desvalorizada e ignorada a sua necessidade de convívio.

MARGEM ENQUANTO ESPAÇO PÚBLICO

Não obstante, contrariamente às outras roças, Água-Izé, dispunha ironicamente de um espaço público. Suportado pelo antigo muro de basaltos, este largo, delimitado pela antiga linha férrea da roça, apesar de assumir-se enquanto "público" era delimitado por fronteiras sociais que impediam que fosse usufruído por todos os habitantes. Privados da sua liberdade, os escravos eram também impedidos de usufruir deste lugar. A estes, reservavam-se as cotas mais altas e distantes do mar. Decorado por exóticos jardins, que escondiam e embelezavam o cenário rural, a margem "conquista" por fim o verdadeiro significado de "espaço público"[128], aquando do termino do período colonial. Porém, fatidáicamente mais tarde, "Quando a natureza se mostra tão "negligente com a vida individual"[129], este lugar é novamente reivindicado e arrancado da esfera comunitária com a queda do muro; e hoje,

[127] Robert Stevenson, in Apologia do ócio, p.66.
[128] "O espaço público é o lugar, acessível a todos os cidadãos (...) GUERRA, (2000).
[129] Verso do um longo poema In Memoriam A.H.H. de Alfred Tennyson, in Apologia do ócio, (2018), p.29.

tudo o que resta de espaço público nesta pequena Roça esquecida sobre o mar, é nada mais que *grande vazio*; subtraído do cenário urbano e da memória coletiva.

"SE O HABITANTE TUDO HABITA, AO HABITANTE TUDO PERTENCE"

Sem lugar para se reunir, (por tradição e/ou contingência da topografia), os habitantes reunem-se sobre os princípios do lugar e à sombra da vegetação, que não dá tréguas ao terreno, aguardam.

"Se houver uma praça que funcione bem, as pessoas agregam-se nela, mas, se não houver praça e vida urbana, então as esquinas das intersecções rodoviárias tornam-se pontos de encontro, onde ao menos há algo para ver."[130]

Todavia, a problemática da ausência de espaço público assume ainda uma outra reflexão, relacionada com a crise urbana. Afogados num mar de sedimentações informais, (que satisfazem as necessidades mais básicas e essenciais à vida, mas não oferecem uma resposta aos problemas públicos) é possível estabelecer um paralelismo entre a as informalidades e a ausência de espaço público. Ou seja, a permanência da crise urbana deriva de certo modo da dificuldade de articulação entre a vida privada e a vida pública. Face ao papel fundamental deste lugar, os habitantes compensam a ausência desta estrutura pública com construções improvisadas: desde bancos a pequenos alpendres que dispersos sobre a rígida malha, tentam recriar as dinâmicas do lugar que perderam. "Caminhar, estar lá é um ato de democracia, de reapropriação do espaço público, em algum modo, de revolução"[131].

[130] GHEL (2017), p.127.
[131] CARRERI, (2017), p.

Presos a um trançado de outros tempos, hoje mais do que nunca, Água-Izé exprime a inadequação do seu desenho e modelo de urbanismo otimizado, face à vivência e dinâmica da comunidade que aloja.

Face aos desequilíbrios urbanos e sociais, o desenvolvimento e a devolução da margem, enquanto espaço público na "cidade", assume-se crucial, no sentido de auxiliar e restituir o equilíbrio e a vitalidade urbana da Roça. Outrora privados da sua liberdade e ignorada a sua necessidade de intimidade e co-relacionamento; provada a sua necessidade para o bem estar , propõem-se agora, devolver este "pedaço de terreno" perdido no tempo, à comunidade. Como complemento à vida da urbe. Como praça para rituais urbanos. Como receptáculo para encontros e acontecimentos.

Pois, "O homem, é um animal social".[132] e como ser "gregário e é natural que se reuna"[133].

[132] Aristóteles
[133] CULLEN (2020), p.105.

O VAZIO COMO FRUTO DA INDILIGêNCIA

Um pedaço de terreno vazio, preso entre vedações e o mar; assim é, *A margem*.

Para Berkeley, a percepção cria a realidade. Ser, é ser percebido, se algo não for percebido não existe. Ainda que a tese do autor, se desenrole sobre a premissa da existência de Deus, interessa para o presente trabalho as questões levantadas sobre a percepção, como premissa e motivo de existência.

Circunscrito entre vedações que apesar de pouco afirmativas, perante a escala urbana, confinam o espaço ao seu involuntário abandono. Isolada e desprezada, a margem, sem uso, deixou de ser percebida e lida pelo sujeito enquanto lugar. Sem ser percebida, deixou de ser vivida e consequentemente "deixou de existir". Apagada dos mapas mentais, de quem habita a Roça, o que outrora fora um dos mais relevantes pontos de encontro, transfigurou-se num *espaço morto, um vazio*, que sem utilidade hoje enquadra o pano de fundo dos cenários urbanos.

Ainda que a temática dos vazios urbanos, esteja inserida num contexto de maior dimensão na Europa, derivada da revolução industrial, as circunstâncias que colocam a margem de Água-Izé, na sua situação actual assemelham-se à temática dos vazios pós industriais. Visto ter sido o reduzir abrupto da industria, aliada à falta de manutenção que conduziu o terreno condicionado pela actividade, ao seu inevitável abandono. Por vazio urbano compreende-se os espaços não construídos e não qualificados no interior das malhas urbanas. Contudo o termo é abrangente, podendo referir-se de igual modo a zonas, ou edifícios antigos deteriorados.

No fundo, representam zonas inúteis, sem uso, entregues à voragem do tempo. Uma "*espécie de amnésias urbanas"*[134], associadas ao desajuste do lugar face às novas vivencias[135].

"O VAZIO NÃO EXISTE POIS SENÃO PARA SER PREENCHIDO"!

Associados a um período de decadência, paralelamente à desativação industrial, da qual hoje só resta o legado, estes espaços expectastes ainda que testemunhos de um período da historia, abandonados, retiravam credibilidade e valor à cidade, potenciando o desinteresse e contribuindo para a sua descaracterização. Por esse motivo, por volta do séc.XX, quando a cidade começa a revelar um perseverante interesse em reconciliar-se com a frente mar, a imagem de fronteira associada a estes espaços é transformada e reinterpretada e o vazio que até então simbolizava as sequelas de um período decadente, passa a ser visto enquanto espaço "livre"e espaço de oportunidade "*para fazer espaço a novos pedaços de cidade."*[136]

Atualmente, acredita-se no potencial destas áreas expetantes, enquanto novos pontos de interesse e de oportunidade; pelo que se tem apostado em estratégias de revitalização urbana que recuperem o paradigma paisagístico, patrimonial e social destes espaços invisíveis e perdidos nas costuras da cidade[137]*.*

"O acesso visual e a formação simbólica com a água parecem surgir como um valor estético próprio da cultura pública da cidade pós-industrial."[138] *.*

[134] CARRERI (2017), p.18.
[135] CRAVEIRO; ALMEIDA, in Uma concessão sobre os vazios urbanos e a Reabilitação do Natural: De espaços intersticiais a zonas de lazer e transição.
[136] CARRERI (2017), p.21.
[137] PORTAS (1998).
[138] FERREIRA (1997), p. 90.

O VAZIO E A ÁGUA

Na Europa, é dado um especial valor ao plano de água e ao seu aproveitamento quase como um aspeto cultural. É junto ao mar, ao lago e ao rio, que o espaço público da cidade contemporânea tem uma apetência inquestionável, e por essa razão é comum observar-se cada vez mais, *que estas frentes marítimas estão a ter um processo de (re)conexão com o construído, constituindo novas oportunidades para a cidade, desobstruindo a barreira que antes criavam e permitindo a reconexão vital entre a cidade e o plano de água.*[139] *Durante o período industrial as frentes mar e as frentes rio, foram saqueadas ao espaço urbano e à vida urbana, em detrimento da "evolução" e da exploração intensiva. Como tal, os pontos de acesso ao mar e aos rios foram suprimidos e o homem foi afastado deste meio singular, que outrora lhe permitiu prosperar. Tempos mais tarde, quando a ligação com a água reconquista de novo a devida atenção/interesse e lhe são reconhecidas valores oportunos para a renovação urbana das cidades, observa-se em muitas cidades um processo intenso de reconexão, tanto com o rio como o mar, que provou ser a solução para o declínio paisagístico em que se encontravam. A* reabertura do rio *Århus*, na Dinamarco, constituí um excelente exemplo de uma (re)conexão com o plano de água. Tendo sido fechado em 19 para a construção de vias de trânsito automóvel em 1998 é reaberto, tornando-se um local de grande interesse e atratividade para o lazer da população. *"Desde então, as áreas ao longo do rio vêm sendo o espaço externo comum mais utilizado da cidade. (...) O novo espaço da cidade e os novos convites levaram ao desenvolvimento de padrões completamente novos de uso da cidade."*[140]

[140] GHEL (2014), p.1.

"Assim como as grandes cidades podem convidar as pessoas para uma vida na cidade, há muitos exemplos de como a renovação de um único espaço, ou mesmo a mudança no mobiliário urbano e outros detalhes podem convidar as pessoas a desenvolver um padrão de uso totalmente novo"[141]. Prova-se assim, que *"O vazio urbano deve ser, assim, devolvido ao cidadão como um tributo ao lazer e á possibilidade de uma actividade regeneradora no contacto com a natureza"*[142].

De acréscimo, s*obre o planeamento e requalificação destes lugares, o* risco que há a considerar, é que o *vazio urbano*, pela obsessão da construção ou da edificação, se transforme num *não-lugar*, espaço densificado e ocupado sem uma "identidade própria", devido ao planeamento absurdo que vê nos *vazios* uma solução para fazer render a função do espaço e/ou captar e atrair novos habitantes. Neste sentido, Craveiro, defende que é preciso também equacionar na altura do planeamento, o *vazio urbano* como uma oportunidade para a prevalência do próprio *vazio. C*omo *terrain vague: n*o sentido de espaço urbano desocupado, mas também livre, disponível, descomprometido, como *ausência*, expectação e lugar do (im)possível.

"Por norma, as paisagens favoritas numa cidade são aquelas que incluem a área aquática ou um espaço aberto á distancia". [143]

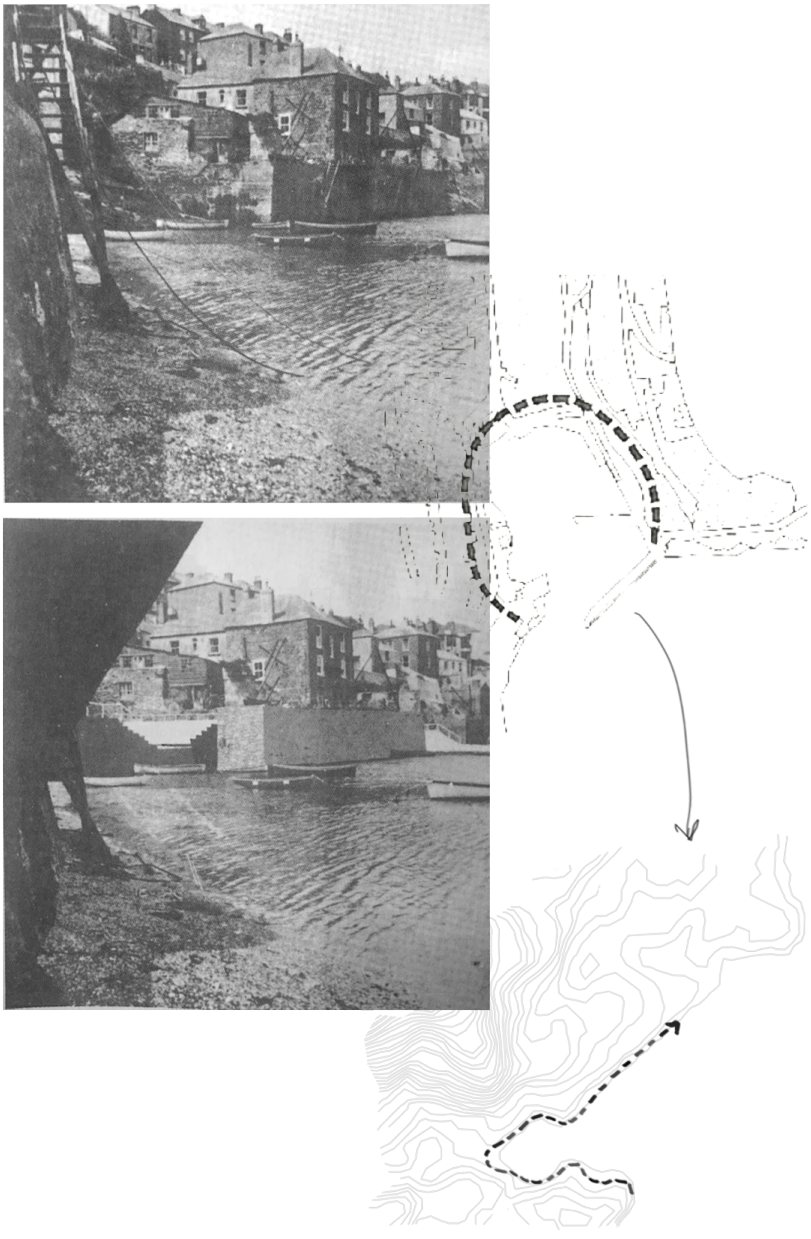
[141] GHEL (2014), p.16.
[142] CANCELA, in, A conception of urban voids and the rehabilitation of nature: Interstitial spaces of leisure and transition zones (2013), p.2
[143] LYNCH, p.24.

"RAISON D'ÊTRE" DAS CIDADES COSTEIRAS

Segundo Cullen, a função essencial de uma cidade deve tomar-se evidente após uma simples vista de olhos pela planta. Isto resulta obviamente, porque a organização dos seus elementos reflete certas linhas de força que representam uma combinação de factores que estiveram na origem da cidade. Em Água-Izé, esta relação é visível, pela disposição da malha urbana ao longo da linha costeira. Contudo, como anteriormente abordado no inicio do presente capítulo, desde a queda do muro, esta relação com "a linha da margem perdeu-se deixando uma terra de ninguém"[144], no lugar onde a conexão do homem com a água, deveria acontecer. Sem ligação com o plano de água, Água-Izé assume-se um lugar confuso, incaracterístico e amorfo. Tal acontece, porque a linha de força que têm uma relação obvia e imediata com as linhas de demarcação organizacional e compositiva da malha, foram subtraídas e como tal, toda a malha, na sua ausência, torna-se incoerente ("quando uma cidade se revela incaracterística e amorfa, este fracasso pode, em geral, ser localizado em qualquer falha na relação entre a forma e a função, em que as linhas de força se tornam confusas ou desaparecem."[145]). Embora isto explique o caráter amorfo e os conflitos urbanos de Água-Izé, indica de igual modo, qual a solução e/ou oportunidade necessária para reverter os mesmos. Vejamos alguns exemplos e soluções de cidades cujos padrões se assemelham à estrutura de Água-Izé e onde a linha de força é de igual modo a linha da orla costeira.

"A verdadeira "raios d'erre da cidade costeira é a linha ao longo da qual se encontram a terra e a água."[146]

[144] CULLEN (2020), p.119.
[145] CULLEN (2020), p.113.
[146] ULLEN (2020), p.113.



[37]

Em Brixham, a linha de encontro entre a terra e o mar forma um anfiteatro natural. Neste sentido, a morfologia da cidade não pode evitar seguir a sua linha de força dominante, e por essa razão a organização de uma comunidade em torno da navegação justifica a sua existência. O porto, construído em socalcos ao longo da enseada da baia, é o centro real do aglomerado e "simultaneamente um centro social e laboral". Os visitantes passeiam ao longo do cais, encarando a lota como um espaço aberto, as velas coloridas os pequenos pavilhões, os reflexo do sol nas asas das gaivotas criam um efeito estimulante de uma animada atmosfera, "permanentemente em Fête"[147]. Brixham é no seu todo, "Um excelente exemplo de animação e carácter que surgem quando as linhas de força naturais, decorrentes da origem e função do aglomerado, encontram um eco imediato na sua topografia."[148]

Imersa numa harmoniosa composição que casa topografia e identidade, Cullen, admite que nestas circunstâncias, "nada resta mais ao urbanista" que intensificar visualmente o resultado presente, por forma a extrair o máximo de dramatismo e de lógica, certificando-se que a linha continua de construção ao longo da costa não é alterada, uma vez que nela reside o carácter da cidade. ("(…) carácter esse que se encontra já expresso de forma inequívoca e vigorosa.").[149] Mais a sul da costa inglesa, encontramos Fowey, outra cidade onde a configuração topográfica reflete de forma assaz a "raison d'être" do aglomerado. Tal como Brixham, a linha de força de Fowey surge do grau de contraste e da tensão dos elementos: terra e mar.

[147] CULLEN (2020), p.116.
[148] CULLEN (2020), p.116.
[149] CULLEN (2020), p.113.

Contudo, enquanto em Brixham a linha de força é fortemente vincada e enaltecida por um paredão marginal continuo, em Fowey, ao invés do paredão, sobre a linha dominante, encontram-se algumas escadarias que dão ocasionalmente "num ou noutro ponto isolado" acesso ao mar.

Na ausência de um paredão marginal continuo ou de um elemento que reforce o acesso ao mar, uma barreira nasce entre a população e aquilo que representa de facto a sua verdadeira linha de força: a costa. Assumindo que a identidade e o carácter estão diretamente relacionados com a forma como a cidade se organiza em função das linhas de força, Fowey, perde a oportunidade de captar o máximo de carácter e vitalidade justamente quando a linha dominante do seu traçado é intermitente e não admite um contacto continuo com o plano de água, onde os habitantes poderiam passear "à sombra das árvores conscientes de partilhar a vida com o rio"[150]. Por esta razão, comparativamente a Brixham, a imagem de Fowey é mais fraca e amorfa. ("A grande virtude de Brixham, e que lhe confere muita da sua vitalidade, é o facto da linha onde o mar e terra se encontram, ser uma linha arquitectónica assim como social; uma linha ao longo da qual se misturam marinheiros e camponeses"[151].) No sentido de reforçar o caráter de Fowey, Cullen afirma que a solução seria através do reforço da sua linha dominante: ou seja através da união entre os diversos pontos de acesso ao mar. ("aparece-nos unicamente necessária a articulação entre estes vários pontos de acesso, e surgiria então o verdadeiro carácter de Fowey")

[150] CULLEN (2020), p.121.
[151] CULLEN (2020), p.117.

Para a cidade litoral, "o mar é a sua razão de ser, e o mesmo quando os seus habitantes vivem em casinhas aconchegadas com o seu rádio, como qualquer família do interior nunca é uma cidade do interior; encontra-se à beira do abismo, face a um horizonte constante mas enigmático"[152]

Refém de um passado em torno da navegação e da indústria, debruçada sobre o plano de água, tal como em Fowey ou Brixham a linha de força de Água-Izé é indubitavelmente a linha da costa. Pontuada por mantos rochosos, dado a origem vulcânica da ilha, a configuração do território litoral deve-se muito à presença e ação da água, pelo contexto fluvial e marítimo, que justificam o atípico recorte da orla costeira; e que no seu conjunto, produzem e configuram um *genius Loci*[153] inestimável. Hoje perdido entre a densa vegetação e adormecido na memória dos seus habitantes.

Desocupado e abandonado, na ausência de uma utilidade, o lugar sobrevive da ligação que estabelece com o mar, onde a água faz o espaço, revelando a enorme apeteceria do lugar em se tornar algo mais.

"Se um limite importante possui muitas relações visuais e também de circulação com a restante estrutura urbana, torna-se uma característica em relação à qual muito pode ser organizado. "[154]

[152] CULLEN (2020), p.193.

[153] Expressão adotada por Schulz, que diz respeito ao conjunto de características, caracterizam e define o espirito do lugar.

[154] LYNCH (2017), p.104.

Já sabemos através da análise anterior o que foi o lugar, o que a margem representava. Com base nos princípios teóricos analisados questiona-se em que se pode tornar.

Em resposta a esta pergunta, após os casos de análise supra mencionados, é obvio e claro a necessidade de consolidação de uma proposta urbana que almeje o reforço e a restituição da linha de força, dos seus limites formais. Contudo, sob o perigo desde espaço se tornar um não lugar em virtude de um planeamento vazio de sentido, Cullen afirma que o primeiro passo para uma restituição coerente deve ser feita com base em dois princípios: "Resolver conflitos e localizar funções vivas", pois a resposta a estas duas motivações define diretrizes de acção lógicas e fortes e acima de tudo, ausentes de pretensões. Impedindo sob o pior dos cenários, que a solução de requalificação intensifique ainda mais o valor perdido.

"O que resta é sempre o principio feliz de alguma coisa". Agustina Bessa Luis



[38]

"A cura para tudo, É sempre água salgada:
o suor, as lágrimas ou o mar"

Isak Dinesen





O M A R

APONTAMENTO ECONÓMICO

Considerado um país de rendimento médio-baixo, São Tomé vive extremamente dependente de apoio externo. O declínio da produção e oscilação das quotas do cacau[155], faz com que o país viva numa pressão sufocante, que impede a melhoria das condições de vida da população[156].

Englobado no grupo de países menos desenvolvidos[157], a economia do arquipélago, apoia-se maioritariamente na promoção do turismo; que no panorama roceiro, se conduziu à privatização e reconversão de algumas Roças em unidades hoteleiras, como é exemplo a Roça S.João Angolares, e mais recentemente a Roça Sundy. Contudo, ainda que este investimento tenha contribuído para a criação de postos de trabalho e para a preservação das Roças enquanto estrutura, acentuou o decréscimo de produção nas ilhas, refletido num grande aumento das importações [158].

[155] Produção mais recorrente no território.

[156] Características e Condições de Vida das Famílias e da Habitação, INE-RDSTP.
Disponível em: http://www.ine.st/Documentacao/ Recenseamentos/ 2012/TemasRGPH2012/10.

[157] LDC - Least Developed Countries, in http://www.unohrlls.org/en/ ldc/25/.

[158] Estas importações representaram 4,5M ao ano. Revista Sectorial da pesca artesanal a São Tomé e Principe, 1994. Relatório técnico DIPA Nº 55

"A grande dependência da agricultura sãotomense face à cultura do cacau traduz-se pela importação em grandes quantidades de produtos alimentares."[159]

Vulneráveis aos índices de exportação agrícola do cacau[160], cujas cotas mundiais são das mais instáveis, os mais recentes investimentos, no arquipélago têm vindo a ser direcionados à exploração dos recursos do país, com o intuito de inverter a balança deficitária das ilhas e reduzir o número de importações consequente do endividamento externo.

Amarrados a um cenário economicamente empobrecido onde "*nenhum dos raros recursos de que o país dispõe ~~não~~ pode ser descurado*."[161]. O sector das pescas destaca-se pelo seu potencial estratégico e de oportunidade para o desenvolvimento das ilhas, capaz de regenerar a economia e contrariar a situação de carência extrema em que vivem as suas comunidades.

[159] REVISÃO ESTRATÉGICA "FOME ZERO" – HORIZONTE 2030 RELATÓRIO FINAL.

[160] "A reduzida diversificação da economia Santomense e a sua forte vulnerabilidade aos choques da procura e aos preços internacionais do cacau, principal produto de exportação, determinam que o saldo da conta corrente,(..) seja estruturalmente deficitário(..)". PROGRAMA DE PROMOÇÃO DO TRABALHO DIGNO 2018-2021 DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE p.3

[161] PROGRAMME POUR LE DÉVELOPPEMENT INTÉGRÉ DES PÉCHES ARTISANALES EN AFRIQUE, Revista Sectorial da pesca artesanal a São Tomé e Principe, 1994. Relatório técnico DIPA N° 55.

Em especial às comunidades roceiras, que isoladas e distantes dos grandes polos urbanos, onde a oferta de trabalho é maior, vêem a sua situação de precariedade agravada. esta levará tendencialmente a um, "destrutivo processo" de êxodo rural, que promove o desaparecimento destas comunidades; e no caso, o agravamento da situação deficitária na cidade de São Tomé, que já se encontra sem capacidade infraestrutural que comporte o avolumado número de habitantes.

Como forma de inverter e desvanecer este processo, à semelhança do que é feito em tantas outras localidades no mundo, torna-se além de evidente, imprescindível o fomento de actividades ou sectores que estimulem o crescimento e a fixação destas comunidades.

"A pesca podia ser uma grande fonte de rendimento para São Tomé, seria um dos caminhos para o desenvolvimento do país"[162]

Yazalde, antigo pescador.



[39]

[162] em entrevista para a DW: https://www.dw.com/pt-002/há-eletricidade-mas-não-há-água-os-pescadores-de-são-tomé/a-18255108





PESCA: O PARENTE POBRE DA ECONOMIA

Presente desde os primórdios como uma das atividades mais antigas da história,[163] a pesca revela-se das poucas actividades em desenvolvimento no arquipélago e o "único motor" actualmente ativo em Água-Izé.

Reconhecidas pela sua densa e exuberante biodiversidade vegetal, as ilhas, são igualmente ricas no que toca a biodiversidade marinha. Circundadas por uma orla costeira extensa e rica, mais importante que exploração turística, o mar no arquipélago é sinónimo de sustento. Em especial para as pequenas comunidades, que isoladas da capital, vivem sem acesso aos grandes mercados.

Apontada como uma das principais fontes de alimentação e comércio em todo o arquipélago, a pesca proporciona um meio de "sobrevivência"[164], que segundo o estudo feito pela Direção das Pescas "sustenta diretamente mais de 25 mil São-Tomenses"[165]. Além de alimento, este sector tem de igual modo um papel central na criação de emprego[166], onde "Cerca de 6 mil pessoas homens e mulheres, estão diretamente envolvidos na sua comercialização"[167].

[163] Uma das atividades mais antigas da história é o comércio de bacalhau seco entre o norte e o sul da Europa, que começou no tempo dos viquingues, há mais de 1000 anos.

[164] O peixe, proveniente da pesca artesanal, constitui 85% do total de proteínas consumido pelos Santomenses.

[165] FIGUEIREDO (2014), p.35.

[166] De acordo com a (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura As pescas são igualmente um enorme fornecedor de emprego,

[167] 2 991 são pescadores, e 2 335 são mulheres. VEIGA, (2015), p.x

Premiadas com um potencial de pesca estimado em 29000 toneladas ao ano, apesar da prosperidade das águas que circunscrevem os ilhéus, a produção interna do sector das pescas não tem conseguido estar à altura de satisfazer as necessidades e a crescente procura[168].

Os mais recentes acordos com a união europeia para a venda de quotas marítimas comprometeram a actividade normal da pesca no território. Portadores de melhores embarcações, a pesca em quantidades industriais, provocou uma diminuição da apanha pelos pescadores do arquipélago. Praticada artesanalmente e concentrada numa estreita faixa costeira, por falta de meios para se deslocar mais longe[169]; sem peixe, os habitantes vêem-se obrigados a afastar-se cada vez mais da costa, (aumentando o número despropositado e inusitado de acidentes no mar), assim como a recorrer a outros métodos mais invasivos como resposta à diminuição da apanha, que desequilibram os ecossistemas.

"O uso crescente de artes não seletivas e destrutivas (explosivos, redes de cerco com malha demasiado fina, etc) como forma de compensar o decréscimo de captura, coloca os pescadores num círculo vicioso de destruição dum recurso considerado como crucial para as populações"[170].

[168] Ministério das Finanças, Comercio e Economia Azul Direção das Pescas, Oportunidades Reais de Investimentos no sector das Pescas em S. Tomé e Príncipe.

[169] Segundo o estudo feito pela Direção das Pescas.

[170] Ministério das Finanças, Comercio e Economia Azul Direção das Pescas, Oportunidades Reais de Investimentos no sector das Pescas em S. Tomé e Príncipe.

Enquanto navios estrangeiros pescam em quantidades industriais nas águas Santomenses, "em terra", o fraco investimento na actividade, tem sido irrisório para o potencial do sector na Região. A inexistência de meios de conservação, o elevado preço do sal e falta de infraestruturas, são algumas das condicionantes que "limitam o esforço de pesca"[171] no arquipélago e impossibilitam os pescadores de cumprir com as normas e exigências sanitárias internacionais, necessárias à sua comercialização e exportação.

Aliado ao fraco investimento no sector e à falta de meios de conservação, mais barreiras se assomam à pratica da pesca nos ilhéus: a falta de conhecimento especializado e a manutenção de alguns velhos costumes tradicionais, como a apanha do peixe na desova "". Por estes motivo, em violação de convenções internacionais (que enuncia que só é permitido pescar espécies em fase adulta). São Tomé, vê na hora da exportação o seu peixe embargado[172] e, por consequência, a sua economia paralisada.

No sentido de inverter o ciclo vicioso de autodestruição em que os ilhéus se encontram varias omg's tem-se mobilizado às áreas piscatórias, com programas de sensibilização e formação. No entanto, com efeitos limitados.

[171] Ministério das Finanças, Comercio e Economia Azul Direção das Pescas, Oportunidades Reais de Investimentos no sector das Pescas em S. Tomé e Príncipe

[172] https://www.dw.com/pt-002/o-voador-morre-à-sombra-pesca-artesanal/a-6222350. Um trabalho da autoria de Sérgio Nunes (Rádio Jubilar 91.9 FM) e Marta Barroso (Deutsche Welle).

Na ilha onde os rendimentos dos habitantes oscilam com as ondas do mar, prescindir da única fonte de sustento, ainda que apenas durante um curto espaço de tempo (nas épocas da desova), não é uma opção; devido à inexistência de apoios e/ou meios de conservação que garantam a subsistência dos pescadores e dos demais envolvidos no sector durante estes mesmos períodos. Presos a um inevitável ciclo de pobreza, a necessidade e a sobrevivência dominam sobre a correta projeção das praticas e impedem a actividade piscatória de se tornar numa fonte de riqueza, assim como o cenário da exportação cada vez mais distante.

Num arquipélago de "indiscutível potencialidade pesqueira"[173] é incompreensível que o sector das pescas seja um sector tão desvalorizado e menosprezado. É impossível não cair na tentação de idealizar como seria se o investimento na área da pesca fosse feito. Se a riqueza arrecadada pela venda das quotas marítimas fosse re-investida, ou ainda, se os apoios para a agricultura do cacau fossem repartidos entre os sectores.



[173] ATAS, p.554
Citação Valdemiro, pescador de São Tomé: in https://www.dw.com/pt-002/há-eletricidade-mas-não-há-água-os-pescadores-de-são-tomé/a-18255108.





[41]





[42]





[43]





[44]

PESCA EM ÁGUA-IZÉ:

Ao contrário de outras tantas comunidades esquecidas nas ilhas, a influência da pesca e da comunidade piscatória presente, relembram que Água-Izé nunca deixou de ser uma comunidade ligada ao comércio marítimo e ao mar. Deslocados, da estrutura urbana por falta de acesso direto ao mar, dos pescadores às *palaiês*, poucos são os não se servem actualmente da baía para seu sustento. Sem trabalho e com a fábrica do cacau fechada é fácil compreender que actividade da pesca surgiu em primeira instância, para colmatar as lacunas causadas pela falta de trabalho na vila. Contudo o que surgiu inicialmente como meio de sustento, hoje, assume-se a actividade base de quem habita Água-Izé. Concentrada numa faixa costeira em torno à baía, presentemente há um aumento significativo de pescadores para as condições actualmente presentes neste território.

Abrigados das correntes, desprovidos de qualquer tipo de infraestrutura, a baía não oferece mais do que um extenso areal. Porém, perante a necessidade e na ausência de melhores condições de acesso ao mar no distrito, o que resta da estrutura do antigo porto e umas pequenas escadas junto do areal fazem os deleites dos pescadores. Não obstante, a desenvoltura com que o pescado chega à praia rei, mascara a dificuldade com que os pescadores de defrontam diariamente devido à escassez de infraestruturas.

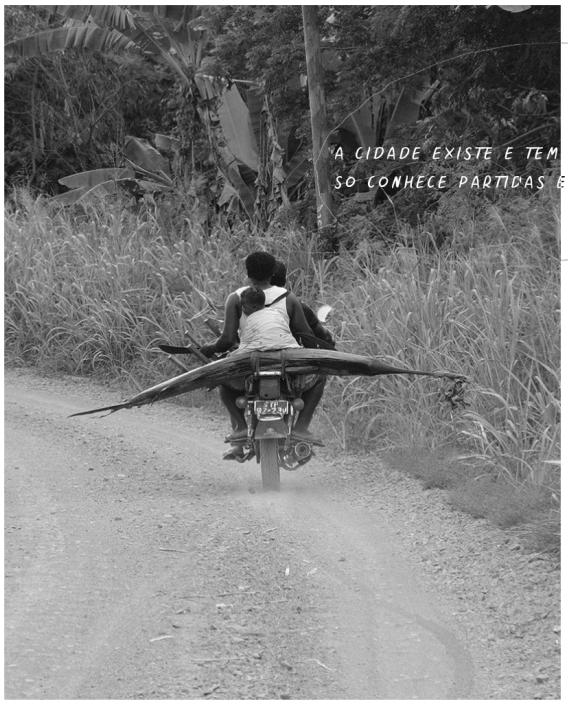


[44]

Sem equipamentos de apoio à actividade, à exceção das instáveis pirogas, as actividades de limpeza do pescado são feitas sobre o areal da praia e na borda da água. Neste processo, as sobras e os despejos são sistematicamente deixadas para trás, na esperança que o mar os venha colher. Sem que isso aconteça, os detritos acumulam-se sobre as águas serenas e estanques da baia, denegrindo o cenário idílico do recinto piscatório, captado num primeiro momento.

No entanto, apesar da limpeza das águas não se renovar à mesma velocidade que os pescadores chegam com novas pescarias, a presença constante de pescadores cria a ilusão de que Água-Izé subsiste, longe e independente da capital. No entanto, tal contexto não se verifica; pois, cedo chega o momento em que, após a apanha e o desperdiço, os pescadores se deslocam à cidade mais próxima, deixando Água-Izé novamente "despida" e entregue ao seu sono profundo.

Neste processo cíclico, de idas e voltas, compreende-se que Água-Izé, funciona como um mero ponto de passagem e de acesso ao mar. Onde os que a procuram, voltam, mas quase nunca ficam.


A CIDADE EXISTE E TEM UM UNICO SEGREDO:
SO CONHECE PARTIDAS E NUNCA REGRESSOS

[45]

"RESGATE AO PARENTE POBRE DA ECONOMIA"

Compreendendo a importância desde sector para a economia das ilhas," a Direcção das Pescas (DPES), assume-se disposta a apoiar iniciativas empresariais, e defende que proceder ao controlo da sanidade de pescado e promover a exportação deste produto para outros mercados; assim como proteger o meio ambiente marinho se assumem como premissas de acção". Delineado e enquadrado pelas diretivas da direção das pescas, surge a oportunidade e o desejo de intervir.

"O difícil da participação não é escolher a metodologia correta a ser usada para fazer os outros participarem de seu projeto, mas entender qual é o projeto que os outros já activaram e, caso concorde e seja capaz, conseguir participar nele"[174]

Reconhecendo que "É muito difícil conseguir, realmente, ativar projetos que durem. (...) é mais honesto participar de um projeto em curso e alimentá-lo com energia"[175]; Perante o paradigma actual, sem pretensões de inventar o inventado, alterar ou modificar a cultura local, o projeto encontra propósito em participar nas actividades emergentes no lugar. Evidenciada a importância da actividade piscatória, para a comunidade de Água-Ize e enquanto geradora de capital e emprego no arquipélago, o presente trabalho revê no sector da pesca uma oportunidade para fazer emergir não só a comunidade, como as ilhas do estado inerte e do ciclo vicioso de flagelo económico em que se encontram.

[174] CARRERI (2017) p.118.
[175] CARRERI (2017), p.120.

Pioneira no ciclo do cacau, propõe-se que seja "pioneira" num novo ciclo, imerso nas actuais dinâmicas locais, capaz de levantar a economia das ilhas e melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes, que hoje, sobre a estrada, de olhos postos no mar anseiam por dias melhores.

De localização estratégica, entre as rotas que cruzam de norte a sul da ilha, a antiga fazenda da praia rei, debruçada sobre mar, reune as condições necessárias para se assumir como uma possível potência no que diz respeito ao crescimento e desenvolvimento do sector piscatório na ilha. Tendo em conta as potencialidades da prática das pescas e os moldes em que esta é praticada em Água-Izé, o presente trabalho debruça-se sobre 3 momentos diferentes, relacionados entre si para a materialização de uma proposta concisa que salvaguarda a melhoria dos serviços e por consequência da comunidade piscatória à deriva na baía. Em primeiro lugar, tomando como ponto de partida a relação frágil e precária de Água-Izé com o mar, propõem-se a restituição dos seus limites formais, ou seja do antigo troço de ligação entre a comunidade e o mar, para o qual se torna inerente recuperar o muro enquanto peça que alude à memória do lugar. Restituída a ligação, o projeto prevê ainda a incisão de equipamentos tais como: um espaço de formação e instalações apropriadas para o tratamento das apanhas, que visam garantir e incentivar uma prática de pesca mais sustentável. Visando com esta tentativa dual, estimular a fixação e por consequência a emancipação de Água-Izé. Em suma: propõem-se desenvolver um programa interligado com as pescas na costura entre a cidade e o mar.

"O mar chama por nós, somos ilhéus!
Trazemos nas mãos sal e espuma
cantamos nas canoas
dançamos na bruma"

Quem somos de Olinda Beja,
in Aromas de Cajamanga.





.casos de estudo

QUINTA MONROY

ALEJANDRO ARAVENA[176]

Reconhecido mundialmente por ter alterado o paradigma da habitação social, para o arquiteto, o design é poderoso quando tem poder de síntese. Quanto mais complexo for o problema, mais simples deve ser a solução a encontrar.
Foi esta mesma capacidade de síntese que tentou aplicar, quando confrontado com a equação didicil de radicar 100 famílias que durante décadas ocuparam "ilegalmente" um antigo rancho com meio hectare no centro da cidade, com um subsídio de dez mil dólares; Valor este que deveria ser suficiente para comprar o terreno, bem como providenciar a infraestrutura e ainda financiar o trabalho de arquitetura.

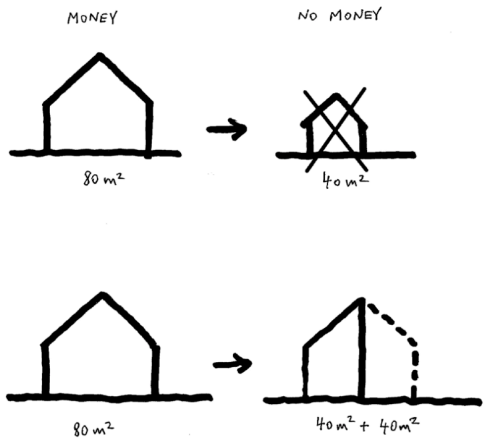
Ao por de parte a hipótese de mudar as famílias para a periferia da cidade onde os terrenos são mais baratos, de acordo com orçamento estipulado Aravena depara-se com a impossibilidade de garantir uma casa a todas as famílias segundo as soluções padrão da habitação social. Deparado com a impossibilidade de garantir uma casa a todas as famílias, é neste que panorama Aravenna reformula o problema, ao considerar metade de uma "boa casa", ao invés de uma casa de pequenas dimensões, uma vez que a redução da dimensão da mesma não erradicaria o problema da expansão não planeada. Face ao panorama, as soluções padrão da habitação social revelaram-se insuficientes para dar resposta ao problema, uma vez que cada casa isolada acomodariam apenas 30 famílias, e com o desenho de vivendas, apenas sessenta das 101 famílias seriam alojadas.

[176] Note-se que Alejandro Aravena, cujo trabalho é amplamente publicado, é vencedor dos prémios Pritzker 2016 e Charles Jencks 2018 do RIBA. Destaca-se a sua capacidade de ampliar o campo de ação do arquiteto, de modo a alcançar soluções que permitem melhorar os contextos urbanos e fazer frente à crise mundial de habitação.

Esta estratégia de moradias incrementais surge então uma "meia casa" que, com o decorrer do tempo, as famílias podiam construir a outra metade de acordo com as suas possibilidades. Este esquema organizacional permite uma continuidade física e emocional da construção, a qual poderia evoluir indefinidamente e transformar-se consoante as especificidades de cada ocupante. O desafio seguinte passou por decidir qual a metade da casa a desenvolver, sendo que a solução encontrada terá sido criar a metade mais dispendiosa, e que as famílias não conseguiriam fazer individualmente, tais como instalações sanitárias, cozinhas, cobertura e fundamentalmente a estrutura, que representa 2/3 do valor da construção da casa. Desenvolvidos por meio de um ideal de continuidade, onde a habitação se compromete a dar resposta às necessidades principais, implícitas ao ato de habitar, sendo que a "restante" construção fica a encargo do morador. Dado que metade dos conjuntos são autoconstruídos, o ato de "emoldurar" foi crucial uma vez que permitiu não só um controlo da construção espontânea, já que o crescimento ocorre dentro da estrutura programada. De acréscimo, a permeabilidade do edifício garantindo que o crescimento ocorre dentro da sua estrutura, evita a deterioração do meio urbano e agiliza o processo de ampliação.

Em suma, o princípio é simples: providenciar a forma e a partir daí os habitantes assumem o controlo. Com os seus próprios recursos e ao canalizar a sua capacidade de construção, as pessoas são parte da solução e não do problema. Para o arquiteto, a problemática da habitação não pode ser solucionada a não ser que se use a capacidade de construção das mesmas.

"A força da auto-construção é traduzida numa forma e o que modela essa mesma forma não é o cimento, o betão ou madeira: é a própria vida. O poder de síntese do "design" é apenas uma tentativa de colocar, no núcleo mais interior da arquitetura, a força da vida." [177]



Conceptualização da proposta, em função das restrições impostas, 2003. **[47]**

[177] (tradução livre da autora)
ARAVENA, (2014).





[48]

C A S A M A L A P A R T E

ALBERTO LIBERA

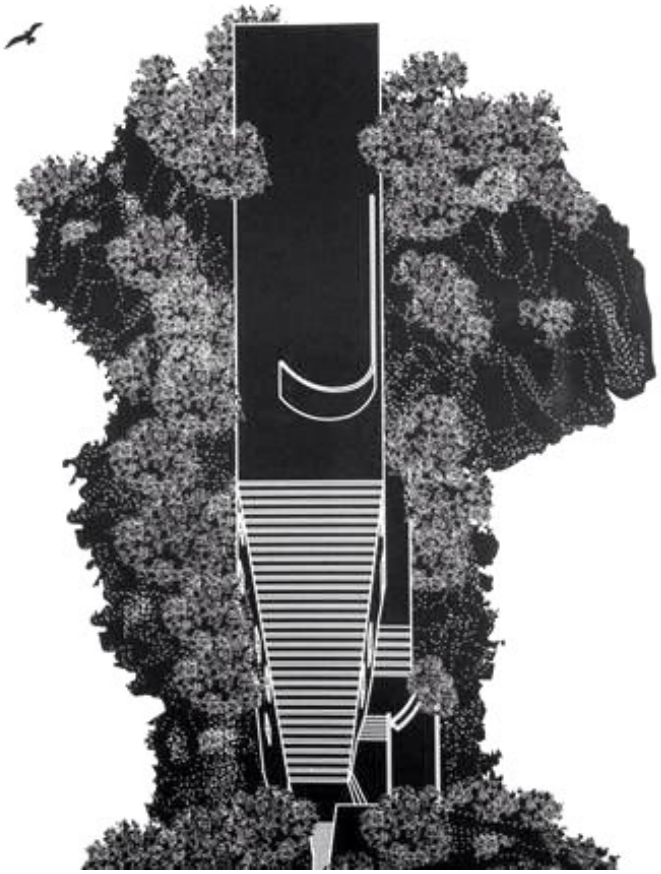
"A casa estranha" num local impossível da ilha de Capri.

A CASA

Originalmente, Malaparte abordou Adalberto Libera para projetar sua casa em Capri. Malaparte procurou especificamente Libera para projetar a sua casa devido a sua reputação como um dos arquitetos modernos mais bem-sucedidos a época em Itália. Antes de projetar a casa de Malaparte, Libera também ajudou na edição do primeiro dos artigos da revista *Prospettive* de Malaparte e já o havia consultado no projeto para a sua casa. Acabara por ser demitido quando Malaparte ficou insatisfeito com suas ideias e decidiu terminar a construção sozinho. Libera idealizara um prédio retangular comprido de dois andares, onde os quartos fossem alinhados ao longo de um corredor. Malaparte não gostou do traçado linear e racional comparando-o a uma "caixa de estuque mediterrânea"[178], achava o desenho semelhante à de uma prisão ou bunker militar. O desenho de Libera era convencional longe do desejado por Malaparte que sonhava com uma casa excêntrica que refletisse sua personalidade.

Os planos finais de Malaparte afastaram-se tanto do projeto de Libera que quase nenhum traço dos seus planos originais permaneceu no edifício. A concentração e distribuição dos quartos tornou-se muito mais simplificada. A aparência da forma geral e das elevações foi unificada em uma forma abrangente. Nenhuma evidência da disposição das janelas e portas de Libera permaneceu. As janelas uniformemente alinhadas do plano de Libera deram lugar à colocação aparentemente aleatória de grandes vãos com e sem grades.

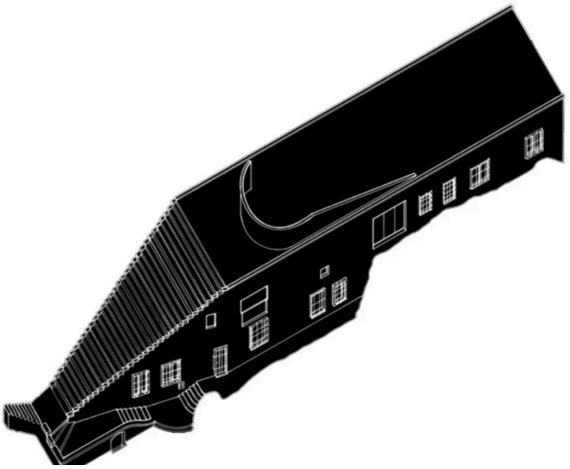
[178] Russell (2005)

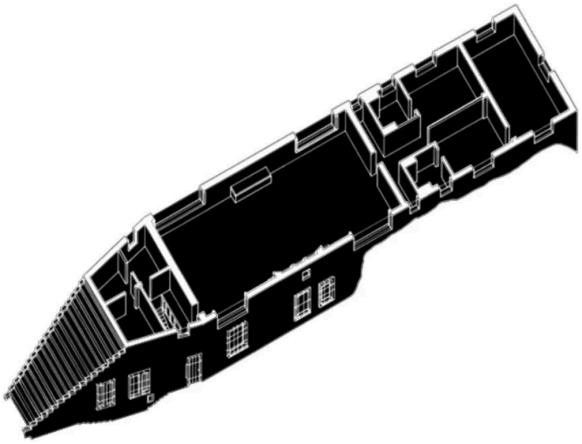


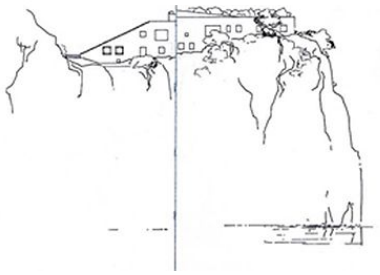
[49]

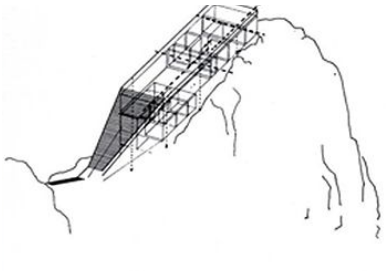
Uma característica original desenhada por Malaparte foi um acesso de entrada principal que se esculpiu através da escada pré-existente que conduzia ao telhado e ao piso principal. No entanto, devido à impraticabilidade e ao perigo das águas inundarem o espaço, decidiu-se que a escada se mantivesse intacta e a entrada principal fosse alterada. A vedação dessa entrada interrompeu a simetria do plano empurrando a entrada principal para um lado e a escada para um canto mais estreito. Bloquear essa soleira através das escadas também cortou a conexão e a fluidez da área de estar principal com o terraço da cobertura. Isso significava que, para se aceder da sala de estar principal para o terraço da cobertura, um teria que descer dezasseis degraus e outro 48 para chegar ao nível do telhado. Uma outra mudança que foi feita na estrutura original de Malaparte foi a grade simbólica em forma de vela branca que ficava no topo do telhado. Originalmente, o corrimão não afunilava para baixo e para dentro do telhado, invés era de uma altura contínua. No entanto, a forma estática da grade de altura uniforme logo progrediu para o gesto de ascemais elegante que vemos hoje.

A Icónica tonalidade da Casa Malaparte nem sempre foi o vermelho, houve um breve período em que foi pintada de branco. O estuque branco dava uma aparência sobrenatural e pura em contraste com o azul profundo do céu e do mar, fazendo lembrar as construções vernaculares que por milénios se desenvolveram na margem da bacia mediterrânica. O Branco atribuía um caracter escultório a casa fazendo lembrar também as esculturas da Grécia Antiga enfatizando o facto de o edifício ter sido erguido com materiais dos









[50]

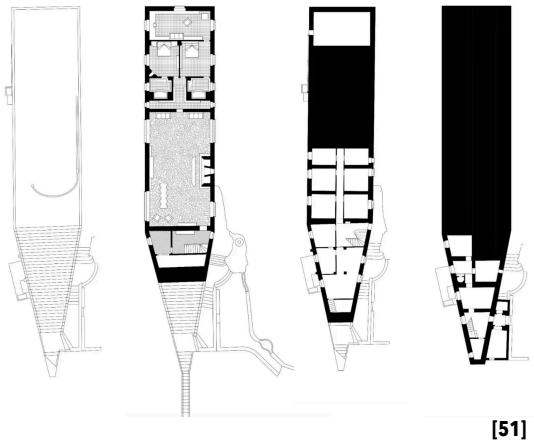
penhascos de calcário sobre os quais foi construído. A aparência de templo a beira mar criada pela tinta branca durou apenas alguns anos e logo foi alterada de volta para o vermelho vivo que contrasta de modo dramático com a tonalidade complementar do verde circundante, natural. Ao longo de um dia a Casa Malaparte revela a sua natureza mutável com o movimento do sol. No pico de sua órbita, o sol projetado e revelador de tudo ilumina a Casa Malaparte acentuando o contraste entre o objeto e o seu contexto a um ponto extremo neste periodo a casa assemelha-se a um lagarto que deitado sobre uma rocha banha-se de luz. No entanto ao final do dia quando a noite surge sobre o Horizonte, a estrutura trapezoidal transfigura-se novamente absorvendo as nuances dos raios de sol remanescentes até ao ponto em que a lua ascende e reina sobre os céus. A casa Malaparte absorvendo e refletindo todos estes brilhos assemelha-se a um Cristal que é desvendado do meio da natureza. A cor vermelha de Malaparte suscitou muitas teorias sobre o seu significado entre elas que simbolizaria a força da rebelião; a raiva e o desafio outras referências históricas da cor vermelha que foram associadas ao simbolismo da Casa Malaparte incluem a cultura pop, o vermelho do cristianismo (vinho e o sangue de Jesus) e o vermelho do comunismo ou fascismo.

A CASA E O LUGAR

A Casa Malaparte foi construída no topo do terreno rochoso de Punta Massulo, aproximadamente trinta e um metros acima do nível do mar. O acesso à casa pode ser feito de duas maneiras. A primeira é por terra, percorrendo um caminho de degraus rochosos em propriedade privada. A segunda é por mar em dias calmos e após o desembarque há uma







[51]

subida de 99 degraus de uma escadaria construída ao longo da falésia. A Casa, é frequentemente descrita como tendo crescido diretamente da encosta rochosa em que foi construída. A sua geometria ondulada replica a paisagem em redor. A estrutura assenta fundindo-se com o terreno acidentado de Punta Massulo; no entanto, muitos também argumentam a falta de sensibilidade pelo contexto natural extremamente delicado em que a Casa Malaparte foi construída. É curioso porque a construção em si revela em parte as contradições na personalidade de Curzio Malaparte. Os aspetos ecológicos Casa Malaparte podem ser elegidos pela sua construção de baixo custo, o não uso de produtos de construção tóxicos e grossas paredes de alvenaria. No entanto, as críticas do ponto de vista ecológico incluem a falta de um sistema adequado de retenção de água, um mau sistema de canalização interno e um outro um pouco hipócrita tendo em conta a data a qual a casa foi concebida, é a falta um sistema de recolha de energia solar na cobertura. Devido a localização remota da casa a eletricidade e água são fornecidas por uma fonte alternativa. É importante salientar ainda o aspecto resiliente da sua construção que é também preponderante nas construções que se querem considerar ecológicas, pois a casa Malaparte foi projetada para durar tendo em conta a os ventos fortes e as ondas que continuamente a fustigam.

PROPÓSITO

Durante o período de exílio de cinco anos de Malaparte, este desenvolveu um gosto pela solidão que a prisão lhe nutriu. Foi durante os seus anos de prisão que Malaparte sonhou com o ambiente ideal em que viveria o resto de sua vida após a libertação.

O objetivo de construir uma casa em perfeito isolamento tinha como objectivo de criar o ambiente ideal para escrita, recriando a solidão da prisão. Na época da construção, a Casa Malaparte era a única estrutura construída no Punto Massulo, sozinha no topo do penhasco, cercada em três lados pelo mar e a uma distância considerável da civilização. A Casa Malaparte proporcionou-lhe a solidão necessária para nutrir sua escrita. Dominando a maior parte da planta do piso térreo à entrada da casa encontra-se a ampla sala de estar que alberga a grande lareira e o seu manto de castanho. Ao redor da sala, há grandes janelas que oferecem vista para as amplas falésias e o mar. Além da grandiosidade e elegância da lareira e da vista, Malaparte também projetou móveis específicos feitos de fragmentos de colunas arquitetónicas clássicas e grandes troncos de árvores. Projetado especificamente para ser colocado no estudo, Malaparte tinha versões grandes e superdimensionadas de sofás e poltronas clássicos. Muito cuidado foi dedicado à seleção e disposição dos quartos e móveis na Casa Malaparte. A simetria no edifício teria sido quase perfeita se não fosse pelas mudanças feitas na entrada principal.

COMPLEXO DAS SALINAS

PAULO DAVID

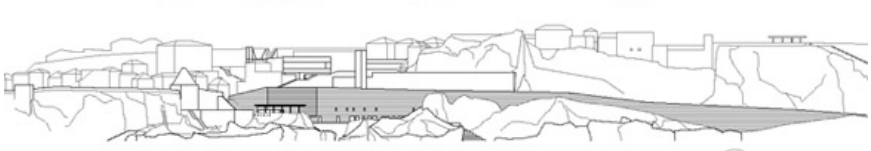
Localizado na Baia da Câmara de Lobos, Funchal, Madeira, mais concretamente numa encosta junto ao mar, o projeto do complexo das Salinas concilia as pré-existências do local, como fortificações, muros, plataformas e caminhos existentes com a nova intervenção. Intervenção esta que assume a toponímia da paisagem construindo novos espaços no limite da terra, contruído na rocha, criando cheios e vazios que se confundem com o lugar.

"Paulo David opera aqui um diálogo de extrema sensibilidade para com as difíceis condições topográficas do locar; procurando de algum modo tornar indistinta a sua intervenção em relação às preexistências, com forte vertente paisagista."

O programa é um circuito de caminho publico e autónomo que alberga várias infraestruturas, uma piscina com edifícios de apoio á cota do mar, um jardim contruído pelo conceito de socalcos, próprio do local, e um restaurante. Todos os espaços estão voltados para o mar.

Os materiais construtivos utilizados também se relacionam com o lugar, desde o uso da pedra de origem vulcânica, que já se encontrava nas construções existentes, característica do local, ao betão, aço corten e madeira que possuem tonalidades que se confundem com a paisagem.


garden
restaurant
lime-kiln
cafeteria | esplanade
solarium
maritime stroll



[52]

MERCADO SANTA MARIA DA FEIRA

FERNANDO TÁVORA

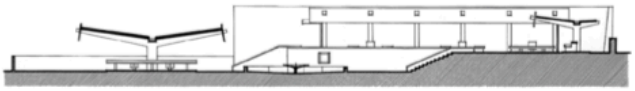
Na cultura Santomense o mercado revela-se um elemento fundamental para o tecido socioeconómico de uma comunidade, funcionando como um ponto importante no tecido urbano e fundamental para o desenvolvimento macro-económico das comunidades. Estes lugares tornam-se facilmente identificáveis e o comércio, o sustento principal de muitas famílias de São Tomé e Príncipe, totaliza-se num momento de reunião e de convívio para a comunidade. Segundo estes mesmos princípios, em 1959, Fernando Távora projecta o Mercado Municipal de Santa Maria da Feira, dando protagonismo ao valor social do equipamento.

Este mercado resulta da aspiração de um momento arquitetónico que formaliza a reunião de diferentes atividades económicas e a união da comunidade, próprios daquele lugar. Segundo uma estrutura modular, são projetados diferentes espaços de acordo com as diferentes atividades económicas e que simultaneamente, estes mesmo lugares, transportam em si um carater adaptável a diferentes usos e funções. A natureza espreita por cima das coberturas baixas que rodeiam a praça central. É em torno desta praça que se desenvolvem os diferentes núcleos do mercado e é também o lugar onde os visitantes podem conviver, reunir-se numa ocasião. Os blocos que se estendem ao longo de um plano horizontal e que abrigam os diferentes usos do mercado compreendem entre si diferentes entradas de acesso e encerram a praça e são revestidos a azulejos azuis e brancos, apelando à consciência e valorização da cultura local.







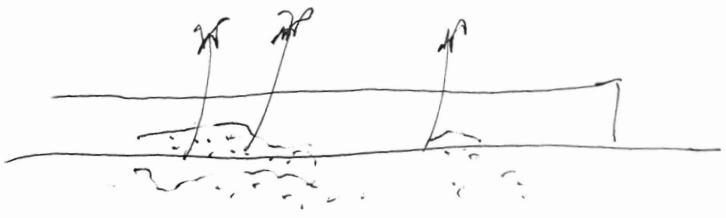


[53]

" A cidade é um organismo vivo que se transforma, cresce, envelhece, em algumas das suas partes, morre, a maioria para nascer de novo."

Ibanez Pareja

O P R O J E T O



[54]

FABRICA DE CONSERVAS

SECADOR DE PIMENTAS

MERCADO DO PEIXE

CENTRO DE OBSERVACAO

LOTA + ESCOLA DE PESCA

PROMENADE



[55]

"Architecture is the support of memory
through the passagem of time."

Maurice Halbwachs

Em primeiro lugar, o projeto compreende que a relação entre a cidade construída e a orla costeira se prende essencialmente pela tradição de "espaço público", pela narrativa ligada à navegação e enquanto ponto de contacto com o mar. Tendo como intuito preservar e fortalecer identidade e o carácter da Roça, pretende-se a reconstrução do muro, por respeito à memória. Enquanto peça que originalmente uniu a comunidade e o mar.

V I V A A O M U R O !

"As grandes obras adquirem sua densidade e profundidade a partir de um eco do passado"[179]

Edificado à imagem de outrora, este elemento pétreo é reposto como peça de remate na malha urbana e com ele, são repostas as ligações há muito perdidas com a linha da costa.

A linearidade do percurso é assumida através da consolidação e reconstrução do muro de pedra, mas contrariamente à mera função de suporte de outrora, é conferido ao objeto uma nova interpretação. "the wall as a living space", é o mote. Ao invés de um elemento uno, opaco, sem grande interesse formal, o muro de basalto, transfigura-se em "abrigo". Na "caixa" que vai conter e albergar os diferentes programas que visam apoiar e estimular o sector da pesca.

Sem nunca perder o carácter de fortificação, o muro é perfurado, segundo uma métrica de vãos, viabilizando a introdução do programa no seu interior. Responsáveis por romper com a robustez do volume e conferir uma escala mais humana à intervenção, apesar de vinculados a uma função de transição, face ao clima, estabelecem no alçado diferentes nichos e pontos de encontro. Pequenos recantos de sombra, que subtilmente seduzem quem descomprometidamente deambula pela promenade a entrar, para comprar ou simplesmente para conhecer.

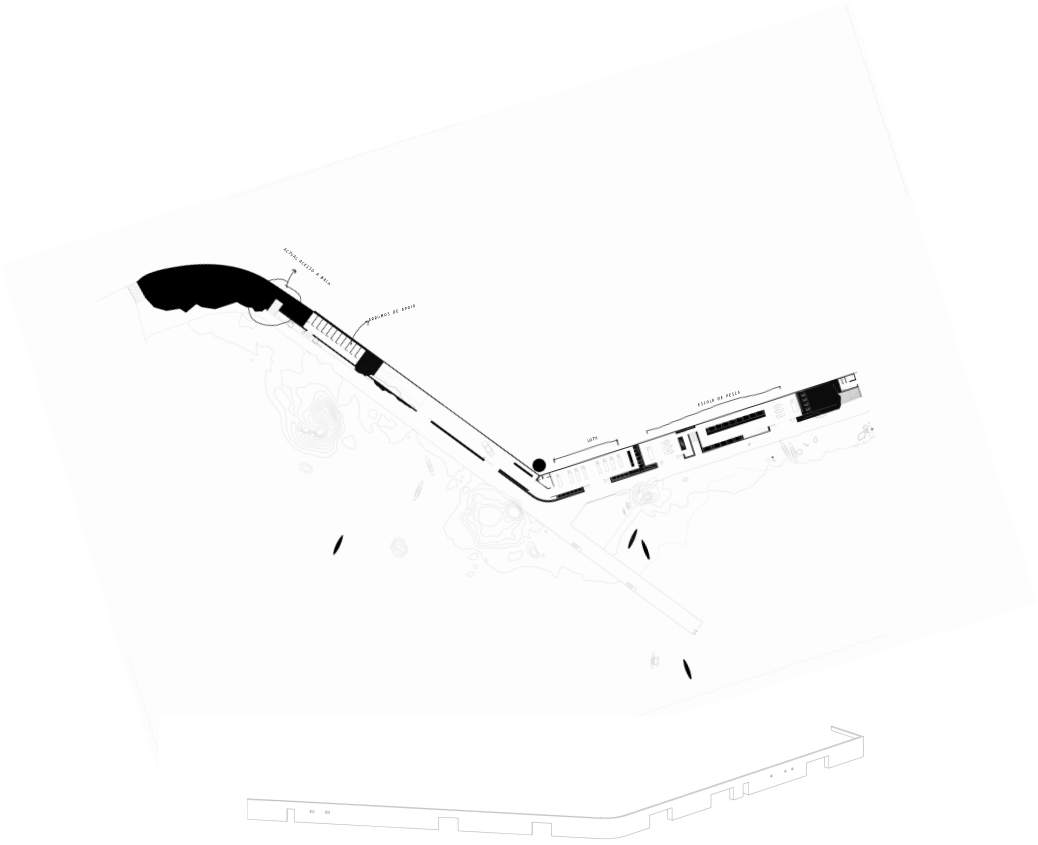
[179] PALLASMA (2017), p.120.

Em virtude da localização e especificidade natural do lugar, a materialidade assume especial importância na intervenção. O basalto é escolhido para o revestimento da intervenção, na tentativa de mimetizar a paleta da orla costeira e sempre quando possivel, fundir a intervenção com o lugar, ao mesmo tempo que cede ao projeto as suas características térmicas, que em conjunto com os grandes vãos e a proximidade com o mar garantem um ambiente temperado no interior.

Compartimentado em diferentes momentos, o volume dá lugar a dois programas principais, distintos, mas de propósito semelhantes. São eles, a lota e a escola de pesca. No espaço da lota, são introduzidas as infra-estruturas necessárias a limpeza e refrigeração do peixe, de modo a erradicar a situação de acumulação de despojos das apanhas e consequente contaminação actualmente presentes junto ao areal da praia. Diretamente conectado com a promenade e com o mar, as bancadas são sistematicamente dispostas de modo ortogonal em relação à linha da costa. Permitindo através da abertura dos vãos uma comunicação constante e sem interrupções visuais com a vida exterior. Já no segundo núcleo, face à urgência de formação[180] é proposta uma escola de pesca, que visa alicerçar através da formação e instrução dos mais jovens boas práticas de pesca. Tendo como principal objetivo a preservação dos recursos da pesqueiros da ilha visando a consolidação e fundamentalmente a viabilização da exportação actualmente interdita do sector.

Localizado numa zona limite entre a terra e o mar, seguindo os princípios de Cullen, anteriormente expostos, como complemento ao muro, num gesto de união, é proposta uma *promenade, que de modo articulado, abraça a baia, unindo os diversos*

[180] Rever capitulo anterior- Mar.





[57]

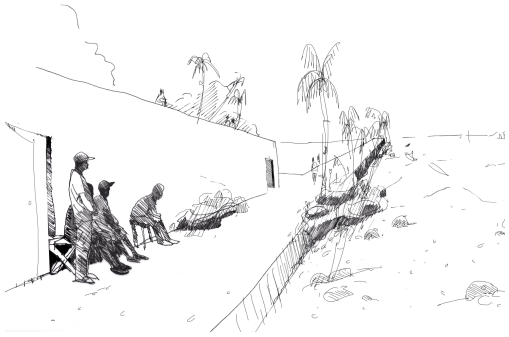
pontos de acesso ao mar. Os novos e os pre-existentes. Unindo as partes, formando um todo. Um todo que se quer como palco de encontros e reencontros. "Um passeio como legitimo lugar de reunião de pescadores e não pescadores", entre os que partem e os que chegam.

Face ao seu papel fulcral e ao contexto singular do programa, na lateral de transição entre a baia e a comunidade, o percurso pedonal segue forçosamente a trajetória forçosamente exigida pelo território e no momento de tensão de encontro com os fragmentos do antigo pontão, estende um prolongado braço rochoso que avança para além dos limites formais do terreno, em busca do mar.

Oferecendo a quem a percorre uma experiência estimulante, pautada por diversos momentos de encontro e simbiose entre a encosta rochosa, esculpida pelo mar e a vegetação luxuriante que lentamente reclama o lugar. Tudo isto, integrado num só desenho linear, que aos poucos é revelado a quem acompanha a intervenção. Entre os rochedos e vegetação este membro abraça a pedra mãe da estrutura do antigo pontão, oferecendo abrigo a uma plataforma em rampa que em harmonia com os rochedos garante o apoio necessário ao desembarque das embarcações mais frágeis da população.

Incumbida de interligar o homem com a gua, a promenade incumbe-se em simultâneo de um outro papel: atrair a actual comunidade piscatória à deriva na baía, para o novo espaço. Para junto da comunidade. Visando uma transição suave, a acompanhar a promenade, são propostas algumas unidades de armazenamento para os pescadores, dispostas estrategicamente junto ao novo acesso.







[58]

Na continuação dos arrumos dos pescadores, dois grandes vãos garantem o circuito de acesso em rampa para veículos. Necessário ao programa, o acesso é incorporado no interior da muralha a fim de não prejudicar a segurança e a liberdade da vida urbana que se prevê para a promenade. Junto ao mesmo, devido à sua natureza de transição, nasce um pequeno espaço de uso flexível que se prevê para arranjo de redes e preparos, inerentes à pratica da pesca, ou puramente como espaço de cargas e descargas para os que vêm comprar ou vender à lota. Não descurando a hipótese de que numa visão futura possa ser reconvertido para dar continuidade à lota.

Por último, mas não menos importante, a cobertura. Na impossibilidade de desvinculo da estrada, sendo esta continuamente uma barreira que obriga o indivíduo a parar, entende-se que esta paragem seja compreendida enquanto um momento em função de um bem maior, o do convívio. ("uma boa razão para parar é que se chegou a encontrar o outro"[181].)

"Parar é de facto, uma grande oportunidade para continuar a agir com o mesmo espirito do andar, mas num espaço do estar"[182].

Presa a um contexto de praça e espaço público, o novo equipamento responde pragmaticamente à lacuna da ausência de um lugar de reunião significativo, onde os habitantes se pudessem reunir. "Um bom desenho do espaço público poderá ser considerado como aquele que serve o seu objetivo, é eficiente, sustentável, coerente e flexível, adequa-se às necessidades e expetativas dos utilizadores, fornecendo espaços aptos a serem apropriados, estimados e usufruídos pela comunidade." [183]

[181] CARRERI (2017), p.117.
[182] CARRERI (2017), p.113.
[183] BRANDÃO (2002) O chão da cidade: guia de avaliação do design de espaço público. Lisboa: Centro Português de Design.

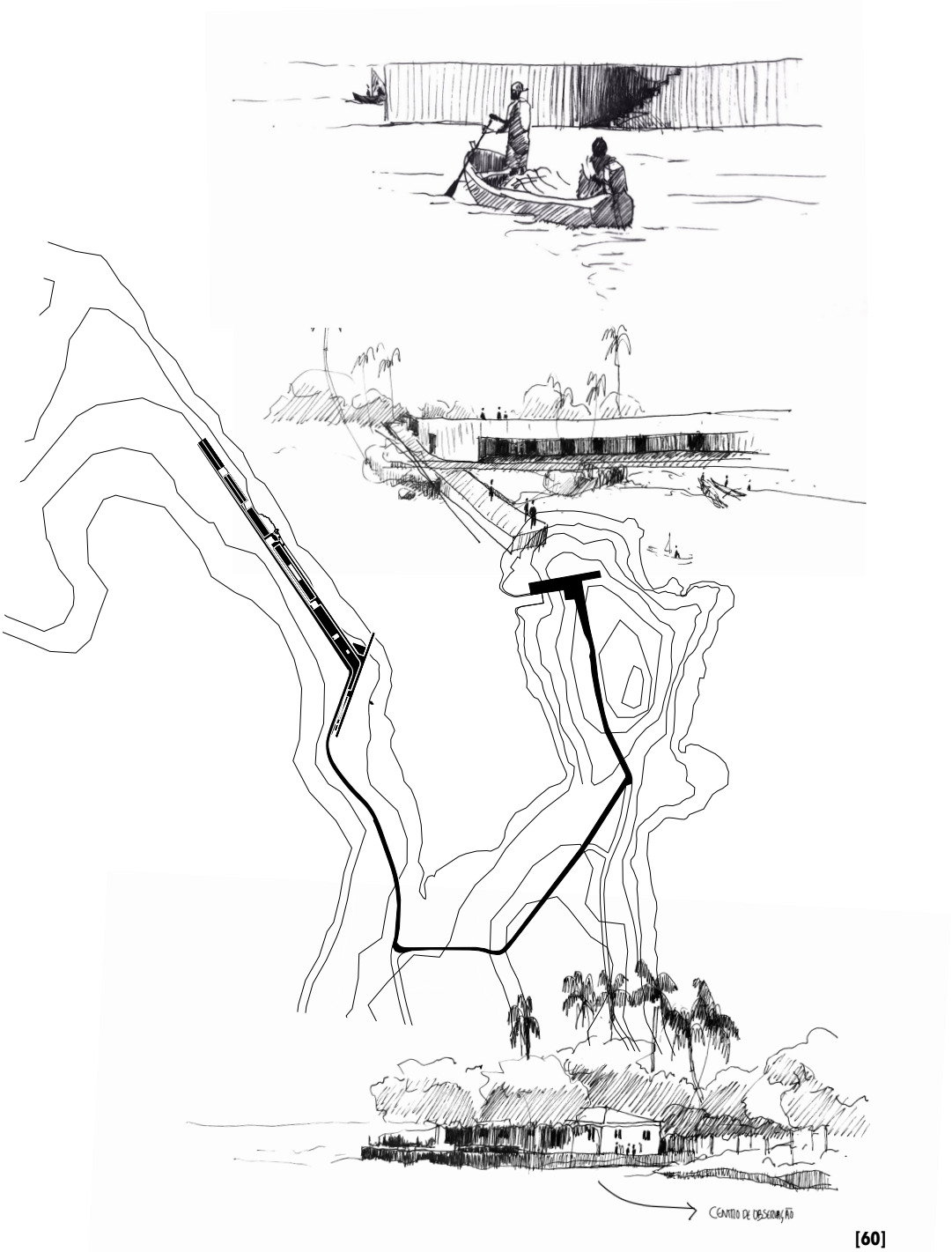


[59]

Desenhado segundo uma lógica de integração da intervenção com a envolvente, o verde da colina a sudeste é trazido para a cobertura do espaço, na constante tentativa de mimitizar a palete natural de contraste entre o basalto e o verde da floresta que pauta o lugar. Vinculada a um lugar de memória, a materialidade assume na intervenção um caráter distinto. Inspirada nos projetos do arquiteto Grego, Dimitris Piokionis, a nova intervenção tem por base a reutilização das pedras de suporte do antigo muro na pavimentação. Integrando o passado desta estrutura como matéria, mas também como recurso alusivo à memória, vincando a reconquista deste lugar que outrora pertenceu só a alguns e que hoje edifica-se para todos.

Em conjunto com a pavimentação a mancha arbórea é integrada no desenho da cobertura e acompanhada por um grande banco, desmaterializa-se à medida que se aproxima do limite murado. De modo a garantir o usufruto dual do espaço e uma vista desafogada para o plano de água.

Afastado da zona urbana este novo largo debruçado sobre os limites da cidade, assume um carácter mirante, de promontório, vincando um lugar de protagonismo na esfera urbana. Por último, ainda em resposta à problemática da fraca legibilidade e coesão, é proposto como continuidade à intervenção na margem, a restituição das ligações perdidas ao rochedo da boca do inferno. Como remate ao percurso, propõem-se a requalificação e reconversão do edifício da antiga capitania, devido ao seu caráter identitário, em instituto/centro de observação; que em conjunto com uma pequena plataforma pretende conectar a economia local com o turismo emergente.



[60]

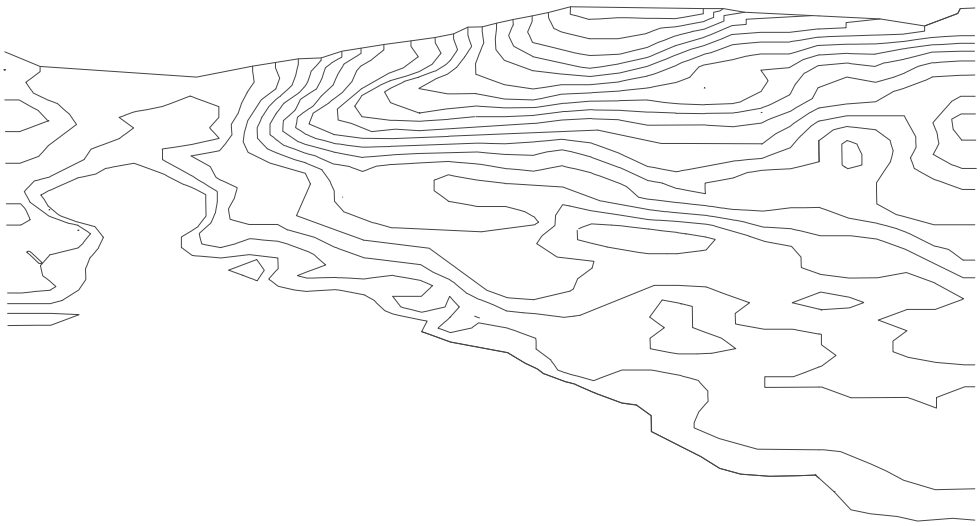
Em suma, a margem é proposta como o berço de uma nova comunidade, que habita uma outra escala e um outro contexto, distante dos campos agrícolas e do aroma a cacau.

"Ponho-me a olhar a terra as arvores, o mar ao longe as pessoas que passam os animais, e sinto de súbito uma felicidade muito íntima por estar viva, por aquela terra ser minha." Amália Rodrigues.

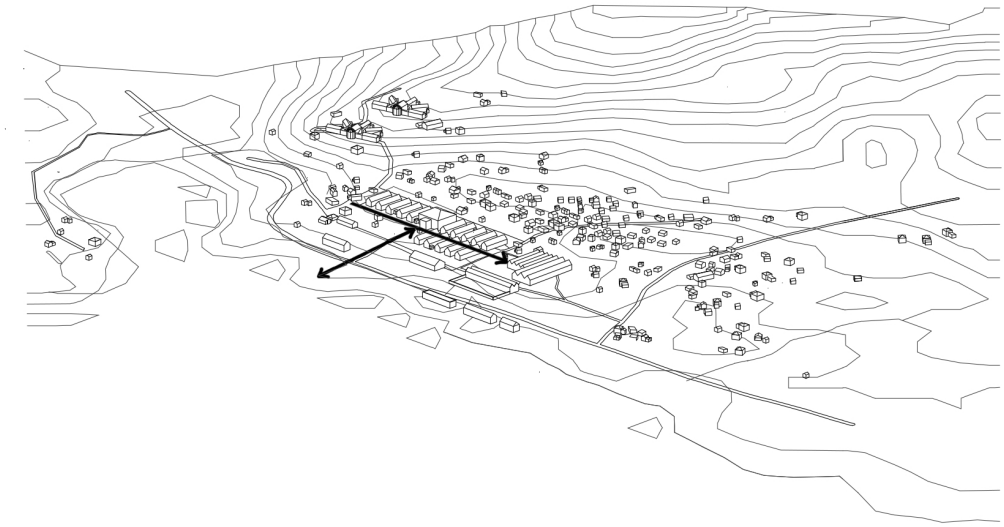


"o homem por vezes pensa, as formas que ele cria, os espaços que ele organiza (...) não são criados ou organizados em regime de liberdade total, mas antes profundamente condicionados por uma soma infinita de factores"[184]"

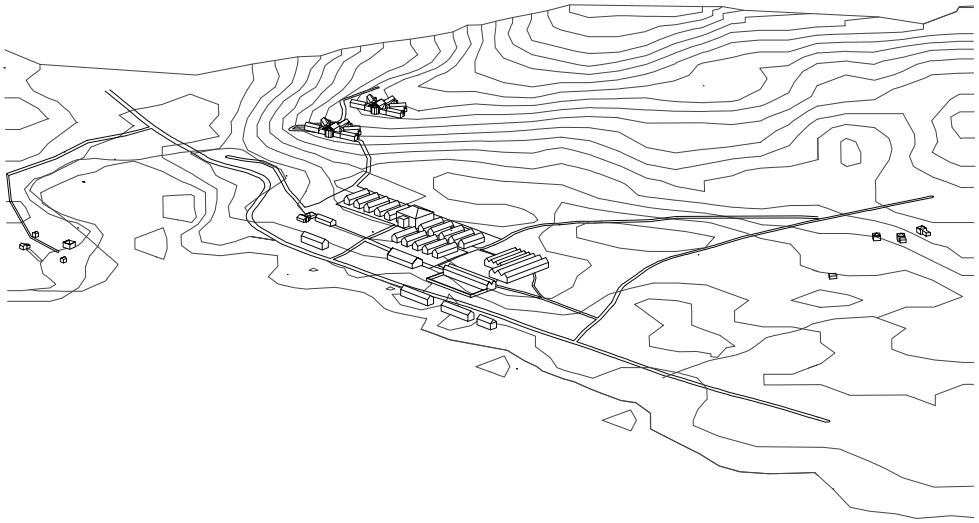
[184] TAVORA (2015), p.25.



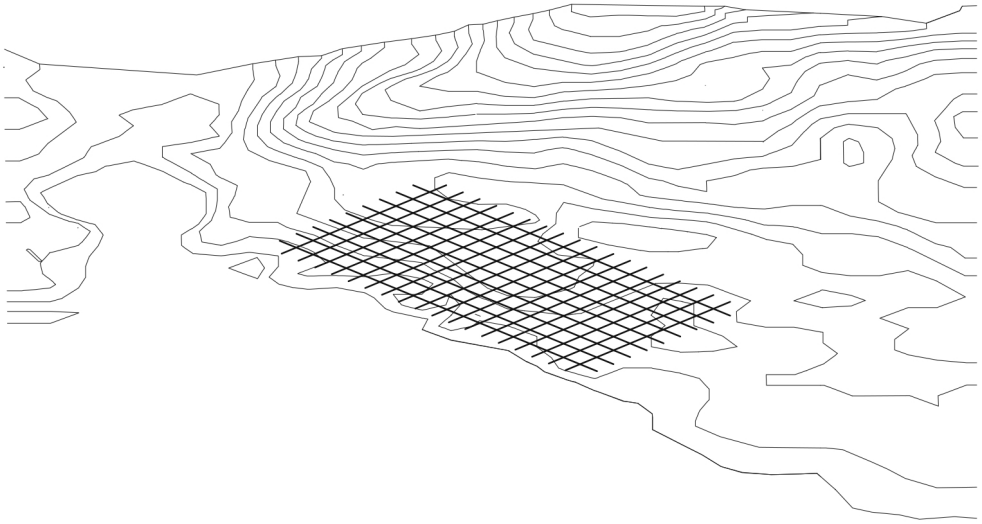
[62] As curvas de nível



[63] Edificado actual e os eixos estruturantes



[64] Os edificados preexistentes preservados.

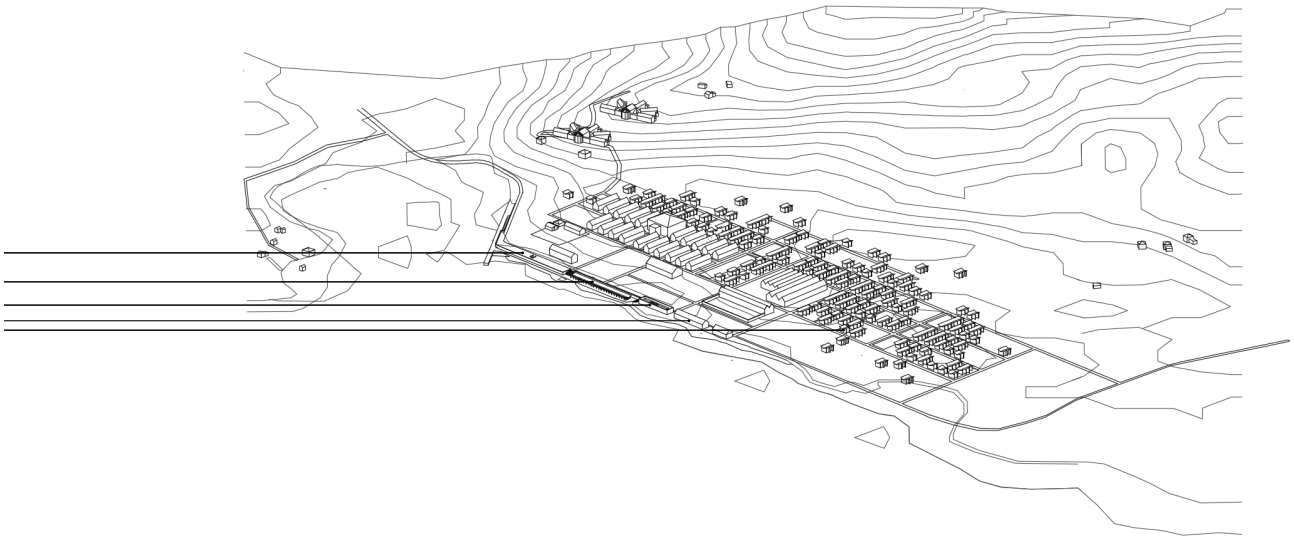


Malha reguladora da nova proposta. **[65]**

LOTA E ESCOLA DE PESCA

MERCADO

SECADOR DE PIMENTAS
FABRICA DE CONSERVAS
PROPOSTA HABITACAO



Proposta Urbana **[66]**

(R E) D E S E N H O U R B A N O

"É preciso se libertar das amarras. Não jogar fora simplesmente o passado e toda a sua história. O que é preciso é considerar o passado como presente histórico. Ainda vivo. Frente a ele, nossa tarefa é forjar um outro presente, verdadeiro."

Lina Bo Bardi "

Tendo como consciente o valor patrimonial da Roça e a forma como se habita o lugar, a proposta preserva o princípio pelo qual a roça foi desenhada, no entanto, procura ajustá-la às necessidades atuais da comunidade que a habita. Em suma, a premissa é simples: desenhar para a comunidade. Com base nos pressupostos teóricos analisados nos capítulos anteriores, a proposta urbana aqui presente procura uma integração entre: a preservação do património colonial enquanto estrutura roceira; a redefinição e restituição dos limites formais; definir um conjunto de equipamentos que visam o desenvolvimento social e económico da comunidade; e uma transição gradual das informalidades para um novo conceito de habitação, que respeite a narrativa tropical e integre a cultura construtiva local.

AS RUAS

Uma vez que "A mobilidade é o componente essencial á saúde da cidade". Na tentativa de recuperar a vitalidade urbana, que hoje é comprometida pela malha vasta de informalidades, numa primeira atitude, face aos conflitos urbanos propõem-se o redesenho das ruas; que se encontram subdimensionadas e por esse morivo, desajustadas à vivência de uma comunidade que vive essencialmente à escala pedonal.

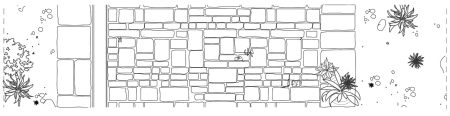
Entendidas como elementos de concepção primária, devido ao seu papel estruturante; a proposta viária, preserva a métrica militar, de modo a que a nova intervenção seja articulada com a preexistente, sem gerar conflitos. Visando a coesão e unidade do conjunto, contrariamente ao actual crescimento da cidade, que expande para as zonas altas do interior da floresta, propõem-se no novo plano uma continuidade da cidade para as zonas com menos declive, onde os riscos de derrocada (devido as chuvas intensas) são menores.

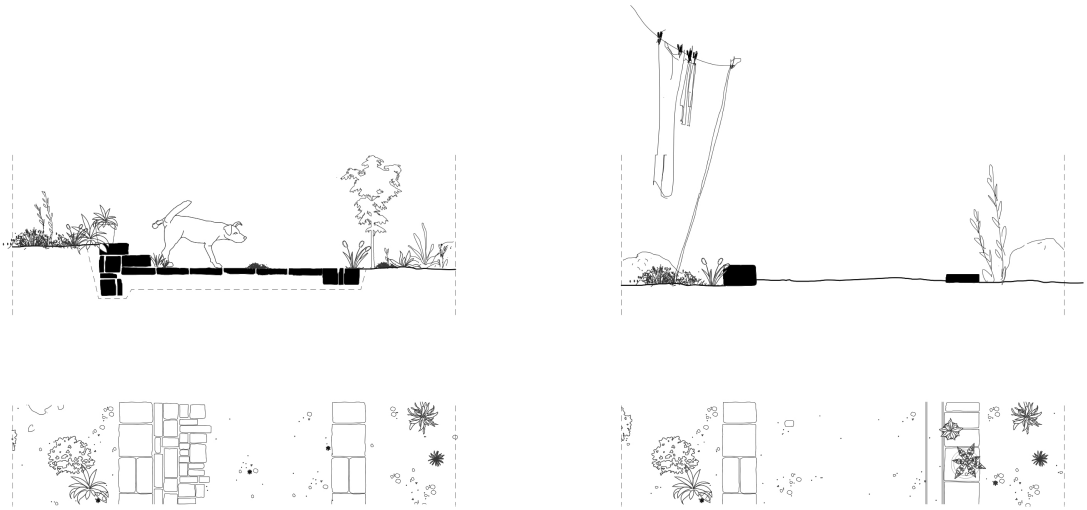
Com um desenvolvimento da malha baseado no e quarteirão retículo, as ruas tornam-se elementos fulcrais. Partindo do princĺpio que as ruas no contexto tropical desempenham um papel de elevada importância, são ainda desenvolvidas a uma escala menor e pormenorizada, perfis e tipologias de rua com que pretendem estimular o encontro e desenvolver uma sequência continua e coesa de acontecimentos públicos. Permitindo de igual modo o atravessamento da Roça ao abrigo da sombra. Á escala do bairro, a rua é suprimida ao seu uso essencial (de passagem) conferindo assim mais espaço aos lotes, para crescerem, e espaços públicos para a população se encontrar que fazem a transição entre o espaço urbano e a envolvente verdejante. Garantindo que a rua se mantêm livre para o transito pedonal e à distancia necessária da habitação, sem comprometer a privacidade do lote da casa.











Proposta esquemática de tipologias de rua. **[67]**

A nível do plano urbano, optou-se por seguir os princípios de Howard sobre a cidade jardim[185], que defendem que "*o homem deve desfrutar ao mesmo tempo da sociedade e das belezas da natureza"*[186]. Deste modo, tendo em conta o clima tropical, os espaços verdes, são tidos em conta como complementos à organização e planificação da cidade e do seu edificado. Para além de contribuirem para a redução das temperaturas, promovem a ligação do espaço urbano com a envolvente verdejante.

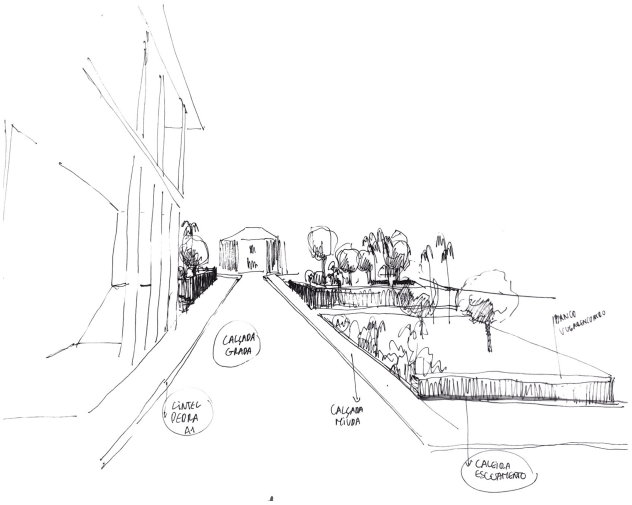
Estipulada e estruturada a estrutura viária, num segundo momento, é tomada como ponto de partida a situação de degradação e abandono das preexistências, para as quais são propostas intervenções de reabilitação de carácter pontual; por acreditar que se tratam de lugares importantes com identidade, e essenciais para a leitura morfológica da Roça.

"Podemos viver sem a arquitectura, mas sem ela não podemos recordar" John Ruskin.

AS PRÉ-EXISTÊNCIAS

Na tentativa de preservar a estrutura morfológica do conjunto, são preservadas diversas estruturas, sendo elas: as ruínas dos hospitais; a capela e o edificado adjacente, a casa principal e dos encarregados pela sua excecionalidade e valor arquitectónico. As sanzalas, pela sua importância e presença no desenho urbano. E por último, a fábrica e os armazéns, que completam a leitura do conjunto junto do litoral.

[185] Modelo urbano do Séc. XIX criado por Ebenezer Howard, tendo por base as cidades de Letchword e Welwyn, tendo sido convertidos depois na Europa e Estados Unidos. que defendem a presença de alamendas arborizadas e espaços verdes em torno dos lotes, e uma continua relação com a paisagem. CHOAY (1965), p.220.
[186] CHOAY, (1965) p.221.


CALÇADA GRADA
CALÇADA MIÚDA
CALÇADA ESCALONADA

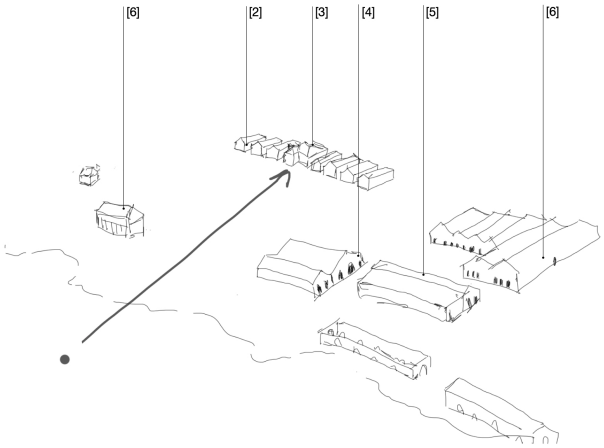

RESTITUICAO DOS MUROS E MURETES DE SUPORTE AOS JARDINS

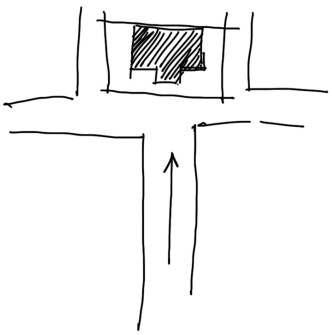
[68]

Integrados no novo espaço urbano, os equipamentos passam de igual modo a acomodar novos usos, apelando a uma proximidade com as necessidades da comunidade. A casa principal, é conservada e proposta como local conjunto de restauração e museu (1). Onde as histórias da vila podem ser contadas, ao desfrutar dos sabores da cozinha tropical. As antigas sanzalas, dão lugar a novas habitações mais equipadas (2). A casa dos encarregados, devido a sua posição central de destaque é proposta como centro comunitário, que pode acolher diversas actividades culturais (3). A actual central eléctrica é proposta como escola agrícola, ("oficina dos jardins") dividida em dois pisos: um destinado as actividades lectivas e outro para um ateliê/horto onde podem ser lecionadas as aulas práticas de botânica e cultivo - transplantes, enxertos de árvores, garantindo a formação e a qualificação variada de novos profissionais(4). Sempre com a possibilidade de leccionar no exterior, à sombra das árvores do jardim. Visando recuperar a a "atmosfera da filosofia peripatetica, de quando os gregos ensinavam filosofia debaixo dos seus plátanos, exatamente como os indianos, que continuam ensinando, sentados na sombra"[187].

Para o edifício das antigas serralharias, propõem-se a sua conversão em galeria de arte (5), que funcionará de apoio as actividades plásticas formativas actualmente lecionadas na antiga fábrica do cacau (FACA) ao abrigo de um programa internacional (6). Além do edifício, são ainda consideradas para o efeito expositivo o jardim ladeado por umas arcadas em ruínas, onde podem ser exibidas exposições ao ar livre, quando o tempo assim o permitir.

[187] PALLASMA (2017), p.97.







[69]







[70]

O MERCADO

"A space that can blend all the people and cultures together around the social act of exchange"

Sobre a premissa de respeitar o máximo possível a topografia da orla costeira, o mercado reapropria-se de uma depressão rochosa existente.

De cariz comunitário, o equipamento do mercado surge como um elemento complementar à nova praça urbana, com o prepósito de fomentar e dinamizar o percurso junto ao mar. Proposto numa segunda fase de intervenção, o mercado surge sobre o pressuposto de uma vez mais, colmatar a ausência de um ponto de venda qualificado na Roça, onde os habitantes possam ao abrigo do calor e das chuvas intensas se reunir para vender e trocar os seus produtos.

"Os mercados são os pulmões da economia Santomense. São o território das palaies."[188]

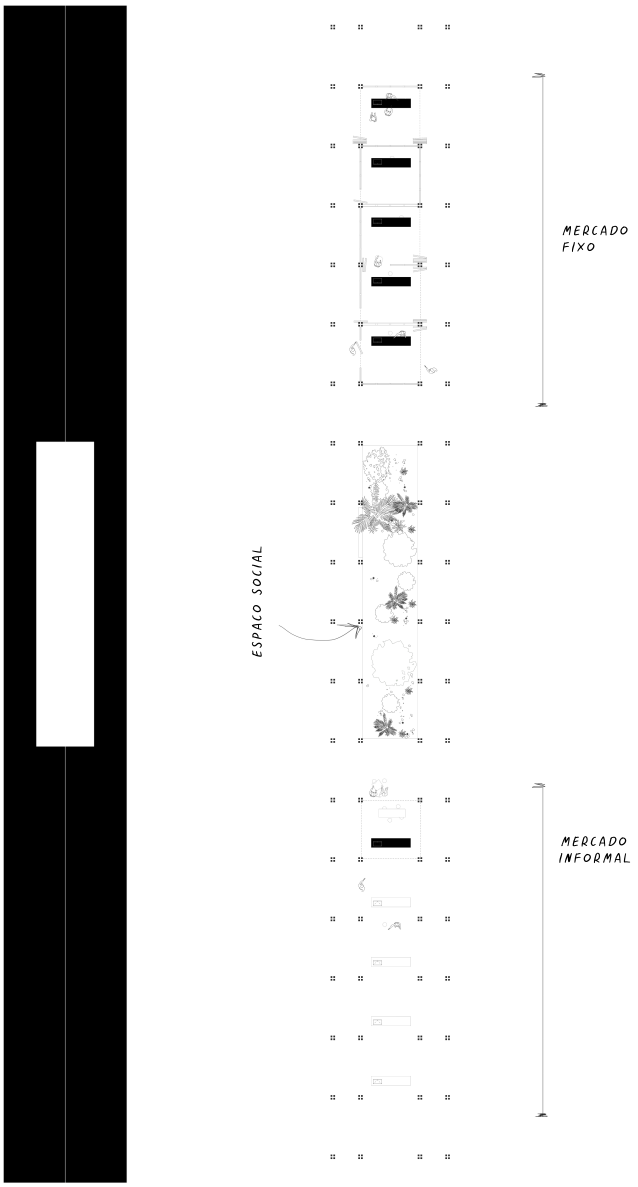
Fora da sombra dos alpendres, os locais de maior encontro em São Tomé, são os mercados. Sendo estes os lugares prediletos de convívio na cultura africana, inspirado no mercado de Távora, o mercado na margem, nasce de um esqueleto flexível, desenhado sobre o eixo horizontal que acompanha o passeio marginal. Tendo em consideração o contexto climático e a importância deste elemento para a reunião da comunidade o equipamento vai beber influência aos mercados locais, de onde retira a premissa da permeabilidade, ao observar a dinâmica das estruturas portadas e a liberdade de movimento que estas estruturas proporcionam ao deambular

[188] UIA DAS ATIVIDADES DE LAZER: DIREÇÃO GERAL DO TURISMO E HOTELARIA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

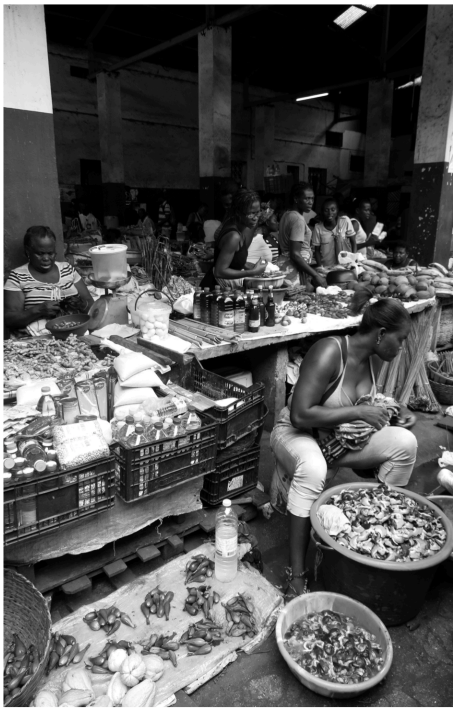
inerente à actividade de compra e venda. Assim, surge a métrica pilar viga, sobre a qual é desenhada uma cobertura em duas águas invertidas, que confere uma riqueza espacial ao interior do edifício.

Norberg-Schulz refere que "(...) os principais elementos urbanos são os centros e os percursos: as praças, por exemplo, que funcionam a partir dos centros, as ruas a partir dos percursos. Em ambos os casos, trata-se de lugares contidos que se atribui a sua identidade espacial à de permanência de limites laterais relativamente contínuos ( )"[189]. Normalmente associados a praças, ao mesmo tempo que servem propósitos práticos como a troca e venda de produtos, os mercados assumem-se por natureza um ponto de referência na cidade. Neste sentido, o espaço do mercado é desenhado sobre o eixo horizontal do passeio marginal e disposto entre os dois pontos de acesso principais à margem. A nível programático, o equipamento reune numa só cobertura, 3 zonas com funções distintas: uma zona mercado permanente onde se vão concentrar os postos de venda de caráter fixo; um espaço verde, que procura fazer a transição entre o volume e a envolvente rochosa e verdejante do pano de fundo ao mesmo tempo que através do recorte na cobertura realça as qualidades arquitetónicas do edifício. ("Hoje em dia, a arte de combinar edifício e árvore baseia-se numa relação em que a árvore cede a ser riqueza ao edifício, e em que o edifício faz realçar as qualidades arquitetónicas da árvore, de modo a constituírem um conjunto.")[190].

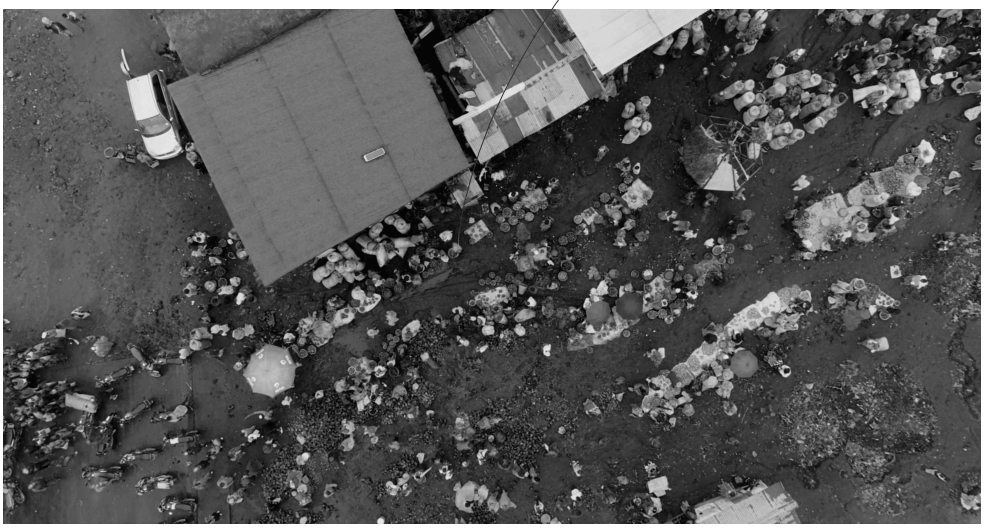
[189] SCHULZ (199), p.1.
[190] CULLEN (2010), p. 173.



[71]



[72]

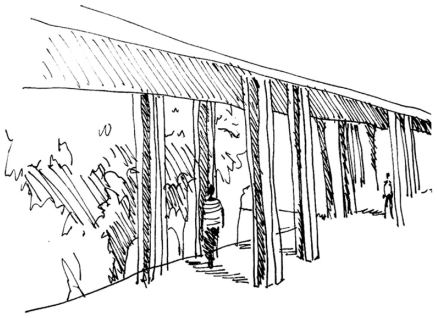


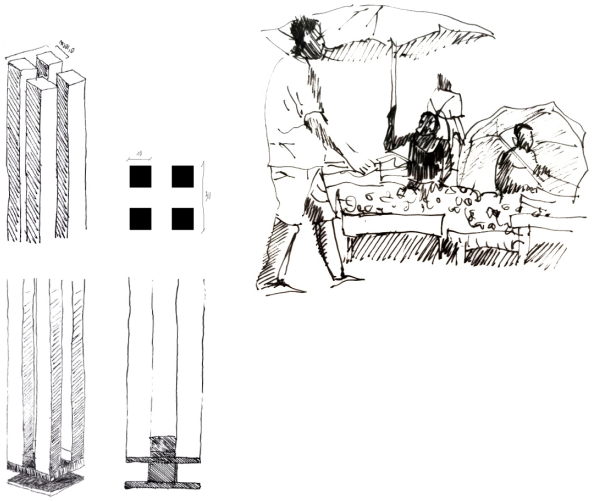
[73]

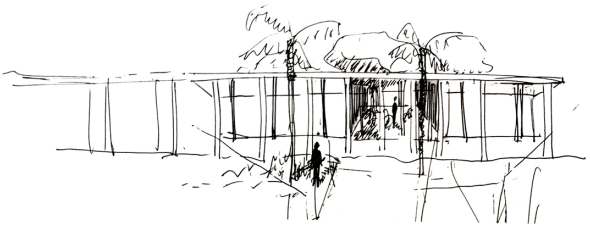
Face a dinâmica dos mercados tropicais, o desenho do mercado prevê ainda um espaço de "mercado informal" que visa albergar num carácter mais esporádico e descomprometido de troca comercial.

A dinamização do espaço é garantida através da manipulação dos cheios e vazios que compõem o programa do equipamento e através da própria estrutura ritmada que providencia naturalmente espaços de encontros - primeiramente fortuitos, mas tendencialmente intencionais. Inspirada em soluções da arquitetura japonesa, a estrutura de madeira assenta em quatro pilares que perfazem no total 0.30x0.30m. Esta estrutura além de permitir uma simplificação construtiva do edificado, procura através de uma lógica de encaixe, garantir o desenvolvimento e/ou integração futura de pequenos quiosques, cafés ou pontos de venda de caráter fixo; ou ainda, em caso de necessidade, uma extensão ao espaço de mercado pré concebido.

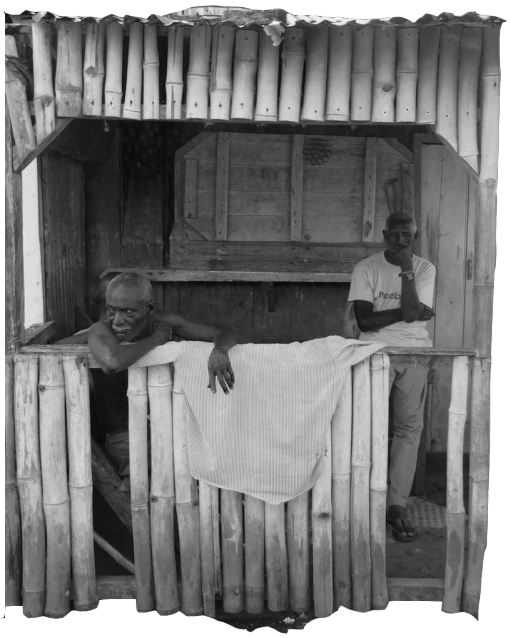
Num reinterpretar da arquitetura vernacular, o desenho do edificado procura responder, uma mais uma vez, a estratégias bioclimáticas, garantindo a eficácia da arquitetura face ao clima. Como tal, é garantida a ventilação transversal; os pilares são capeados por um encaixe metálico e sobrelevados do solo de modo a que a madeira da estrutura não tenha contacto com a água; a cobertura é em duas águas, ventilada e segue a mesma composição material proposta para a habitação; a captação e filtragem, das águas é pontual e dirigida para o espaço das instalações sanitárias.



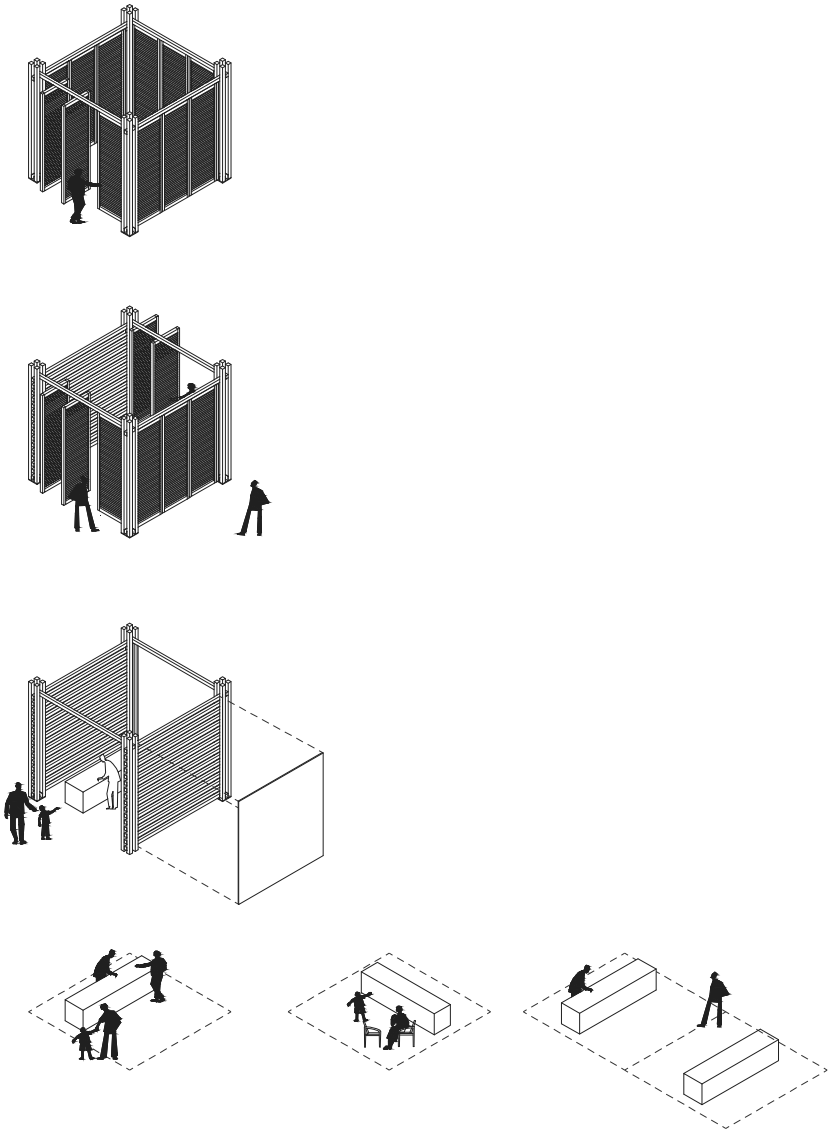




[74]



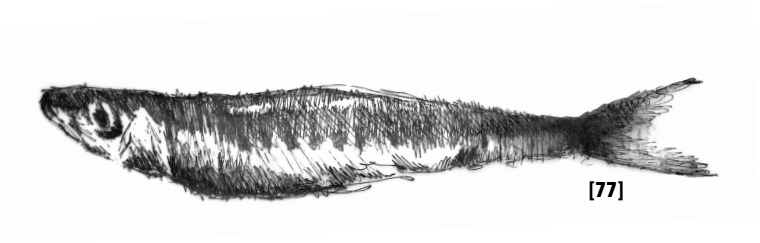
Folies. Pontos de venda de caráter fixo da população. **[75]**



Proposta esquemática das folies propostos para o mercado
e possíveis adaptações. **[76]**



A F Á B R I C A



[77]

Implantada sobre os antigos armazéns, a fábrica surge como um motor económico, que visa alicerçar o desenvolvimento futuro da comunidade e das ilhas.

Proposta para uma última fase de intervenção, a fábrica de conservas de Peixe, para a Roça de Água-Izé, completa a proposta de requalificação da margem, trazendo uma nova leitura e dignidade ao esqueleto do armazém actualmente esquecido e abandonado. Testemunho do passado ligado à exportação e ao mar.

Posicionado a sul do conjunto, reflete-se sobre a situação de abandono do edifício e numa atitude romântica, de deslumbramento pelas marcas de desgaste e erosão, deixadas pelo tempo, opta-se por intervir estrategicamente, preservando sempre que possível, a patine impressa pelo tempo no esqueleto do edificado.

Presa a um contexto de produção fabril, dominado pela premissa da eficiência, emodo a tirar partido das qualidades espaciais do edificado, um corredor de circulação nasce em torno do esqueleto, definindo e delimitando a área destinada ao programa. Por sua vez, os equipamentos são colocados ao centro, dispostos paralelamente uns aos outros, e compartimentados consoante a geometria ritmada e ventilação garantida pelos vãos pré existentes.

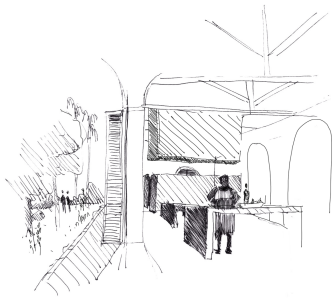
Dispostos em harmonia com a ventilação natural que os vãos arqueados do edifício naturalmente oferecem, face ao carácter fabril específico do equipamento, sobre as zonas de cozedura e esterilização são projetados dois volumes de extração, que sem comprometer a estrutura das asnas no interior, ascendem à cobertura atraindo e convidando os olhares de quem alheiamente segue caminho na estrada em direção ao sul.

Inspirados na Casa de Azeitão, dos arquitetos portugueses, Aires Mateus; estes dois volumes, opacos e primeiramente estranhos ao olhar, são integrados na sequência estrutural da cobertura e interrompendo a atmosfera ritmada, sequencial e monótona interior (tipicamente fabril), enclausuram sobre si os serviços de maior risco nos afazeres da fábrica, nomeadamente; cozedura e esterilização. Impedindo a propagação dos odores e a dissipação do calor extremo.

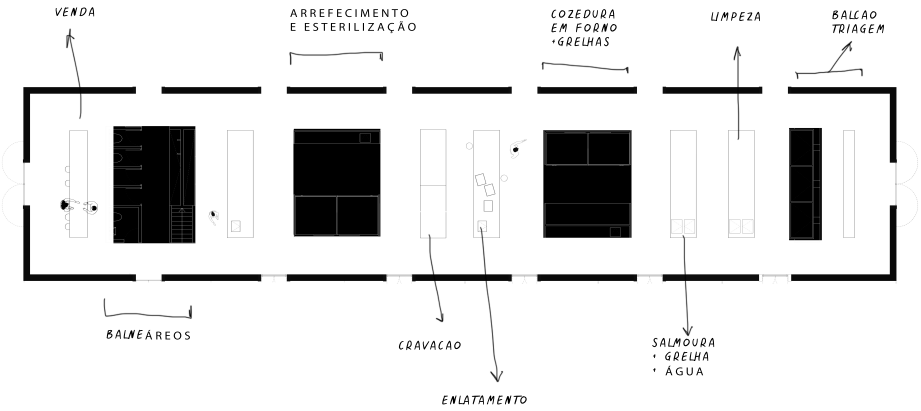
Organizados de forma sequencial, os restantes equipamentos são dispostos segundo um circuito composto por diversos processos, que seguem a seguinte ordem: congelação; conservação; salmoura; descabeçamento; esvisceração; entalamento; inversão; cozedura e arrefecimento; cravação; lavagem; esterilização; e quarentena.

Aliada ao turismo emergente por todo o território, este equipamento propõe-se a ser um núcleo de visitas. Neste sentido, é ainda contemplado no extremo contrario à entrada do peixe, um pequeno espaço de venda onde são dadas a provar as conservas produzidas. Seguindo esta lógica mais comercial, face à privilegiada localização junto ao mar, são acrescidas ao programa algumas zonas de








VENDA
ARREFECIMENTO
E ESTERILIZAÇÃO
COZEDURA
EM FORNO
+GRELHAS
LIMPEZA
BALCAO
TRIAGEM
BALNEÁREOS
CRAVACAO
ENLATAMENTO
SALMOURA
+ GRELHA
+ ÁGUA


SAOTOME

[78]

estar no exterior, que como extensão à fabrica, podem sejam usadas como complemento ao espaço de degustação/venda, quando o clima assim o permitir.

Com vista sobre o mar, os vaõs arqueados desempenham uma função dupla - fazem a comunicação e ventilação do interior ao mesmo tempo que permitem quem está no exterior, uma visão desafogada e controlada sobre o processo de fabrico que decorre no interior. Uma vez que, por questões de higiene e segurança e tendo em conta a dimensão reduzida do equipamento, o recinto da produção não é visitável pelo interior.

Alojado num edifício preexistente face ao bom funcionamento da fábrica, são ainda tidas outras preocupações como o reforço da cobertura, a introdução de redes mosquiteiras nos vãos, e a introdução de um sistema de caleiras integrado no pavimento, posicionado nas delimitações de cada equipamento, que visa garantir o escoamento das águas fruto dos processos de preparação e limpeza.

Como fecho do percurso junto à margem, a fábrica de conservas nasce do desejo de assegurar novos postos de trabalho para a população residente, ambicionando numa lógica futura e rentável a possibilidade de exportação.



[79]



[80]



[81]



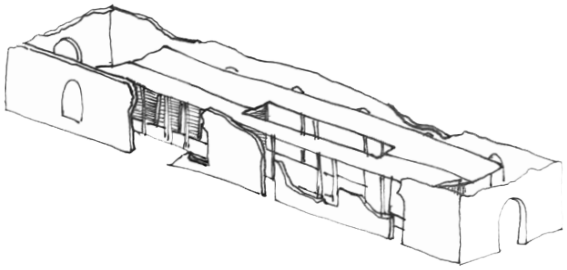
[82]

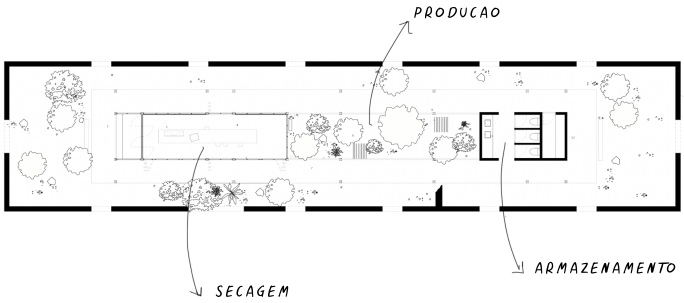
SECADOR

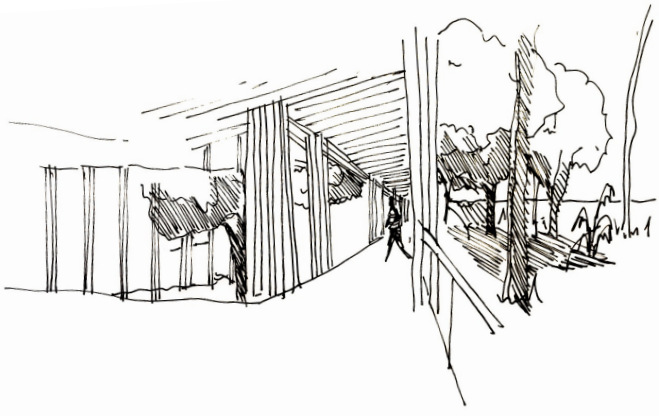
No armazém adjacente, como complemento ao processo da conserva, é desenhado um pequeno secador pimentas. Indissociável do seu contexto de ruína, o projeto tem como premissa não tocar nos fragmentos e/ou pré-existências. Opta-se por preservar a ruína, tendo em conta o seu valor estético e pictórico e enquanto testemunho do passado mercantil e exportador da Roça. Quanto ao desenho do equipamento, à semelhança da fábrica, o programa é inserido ao centro, mas contrariamente à estratégia anterior, desenvolve-se sobre um eixo horizontal, que visa tirar partido do cenário envolvente. E da vistas de enquadramento entre a Ruína decadente e o mar. "Transformando um espaço morto, numa paisagem encantadora"[191]

Articulado por 3 núcleos, na mesma dinâmica que o mercado, a estrutura do secador é igualmente materializada sobre um esqueleto de madeira com um recorte na cobertura onde se propõem em vez de um jardim, uma área de produção. Este espaço de horta, ocupa o centro do equipamento e procura fazer a ponte entre os dois volumes ao mesmo tempo que mescla o equipamento face à envolvente verdejante. Dividido em três parcelas o programa do secador articula-se em três momentos diferentes: limpeza e preparo das pimentas; produção; e um núcleo de apoio, onde são dispostos uns pequenos arrumos e as instalações sanitárias. Num esquema sequencial, as pimentas produzidas na horta são apanhadas, secas e posteriormente levadas para a fábrica e usadas como tempero tanto no momento das provas como na confecção.

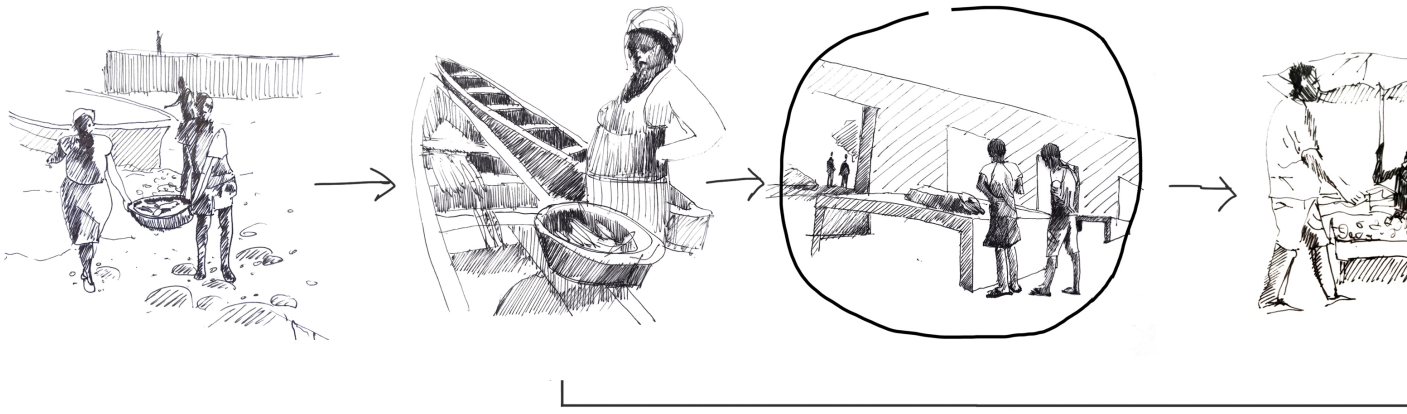
[191] CULLEN, (1971) p.130.







[83]





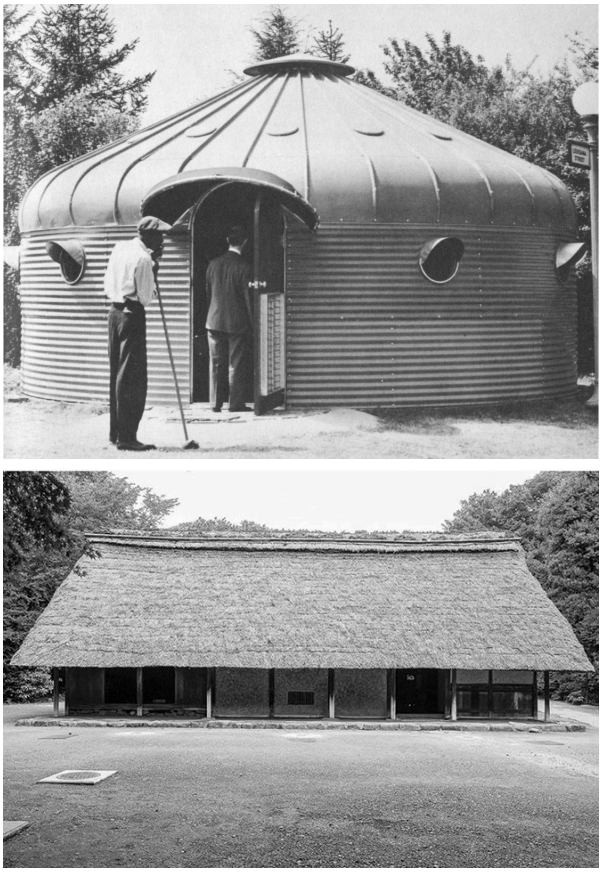
[84]

Entendendo Água-Izé, não como uma máquina agrícola mas sim, como uma comunidade habitacional, o programa habitacional proposto surge a par da urgência de contornar a pobreza da ocupação do espaço que compõe a Roça. Sendo os novos modelos propostos uma resposta que visa colmatar o estado dos abrigos quase em ruínas, da população; tendo em conta o a narrativa do habitar tropical.



[85]

O DESENHO DA INTIMIDADE



[86]

THE HOUSE IS NOT A MACHINE FOR LIVING
IT IS THE MANS SENSE OF HIMSELF !!
Alfred Caldwell

"Casa não é apenas um abrigo para o corpo"[192].

"a nossa casa é o nosso rincão no mundo (…) é o nosso primeiro universo, um cosmos real em cada acepção da palavra(…) É um instrumento para confrontar o cosmos".[193]

Casa, é onde o homem habita[194], é o que emoldura e dá sentido ao nosso ser no mundo e ao modo singular, com que o habitamos[195]; ao mesmo tempo que serve as necessidades mais íntimas e rudimentares do homem[196]. Na sua génese, casa, é o mediador complexo entre a intimidade e a vida pública e enquanto objeto arquitetónico, a habitação, é a representação pura do método que o homem encontrou de domesticar o mundo, para que nele possa habitar[197].

"Se observarmos a rua através da janela, os seus ruídos são atenuados, os seus movimentos são fantasmagóricos e a própria rua, por causa do vidro transparente mas duro e rígido, parece um ser isolado palpitando num "para lá de"." [198]. "Um mundo visto através de uma janela é um mundo domesticado e controlado."[199]

[192] PALLASMA (2017) p.70
[193] BACHELARD, gaston. La poétique de léspace. Paris, 1957. In habitar, PALLASMA (2017) p.90
[194] ÁBALOS (2012) p.52
[195] PALLASMA (2017) p.66
[196] PALLASMA (2017) p.66
[197] PALLASMA (2017) p.66
[198] Vergílio Ferreira, Invocação ao Meu Corpo (1978) p.261, Bertrand. in Gonçalo M. Tavares, Atlas do Corpo e da Imaginação (2013) p. 330.
[199] PALLASMA (2017) p.103

O mundo fora da casa, é distinto daquele que seria confrontado sem o efeito mediador da mesma. Por isso, se pode afirmar, que a nossa experiência existencial é mediada e estruturada pela arquitetura desde o principio e, que por essa razão, a casa torna-se parte da identidade do ser humano. Como afirma o poeta Noel Arnaud, "Sou o espaço onde estou"[200]. A par com a existência, está o habitar. Impossibilitados de desvinculo, o desenho da casa torna-se crucial, na medida que "altera e condiciona a experiência humana da realidade[201], ao influenciar a identidade dos seus utilizadores, o seu quotidiano e a si mesmos"[202]. Na actualidade, a neurociência oferece evidências concretas de que a qualidade do ambiente, não influência apenas os nossos comportamentos momentâneos, como altera a própria estrutura do cérebro, o que produz as mudanças comportamentais[203]. "Ao planejar o entorno em que vivemos, o projeto arquitetónico modifica nosso cérebro e nosso comportamento"[204]. Como tal, a tarefa da arquitetura não consiste somente em proporcionar um abrigo fisico ao corpo.

"A tarefa do arquiteto é criar um lugar significativo para ajudar o homem a habitar o mundo"[205] e que "fundamentalmente a viver nela, ele se sinta feliz ".[206]

[200] Poeta Noel Arnaud, in habitar, PALLASMA (2017)
[201] PALLASMA (2017) p.96
[202] HEIDEGGER (1971) p.148
[203] "enquanto o cérebro controla nosso comportamento e os genes controlam os padrões de design e de estrutura do cérebro, o ambiente pode modular a função dos genes e , em ultima instância modificar a estrutura de nosso cérebro." Fred Gage, in habitar, PALLASMA (2017) p.122
[204] Fred Gage in "Neuroscience and Architecture, 1948" citado em PALLASMA, p.122
[205] NORBERG-SCHULZ, Christian (1979). Genius Locci. Paesaggio Ambiente Architettura in CARVALHO (2016) p. 13-14
[206] (tradução livre da autora. BAEZA (2018)

"Sou deste lugar
Como as árvores
E as casas"
Adília Lopes

Tal como, os conceitos habitar e existir se encontram indissociáveis, o mesmo acontece com o homem e o seu contexto, que por sua vez, deve refletir-se na habitação. Intrinsecamente ligada ao clima e ao modo de habitar tropical, a casa informal é como abordada no capitulo II, a concretização do modelo fiel e a representação do modo como habitam os Santomenses. Como tal, sem pretensões de alterar a cultura local, a nova habitação surge da reinterpretação do modelo das habitações presentes, incorporando como premissa de acção no desenho, lógicas de adaptabilidade e flexibilidade, que procuram ser uma resposta coerente face a um contexto singular.

Num contexto tropical, onde a população estabelece uma relação de vizinhança que vai além do quarteirão e valoriza o espaço exterior, mais do que o interior, a habitação proposta é desenvolvida sob a premissa de abrir o "espaço da casa" à rua.



Sendo o alpendre - "o coração da casa vernacular" e em simultâneo o elemento de transição entre o interior e o exterior, a habitação serve-se da peculiaridade e carisma deste espaço intermédio, e predileto no contexto tropical, para materializar a proposta do novo abrigo. A habitação toda ela desenhada com como um grande alpendre, que alberga e protege os habitantes do clima, ao mesmo tempo que os permite viver em livre e pleno contacto com exterior.

"Vegetação exuberante, um recinto, um pequeno rectângulo de céu, e o calor da construção em tijolo, conjugam-se aqui numa atmosfera de interioridade, intima e cordial. É uma imagem transbordante de vitalidade e calor humano."[207]

[207] CULLEN (2020), p.71.

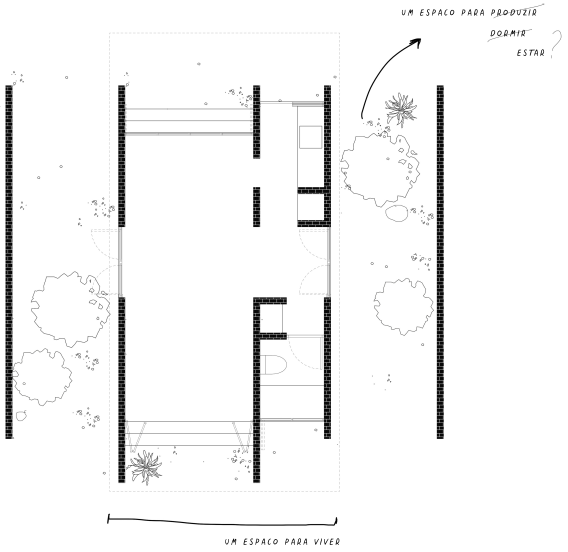
"CASA COMO ALPENDRE"

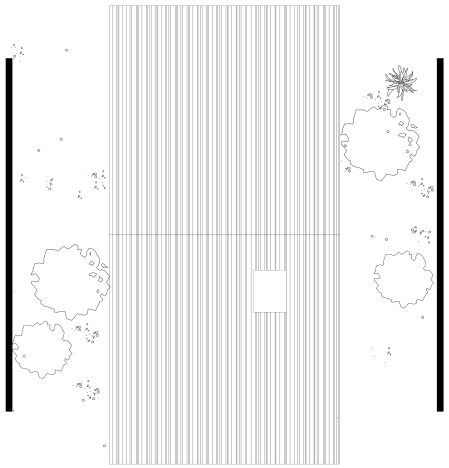
Inserida num contexto urbano, de matriz militar, geometricamente enraizado, a nova habitação herda das sanzalas a morfologia, de modo a que os novos quarteirões, se interliguem à métrica pré-existente. À semelhança do que acontece com a casa japonesa, a cobertura é estendida como um guarda-sol que determina no solo o perímetro afeto à casa, sob o qual é estabelecido uma malha de 10x8 de onde são levantadas estrategicamente as paredes que vão definir e compartimentar os espaços inerentes ao habitar.

Num primeiro gesto, no sentido de conectar e abrir a casa ao exterior, as paredes enquanto elementos opacos são assumidas como barreiras visuais e físicas e por isso, são dispostas perpendicularmente à rua. Vincando, a intenção de abrir a casa ao exterior. Dispostas a distancias diferentes consoante os usos e os programas que se prevê para o interior, todas seguem a mesma sequência geométrica, à excepção de duas que introduzem ao olhar o alpendre - a entrada da habitação. À semelhança da sequência que é obtida na casa vernacular, este espaço desenvolve-se paralelamente à rua. Comportando-se como uma extensão da casa para o exterior, enaltecendo o seu papel de lugar de encontro e reunião.

Contrapondo com a inflexibilidade e rigidez das paredes, as frentes da casa são percorridas por persianas de madeira vedadas por redes mosquiteiras, que em função, da hora do dia, das necessidades, e/ou das actividades a decorrer no interior da casa podem com um simples toque ser deslizadas abrindo ou cerrando o espaço. De modo a garantir a privacidade e a intimidade de quem habita. "A casa oferece proteção ao sonhador, mas são as janelas que lhe permitem sonhar"[208]

[208] PALLASMA, p.103



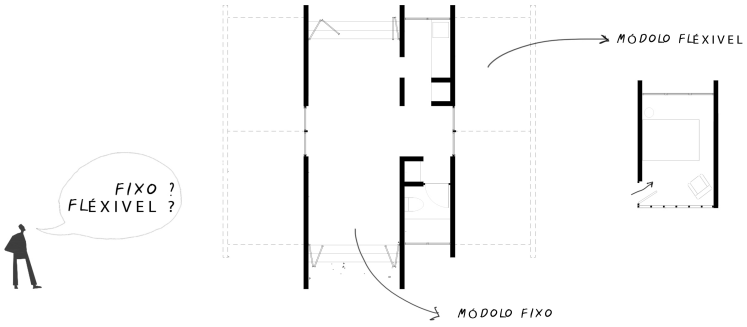


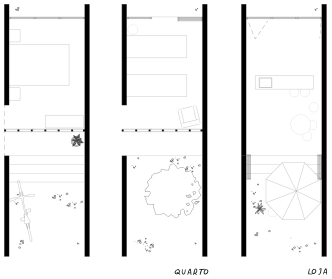
[88]

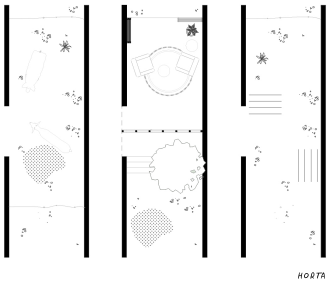
Reconhecendo que o habitar Santomense gera uma imensidão de interações urbanas impossíveis de planear, e que variam consoante o proprietário, a habitação é desenhada seguindo a lógica de construção evolutiva que permite que a construção possa ser feita de forma faseada, adequando-se às capacidades e disponibilidade do agregado familiar. Nesta lógica, existe um modulo central, fixo que forma o esqueleto da casa onde se localizam as funções primordiais e imprescindíveis ao funcionamento da casa, e o flexível ou adaptável, que permite em caso de necessidade, aumentar-se o espaço da casa e passar-se de uma tipologia para a seguinte, através do espaço livre no interior do lote. O fixo, inclui a cozinha o espaço social e o espaço de higiene. Interligados entre si, numa visão mais social o espaço social é programado de modo a relaciona-se com o ato de comer e com o exterior. Enquanto numa visão mais privada o espaço de higiene mantém-se separado.

Quanto ao módulo flexível da habitação, a dimensão do lote abraça a possibilidade de futuras construções e prevê a construção de até quatro espaços construídos, que acoplados às paredes de tijolo artesanal, podem assumir diferentes formas e usos. Desde simples espaços íntimos que completam o crescimento da casa, a pequenas lojas, quiosques ou quartos para aluguer. Sendo qualquer uma das opções de apropriação dinamizadora da rua pública. Em suma, a casa é pensada como um "Espaço que permite diferentes formas de apropriação e comportamento"[209] garantido ao habitante o máximo de liberdade, ao mesmo tempo que o envolve no processo de construção.

209 CARRERI, P.71


FIXO ?
FLÉXIVEL ?
MÓDOLO FLÉXIVEL
MÓDOLO FIXO


QUARTO
LOJA


HORTA

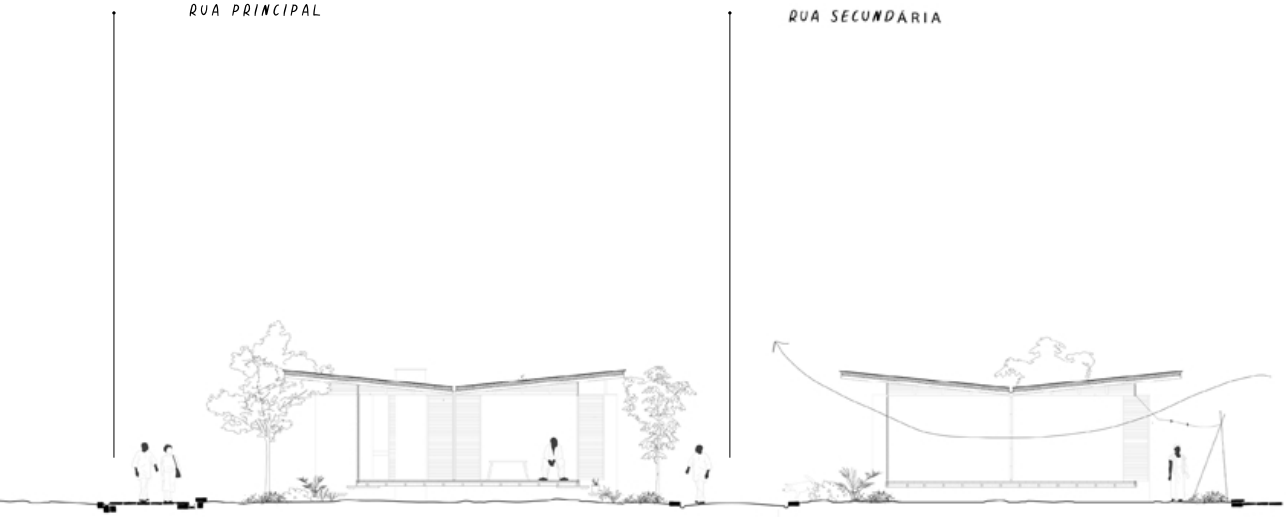

SALA

[89]

No topo, em posição de destaque, a cobertura em duas águas invertidas, finaliza a parte estrutural do conjunto. Pensada segundo uma lógica económica e de fácil execução, que recorre a materiais vulgarmente utilizados na construção local: a cobertura é composta por uma camada de vime ou canas, que têm como intuito evitar tanto o desconforto causado pela chuva a cair na chapa de metal perfilada, como o sobreaquecimento causado pela incidência do sol sobre a mesma.[210]

Quanto à materialidade da restante habitação: acreditando que "quem constrói seu próprio espaço terá tempo a perder para cuidar dele."[211], à semelhança do que Aravena fez, foi tido em conta os materiais tradicionais, de uso local, de modo a que a evolução das tipologias e a manutenção, sejam facilmente executadas e/ou garantidas. Face ao clima húmido, foram tidas em consideração no planeamento estratégias que garantam a durabilidade das construções: recorreu-se a princípios de ventilação cruzada; embasamento de pedra aparelhada para evitar a subida de águas por capilaridade; a extensão das paredes e da cobertura a fim de sombrear as fachadas expostas ao sol; ventilação pela cobertura e ainda o aproveitamento e a captação das águas pluviais da cobertura, com vista a actividades domésticas. Por último, mimetizando o papel das palafitas, o piso da casa é elevado a 60 centimetros do solo, prevenindo e protegendo o espaço habitado das humidades e dos animais rastejantes e insetos.

[210] GUEDES (2015), p.42
[211] CARRERI, 2017, p.124.



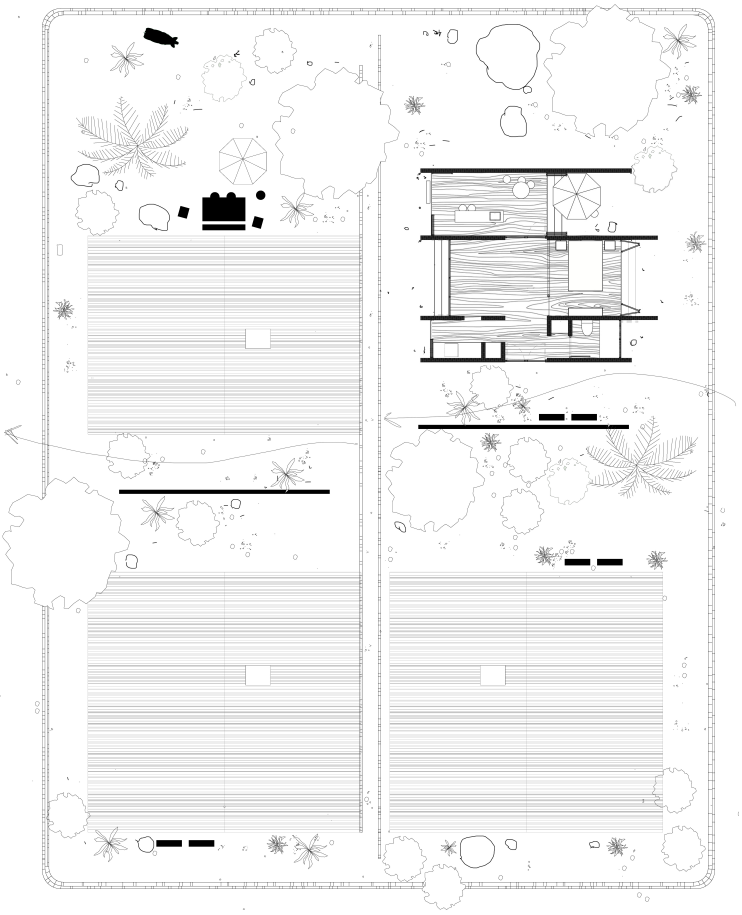
[90]

Além da casa, à imagem do que acontece actualmente e apoiada nos os princípios da *cidade jardim*[212] a habitação é envolvida por uma área de quintal ou *quinté*, de apoio à habitação, que delimitado por um ladrilho de pedra, define o fim do quarteirão e pode ser utilizado como horta ou jardim.

"Um jardim é o cenário de paisagem mais íntimo que conheço. É-nos próximo. Nele cultivamos as plantas que necessitamos. Um jardim requer cuidado e protecção. Assim cercamo-lo, defendemo-lo e protegemo-lo. Damos-lhe abrigo. O jardim torna-se num lugar."[213]

[212] que defendem que "o homem deve desfrutar ao mesmo tempo da sociedade e das belezas da natureza" CHOAY (1965), p.220.

[213] Peter Zumthor, Hortus Conclusus: Serpentine Gallery Pavillion 2011, Walther König, Köln/Koenig Books, 29 de Fevereiro, 2012, p. 15. trad. própria.



[92]



[93]

Materializado, o muro não é apenas uma solução espacial para uma série de necessidades básicas e lacunas analisadas e debatidas. O projeto como um todo é uma resposta em várias camadas ao desafio de consertar e entrelaçar inteligentemente, sobre uma linha arquitetónica o passado com a modernidade; os pescadores e os camponeses; a economia com a tradição; a pesca com a sustentabilidade; e claro, a Roça com o mar.

A premissa de um projeto começa sempre por ser uma pergunta.

Face à resposta aqui conjugada e materializada sobre a forma de projeto de mestrado: Podemos, neste momento, retornar à questão com que abrimos este ensaio: Poderá a restituição da ligação perdida entre a comunidade e o mar, e a aposta num sector estratégico ser capaz de inverter o paradigma de precariedade das ilhas e da comunidade ?

Segundo Milan Kundera, "as verdadeiras perguntas são aquelas para a qual não se tem resposta". No entanto, o presente trabalho visa ser uma contradição a esta mesma afirmação.

Na ausência de mais palavras, ficam as imagens.



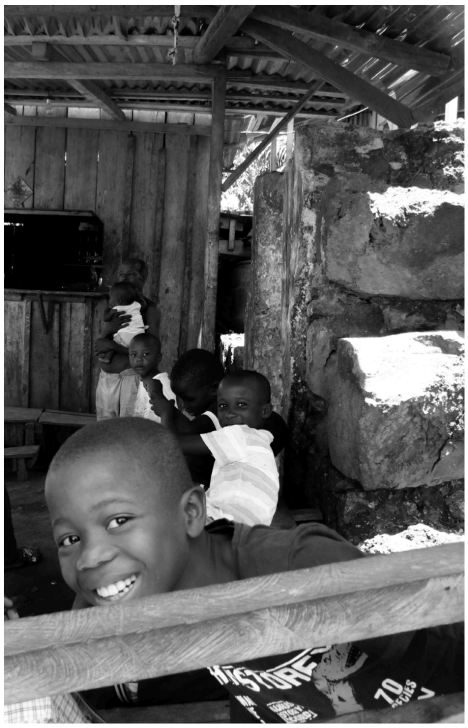
[94]

"A câmara é uma arma contra a miséria das coisas, nomeadamente contra o desaparecimento" .

Wim Wenders



[95]



[96]



[97]



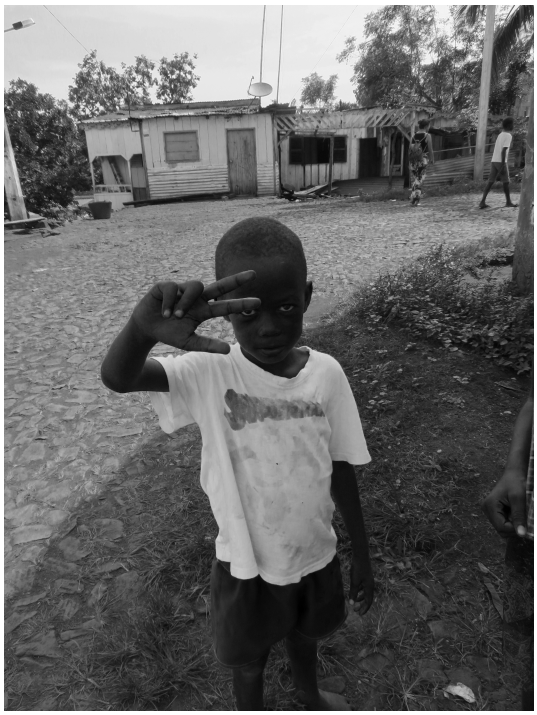
[98]



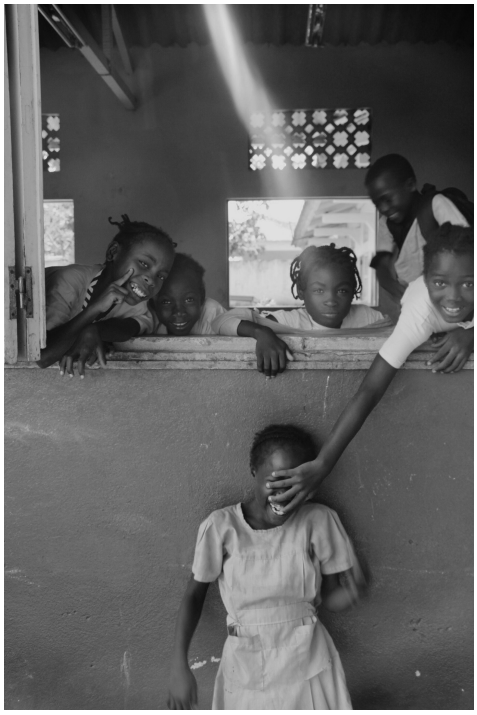
[99]



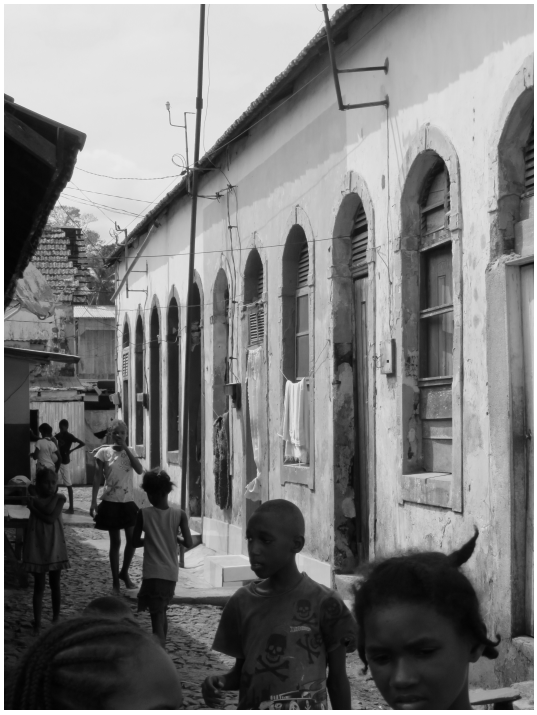
[100]



[101]



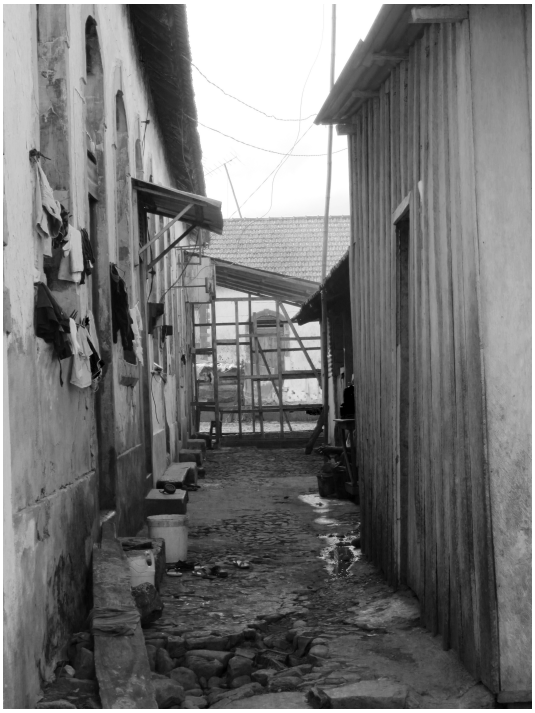
[102]

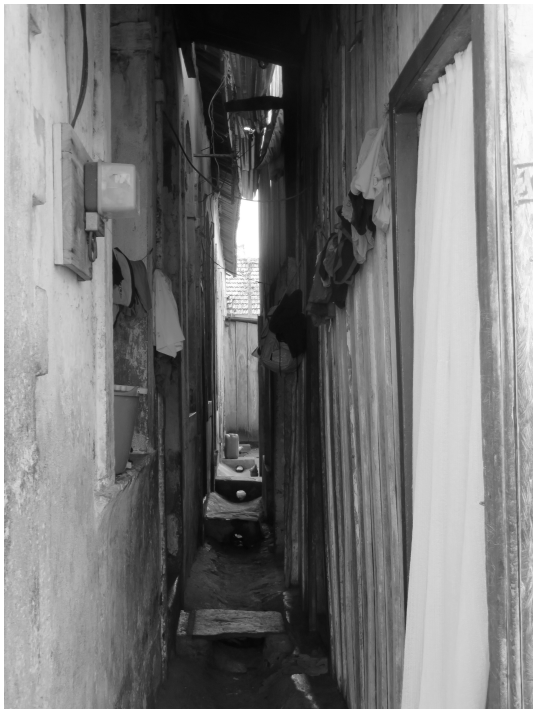


[103]



[104]





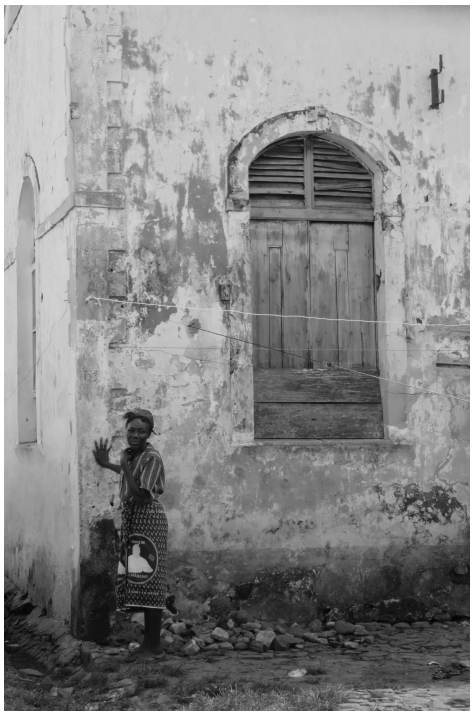
[105]



[106]



[107]



[108]



[109]



[110]



[111]



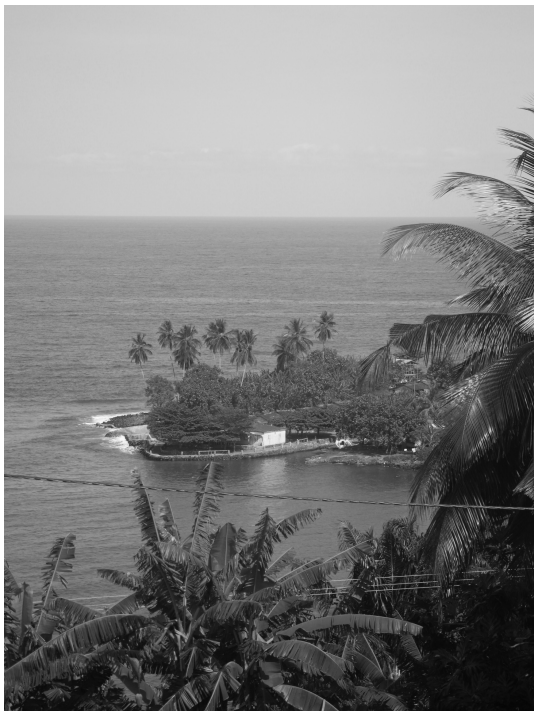
[112]



[113]



[114]



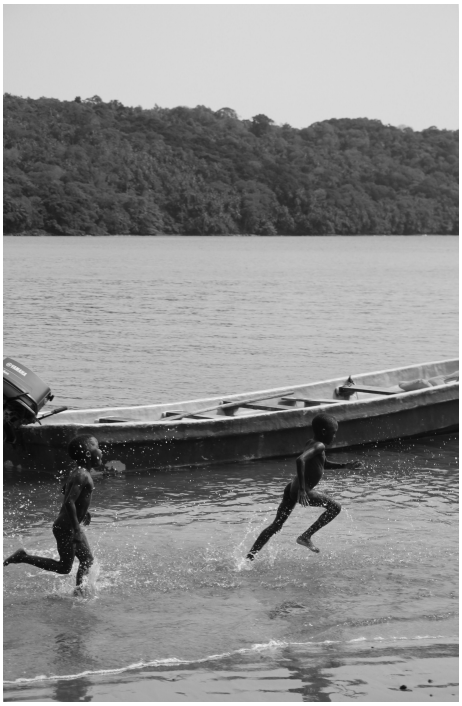
[115]

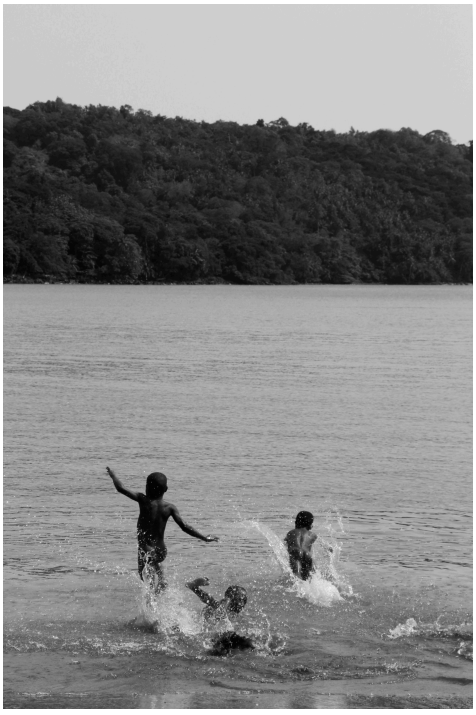


[116]



[117]





[118]



[119]



[120]



[121]

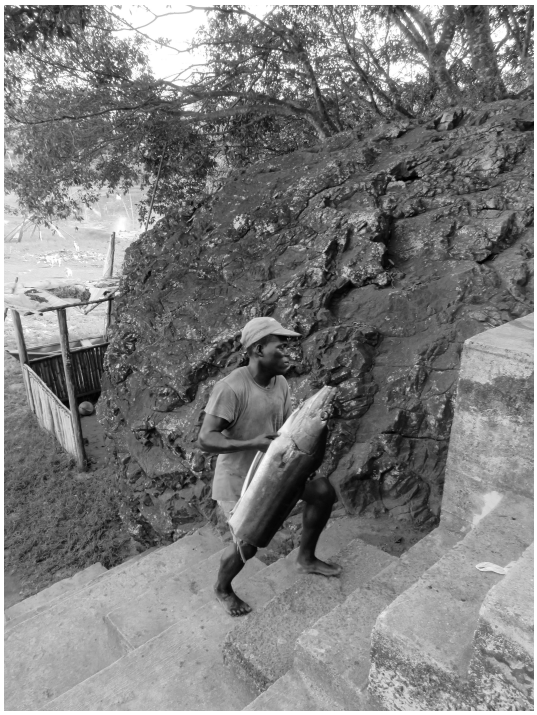


[122]

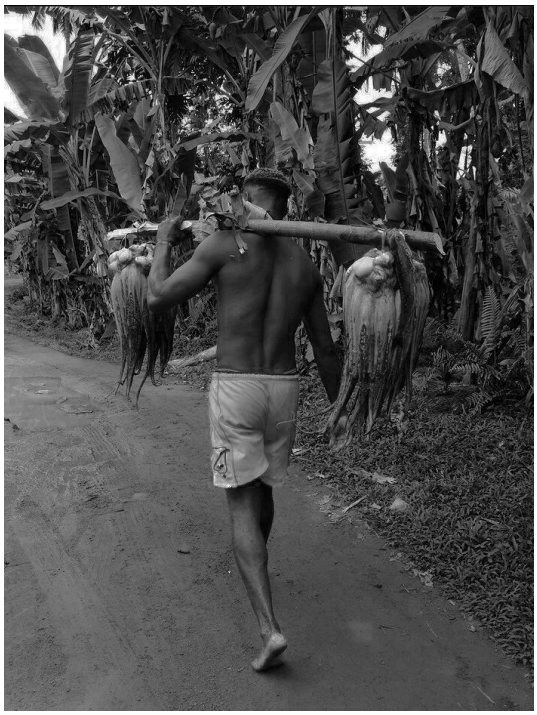




[123]



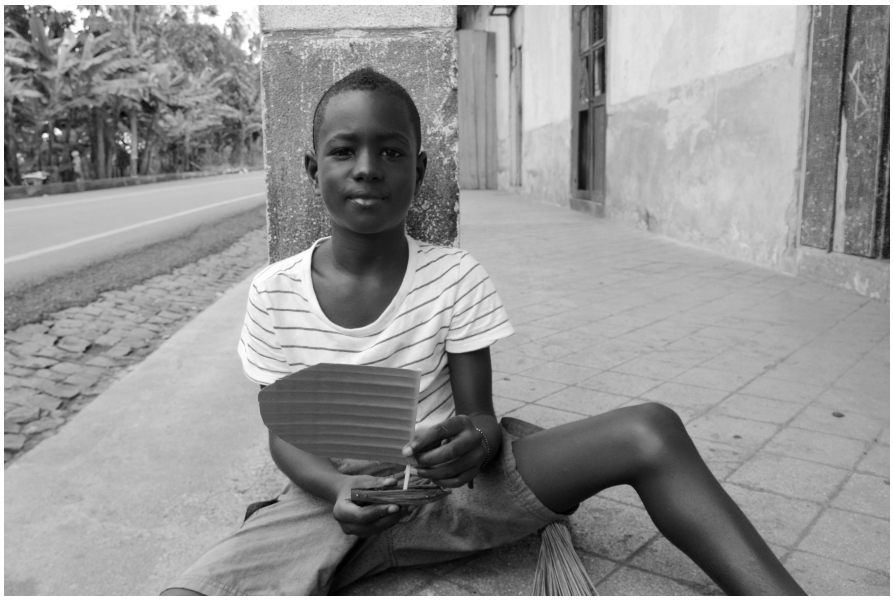
[124]



[125]



[126]

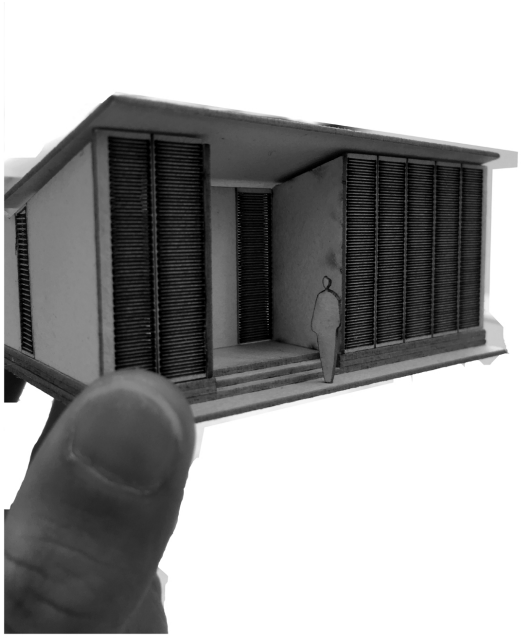


[127]

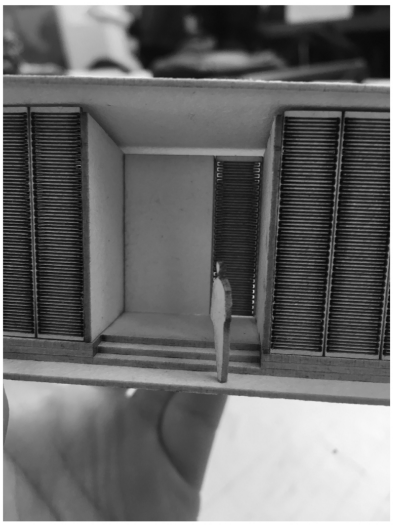


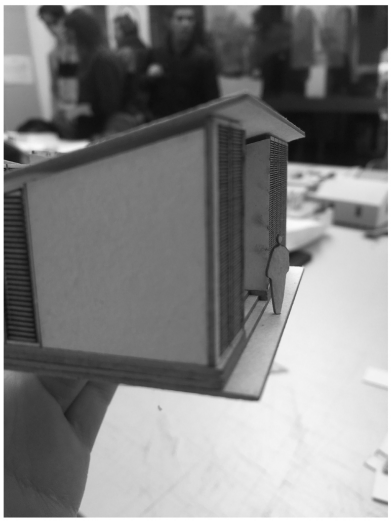
[128]

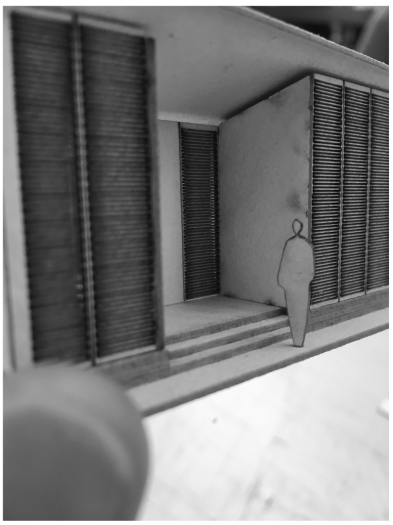
AS IDEIAS SEPARAM-NOS, OS SONHOS APROXIMAM-NOS !!
Jean-Luc Godard



[129] . Maquete final, primeiro semestre, 2019.







ANDRADE, Rodrigo Rebelo de – *FPL ARQUITECTURA: AS ROÇAS E SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE: O PASSADO E O FUTURO DE UMA ARQUITECTURA DE PODER*. Porto: FAUP, 2007 – 2008.

AUGÉ, Marc – *NÃO LUGARES INTRODUÇÃO A UMA ANTROPOLOGIA DA SOBREMODERNIDADE*. 4ª ED. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2016.

CALVINO, Italo – *AS CIDADES INVISÍVEIS*. 5ª ED. Alfragide: Dom Quixote, janeiro 2018.

CARERI, Francesco – *CAMINHAR E PARAR*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2017.

CARRASCO, Naraya, **DA COSTA**, Henrique Pinto, **SÉCA**, Rui Manuel - *PLANO MULTI-SETORIAL DE INVESTIMENTOS PARA INTEGRAR A RESILIÊNCIA ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS E O RISCO DE DESASTRES NA GESTÃO DA ZONA COSTEIRA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE*. São Tomé: IBRD IDA; GDRR; giz, junho 2017.

CULLEN, Gordon, Paisagem Urbana. 1º ED. Edições 70, fevereiro 2020.

DUARTE DE ALMEIDA, Isabel – *CONFERÊNCIA: UMA CONCEÇÃO SOBRE OS VAZIOS URBANOS E A REABILITAÇÃO DO NATURAL: DE ESPAÇOS INTERSTICIAIS A ZONAS DE LAZER E TRANSIÇÃO*. Lisboa: 2º Congresso Internacional da Habitação no Espaço Lusófono – CIHEL, março 2013

GUEDES, Manuel Correia *et al* - *ARQUITECTURA SUSTENTÁVEL EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE: MANUAL DE BOAS PRÁTICAS*. Lisboa: IST - Instituto Superior Técnico, 2015.

GEHL, Jan – *A VIDA ENTRE EDIFÍCIOS*. 1ª ED. Lisboa: Livraria Tigre de Papel e Cicloda, novembro 2017.

LOPES, João Baptista Gaspar – *PFM: COMPLETAR S. JOAQUIM: REPENSAR UMA COMUNIDADE EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE*. FAUL: Lisboa, dezembro de 2018.

LYNCH, Kevin – *A IMAGEM DA CIDADE*. Lisboa: EDIÇÕES 70, Lda. março 2017.

MALHEIRO, Joana Bastos, **MORAIS**, João Sousa - *SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE - AS CIDADES PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO*. Edições Caleidoscópio, 2013.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE – *OPORTUNIDADES REAIS DE INVESTIMENTOS NO SECTOR DAS PESCAS EM S. TOMÉ E PRÍNCIPE*. São Tomé e Príncipe: Ministério das Finanças, Comércio e Economia Azul: Direção das Pescas.

PAPE, Duarte; **REBELO DE ANDRADE**, Rodrigo, *AS ROÇAS DE SÃO TOME E PRINCÍPE*. Lisboa: Tinta da China

PALLASMAA, Juhani – *HABITAR*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2017.

PORTAS, Nuno (2007). A Cidade Como Arquitetura: Apontamentos de Método e Crítica. Lisboa: Livros Horizonte.

PÚBLICO, *FUGAS AO PÚBLICO: SÁO TOMÉ AO SABOR DO VENTO*. Jornal Público, 23 setembro 2006.

ROSSI, Aldo - A Arquitetura da Cidade. Lisboa: EDIÇÕES 70, Lda, março 2017.

ROQUE, Ana; **SEIBERT**, Gerhard; **MARQUES**, Vítor (2012). Actas do Colóquio Inter- nacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sin- crónica. Lisboa: ISCTE-IUL.

SANTOS, Albertino – *CARACTERIZAÇÃO DAS PESCARIAS ATIVAS NA ZONA SUL DE SÃO TOMÉ*. Projeto Kike da Mungu, MARAPA / DP / FAPP, outubro 2017

SOUSA, Estêvão da Glória Cravid e – *PFM URBANISMO: AS ROÇAS FACE AOS DESAFIOS DE MODERNIZAÇÕA E DESENVOLVIMENTO DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE: AS POTENCIALIDADES DA ROÇA "ÁGUA E IZÉ" ESTUDO DE CASO*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2009.

TANIZAKI, Junichiró – *ELOGIO DA SOMBRA*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, fevereiro 2016.

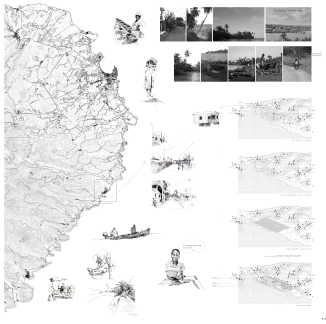
VEIGA, Abel - *PORTO PESQUEIRO DE 10 MILHÕES DE DÓLARES NA FORJA*. Téla Nón, 23 de Junho de 2014. *(https://www.telanon.info/economia/2014/06/23/16764/porto-pesqueiro-de-10-milhoes-de-dolares-na-forja/)*

WEBGRAFIA

http://www.esac.pt/noronha/manuais/bPF%20pescado.pdf

PEÇAS FINAIS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A ROÇA ÁGUA-IZÉ

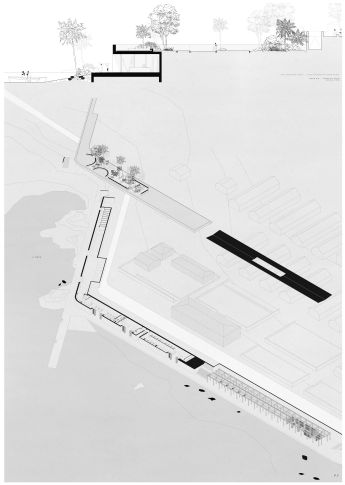

A G U A · I Z É

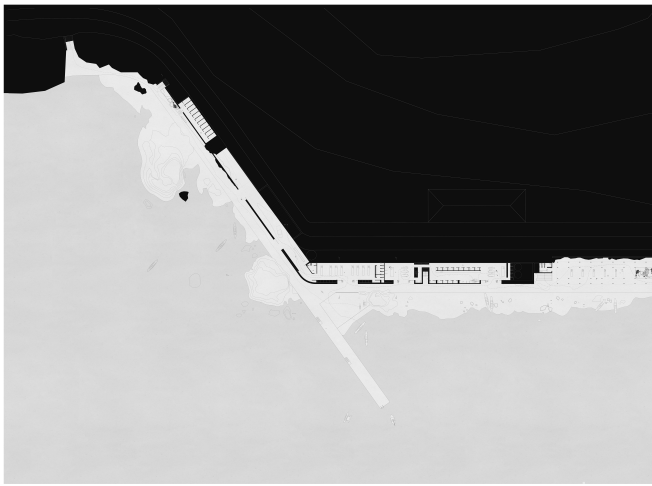






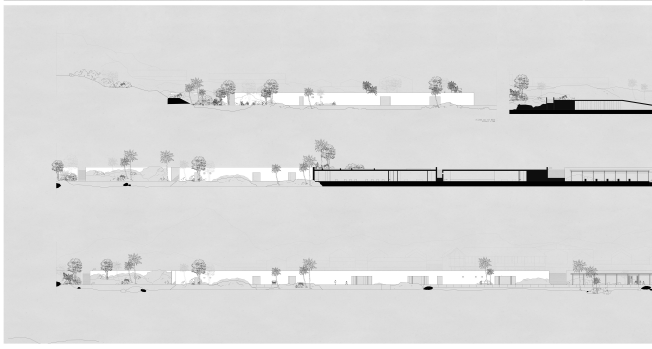


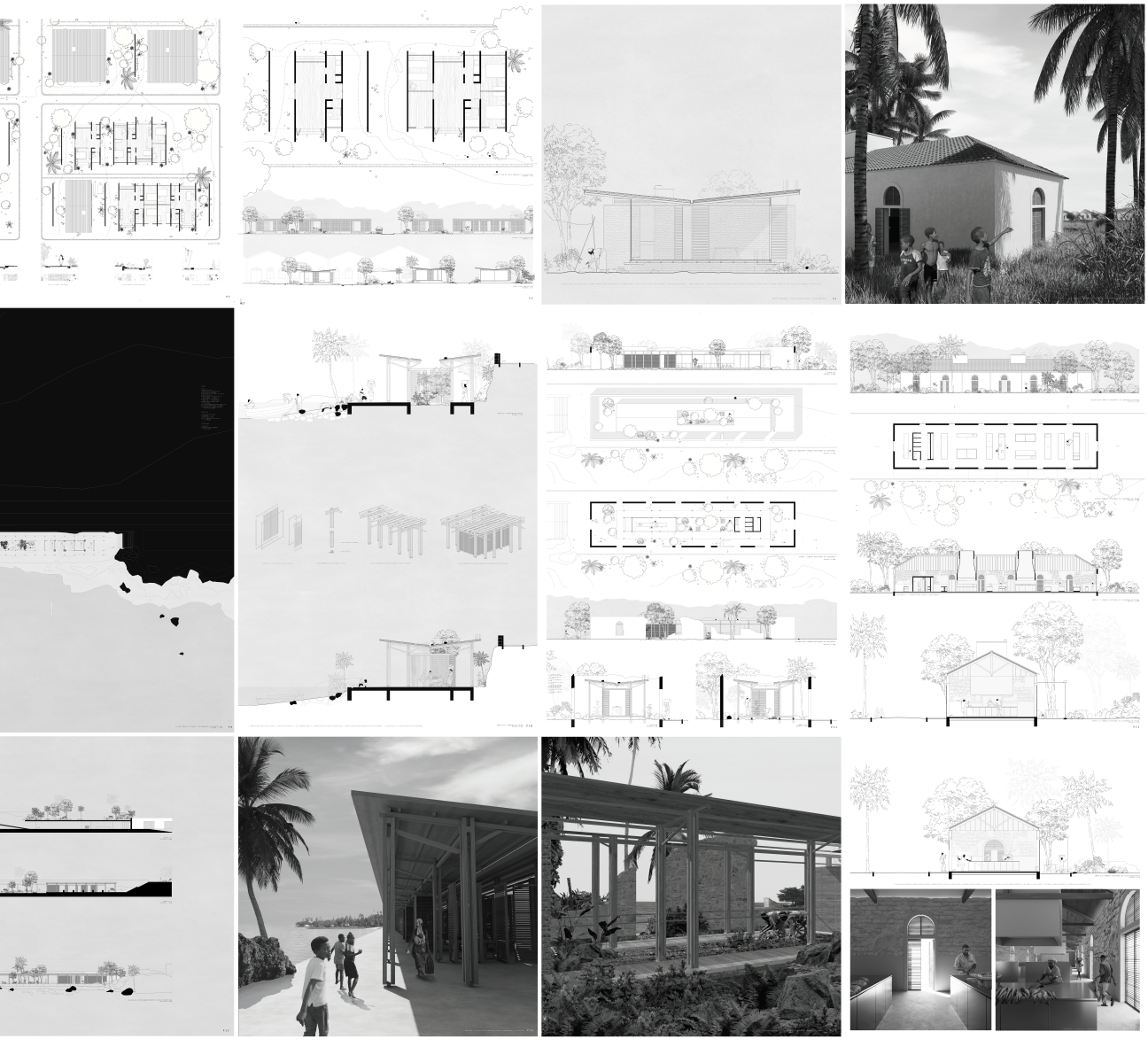














[130] . Maquete final.
A ilha 1:50000
Cartão canelado sobre contraplacado.



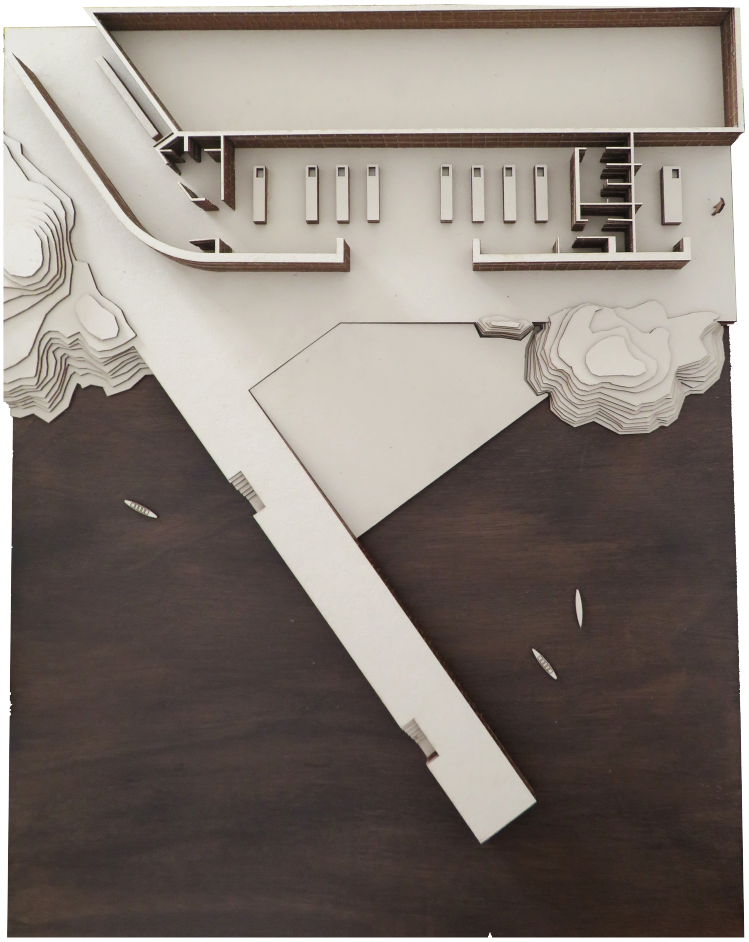
[131] . Maquete final.
Proposta plano urbano, 2022.
Cartão prensado sobre contraplacado.



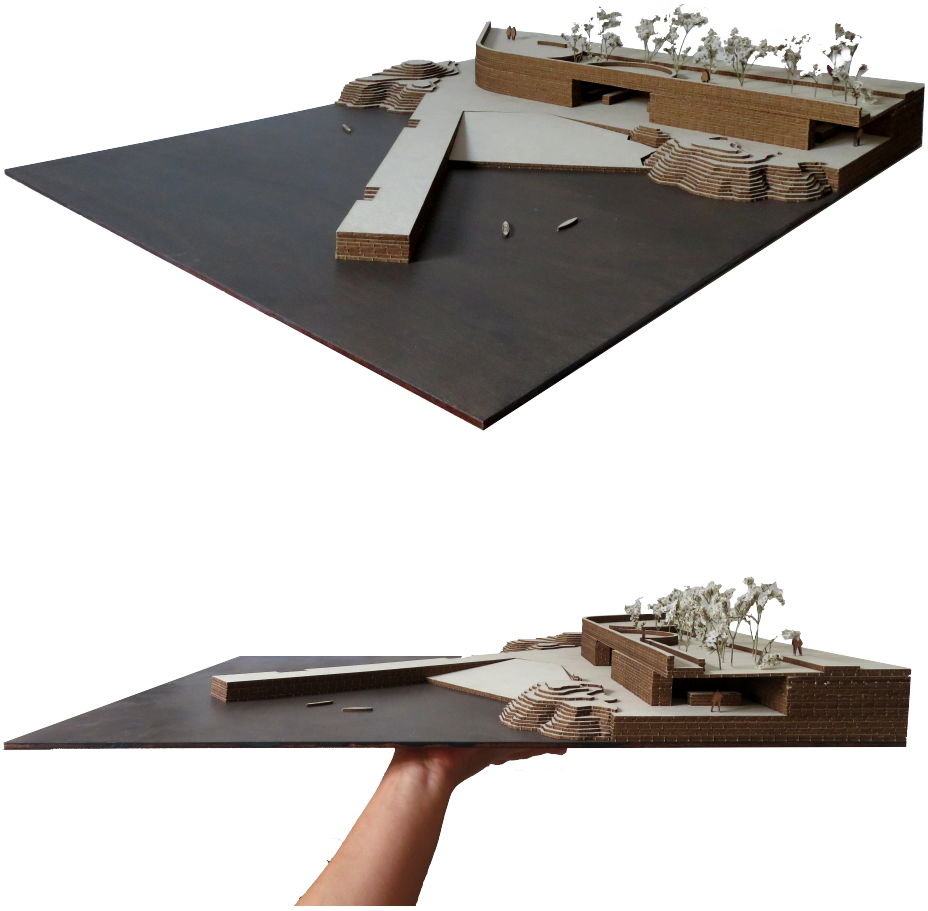
[132] . Maquete final.
Proposta plano urbano, escala 1:5000.
Cartão prensado sobre contraplacado.



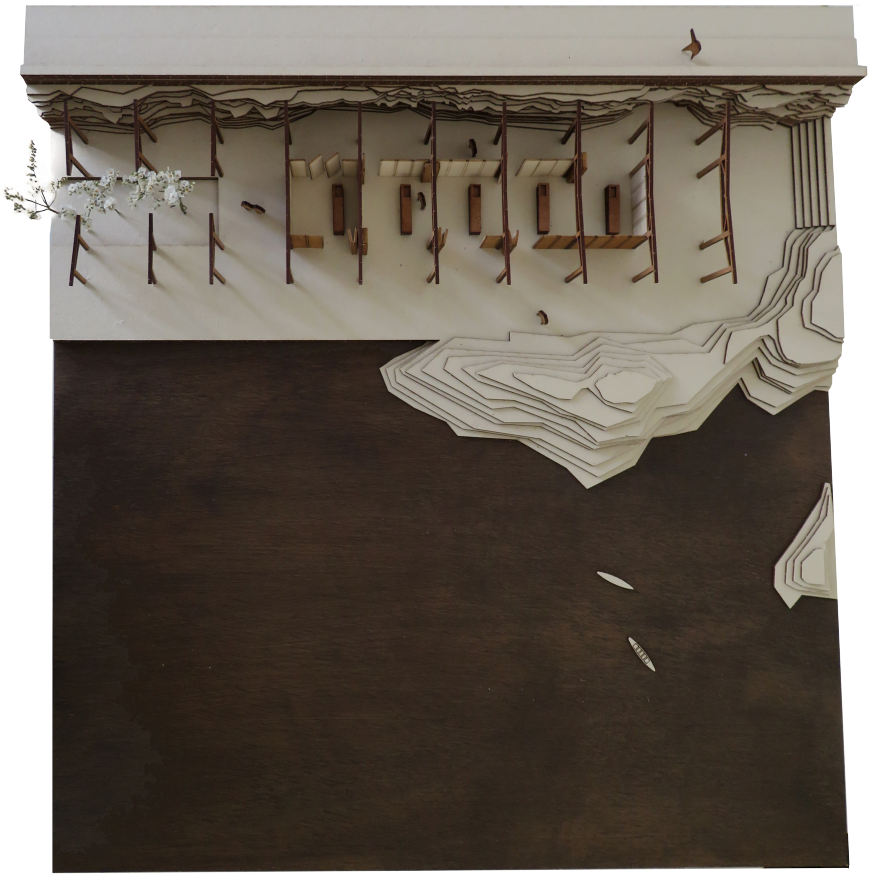
[133] . Maquete final.
Intervenção Frente-mar, escala 1:1000.
Cartão prensado sobre contraplacado.



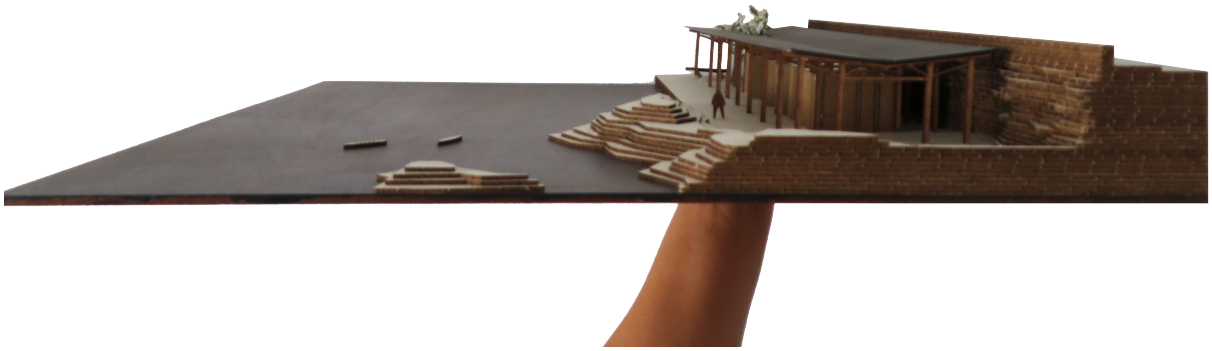
[134] . Maquete final.
A Lota, escala 1:1000.
Cartão prensado sobre contraplacado



[135] . Maquete final.
A Lota, escala 1:1000.
Cartão prensado sobre contraplacado.



[136] . Maquete final.
Mercado do peixe, escala 1:100.
Cartão prensado/balsa sobre
contraplacado.



[137] . Maquete final.
Mercado do peixe, escala 1:100.
Cartão prensado/balsa sobre
contraplacado.



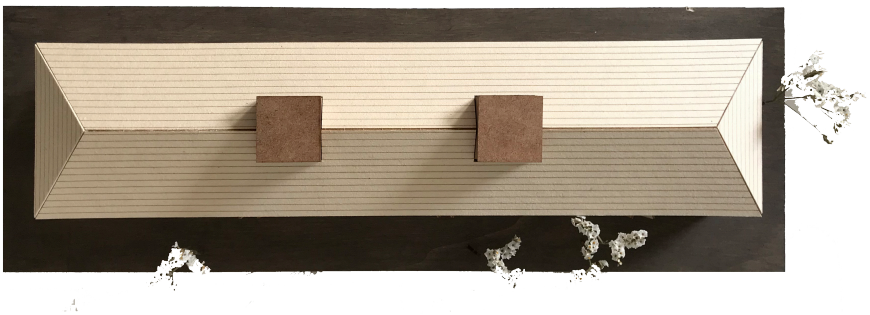
[138] . Maquete final.
Secador de Pimentas, escala 1:100.
Cartão prensado sobre contraplacado.



[139] . Maquete final.
Secador de Pimentas, escala 1:100.
Cartão prensado sobre contraplacado.



[140] . Maquete final.
A fábrica de conservas, escala 1:100.
Cartão prensado sobre
contraplacado.

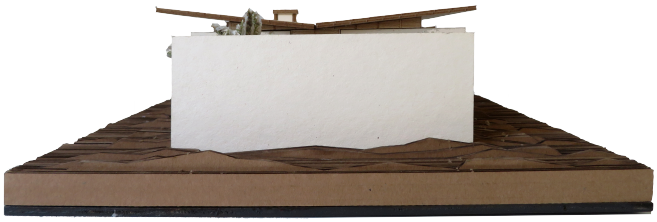




[141] . Maquete final.
A fábrica de conservas, escala 1:100.
Cartão prensado sobre
contraplacado.







[142] . Maquete final.
Habitação Evolutiva, escala 1:50.
Cartão prensado, sobre cartão canelado.







[143] . Maquete final.
Habitação Evolutiva, escala 1:50.
Cartão prensado, sobre cartão canelado.



[144] .Pormenor estrutura do mercado.
Escala 1:5.



[145] .Pormenor estrutura do mercado.
Escala 1:5.



[146] . Compilação do processo de trabalho.
Formato A3.
Cartão craft e papel vegetal 90gr.



[147] . Compilação do processo de trabalho.
Formato A3.
Cartão craft e papel vegetal 90gr.





documento definitivo
FA ULISBOA
Lisboa, Setembro, 2022